UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
***CAMPUS* DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

NELI GEHLEN MOTTA

OÁSIS DE PROGRESSO: O CENTENÁRIO E A CONSTRUÇÃO DE DISCURSOS SOBRE O PARANÁ

Marechal Cândido Rondon
2016

NELI GEHLEN MOTTA

OÁSIS DE PROGRESSO: O CENTENÁRIO E A CONSTRUÇÃO DE DISCURSOS SOBRE O PARANÁ

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História, Poder e Práticas Sociais. Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras – CCHEL – Campus de Marechal Cândido Rondon.

Orientadora: Profª Yonissa Marmitt Wadi

Marechal Cândido Rondon

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

Motta, Neli Gehlen
M921o Oásis de progresso: o centenário e a construção de discursos sobre o Paraná / Neli Gehlen Motta. – Marechal Cândido Rondon, 2016.
112 f.

Orientadora: Prof. Dr. Yonissa Marmitt Wadi

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2016.

1. Paraná - História. 2. Rocha Neto, Bento Munhoz da, 1905-1973. 3. Análise do discurso. I. Wadi, Yonissa Marmitt. II. Título.

CDD 22.ed. 981.62

CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini-Leitzke CRB-9/539

unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - http://www.unioeste.br
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História – mestrado e doutorado
Reconhecido pela Portaria Ministerial – MEC nº 1.077, de 31/08/2012, publicada no DOU de 13/09/2012.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA

Aos quatro dias do mês de março de 2016, às 8h30min, reuniu-se, em sessão pública, a banca examinadora da defesa de dissertação de mestrado em história constituída pelos professores Dr.ª Yonissa Marmitt Wadi (orientadora) (UNIOESTE), Drª Beatriz Anselmo Olinto (UNICENTRO) e Dr. Marcos Nestor Stein (UNIOESTE) para avaliarem o trabalho "Oásis de progresso: o centenário e a construção de discursos sobre o Paraná", apresentado pela pós-graduanda **Neli Gehlen Motta** para a obtenção do título de "Mestra em História" no Programa de Pós-Graduação em História da UNIOESTE, *Campus* de Marechal Cândido Rondon. A banca examinadora considerou o trabalho APROVADO. Nada mais havendo a constar, eu Yonissa Marmitt Wadi, orientadora do trabalho, lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora e pela pós-graduanda avaliada.

Marechal Cândido Rondon, 04 de março de 2016.

Yonissa Marmitt Wadi
Orientador

Beatriz Anselmo Olinto
Membro

Marcos Nestor Stein
Membro

Neli Gehlen Motta
Pós-graduanda

À minha mãe, Teresinha Maria Gehlen Motta

When I find myself in times of trouble
Mother Mary comes to me
Speaking words of wisdom, let it be

And in my hour of darkness
She is standing right in front of me
Speaking words of wisdom, let it be

Let it be, let it be
Let it be, let it be
Whisper words of wisdom, let it be

Let it be – The Beatles

AGRADECIMENTOS

O processo de elaboração deste trabalho foi também um processo de profundas e extensas transformações pessoais, profissionais e intelectuais. Enquanto trabalhamos e buscamos fazer o nosso melhor enquanto acadêmicos de uma pós-graduação, a vida não tira férias de nós, nem nós dela. É impossível separar o “eu” intelectual do “eu” filha, irmã, namorada/noiva/esposa, amiga, professora, mulher, sujeita da minha própria existência. Assim sendo, os agradecimentos devem dar conta de uma gama muito grande pessoas, pois durante este processo, estas pessoas foram também afetadas pelas mudanças e cada uma contribuiu significativamente para que a conclusão da pesquisa acontecesse. Todos que em algum momento desse trajeto cruzaram meu caminho, merecem agradecimentos, pois passaram deixando um pouco de si e levando um pouco de mim. Apesar disso, reconheço que alguns devem ser citados em especial.

Agradeço:

À minha família, aos meus pais que fizeram e fazem o seu melhor e muito mais por mim; aos meus irmãos e irmãs que são minha inspiração e motivação, pois carrego comigo os anseios de quem não teve a mesma chance que eu de estudar e buscar formação superior; aos cunhados e cunhadas; aos sobrinhos e sobrinhas, que por diversas vezes compreenderam minhas ausências, apesar de sempre querer mais atenção e mais brincadeiras; à minha “segunda família”, S. Ari, D. Cenira, Willian e nona Irena, que sempre fizeram eu me sentir em casa, partilhando comigo momentos de angústia e celebrando cada conquista. Ao meu amor, Ivan, pela infinita paciência, por cada pequeno gesto e por cada palavra de carinho nesses difíceis e conturbados anos; que a nossa parceria perdure e sustente o amor que construímos a cada dia. Obrigada, por tudo.

À minha orientadora, Prof. Yonissa Marmitt Wadi, por aceitar encarar este desafio comigo, que construímos a duras penas; por ter aberto caminhos intelectuais diversos e extremamente profundos, provocando “descaminhos do próprio eu”, e apesar de não tê-los percorrido como gostaria ou poderia, com certeza me influenciarão por toda a vida acadêmica, pessoal e profissional; agradeço pela generosidade, honestidade e sinceridade com que sempre me

tratou e por cada “puxão de orelha” dado sempre com o objetivo de me ver crescer.

Às minhas amigas de sempre, Débora, Didia, Fernanda e Mayara, pois souberam compreender cada negativa para encontros e passeios e me apoiaram em todos os momentos. À Mayara em especial por ter enfrentado comigo a “batalha” do mestrado, contribuindo sempre para a minha pesquisa com valiosíssimas discussões e trocas de ideias; e à Fer pela parceria no concurso, pelas informações trocadas, por cada conversa de encorajamento e alegria.

Aos colegas e às colegas do mestrado e também aos professores e professoras do PPGH, pois cresci e aprendi muito com cada um de vocês. À Iraci, secretária do Programa pela gentileza, o carinho e a atenção de sempre. Aos coordenadores do Programa no período em que estive vinculada: Prof. Davi Schreiner, Prof. Méri Frotscher e Prof. Márcio Both da Silva, por todo o auxílio que me prestaram, pela preocupação com o andamento do trabalho e com questões pessoais que enfrentei durante o percurso e por serem, acima de tudo, humanos, no trato com os acadêmicos e na resolução dos problemas e das dificuldades de cada um.

Ao prof. Marcos (Mancha), por tudo que me ensinou desde sempre; pela preocupação constante com o andamento da pesquisa, pela força dada em cada momento que fraquejei, pela contribuição intelectual e pessoal que levarei para sempre comigo.

Ao professor Cezar Karpinski pelas valorosas contribuições na banca de qualificação e aos professores Marcos Stein e Beatriz Olinto pela leitura atenta e por toda a contribuição na banca final, indicando novos e frutíferos caminhos a serem percorridos com muito mais afinco e dedicação.

Por fim, mas com igual importância, à CAPES e à Fundação Araucária pela bolsa a mim concedida durante 12 meses, que possibilitaram dedicação exclusiva aos assuntos do mestrado e foram intensamente proveitosos.

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é analisar discursos sobre o Estado do Paraná constituídos na primeira metade dos anos 1950, durante o governo de Bento Munhoz da Rocha Neto (1951-1955). Neste período ocorreram as comemorações pelo primeiro centenário de emancipação política do Estado (1953), o que contribuiu para a construção discursiva ora analisada. Tais comemorações fizeram o Paraná ganhar muita visibilidade no cenário nacional, além da enorme dizibilidade causada pela produção de inúmeros materiais, monumentos, bem como congressos e outros eventos, cuja proposição central era construir uma ideia sobre o Estado, sobre sua população, sua economia, além de instituir ou reforçar memórias e identidades. Apesar de muitos materiais revestirem-se de uma áurea científica, expondo como único objetivo a divulgação de fatos e dados estatísticos sobre o Estado, compreende-se, num conjunto mais amplo de análise, que eles contribuem para a construção de discursos sobre o Paraná, os quais são amplamente aceitos e difundidos, permanecendo até os dias atuais. O trabalho centra-se na análise de documentos compreendidos como oficiais, tendo em vista os locais onde foram produzidos, os órgãos pelos quais foram financiados e os sujeitos que ganham o direito de falar em nome do que se compreende como povo paranaense. As fontes analisadas foram: mensagens enviadas pelo governador à Assembleia Legislativa entre os anos de 1951 a 1956, a obra *1º Centenário de Emancipação Política do Paraná – 1853 – 1953 – Edição do Governo do Estado*, o livro de imagens *Paraná, Brasil* e o *Guia Globo de Exportação e Importação*.

Palavras-chave: Paraná; centenário do Paraná; análise do discurso; modernidade, progresso.

ABSTRACT

OASIS OF PROGRESS: THE CENTENNIAL AND THE CONSTRUCTION OF DISCOURSES ON PARANÁ

ABSTRACT: The aim of this study is to analyze official discourses about the state of Paraná made in the first half of the 1950, during the administration of Bento Munhoz da Rocha Neto (1951-1955). In this period there were celebrations for the first centenary of state political emancipation (1953), which contributed to the discursive construction now analyzed. Such celebrations made the Paraná gain much visibility on the national scene, as well as huge dizibilidade caused by the production of many materials, monuments, as well as conferences and other events, whose central proposition is to build an idea about the state of its population, its economy, as well as establishing or consolidating memories and identities. Although many materials coats is a scientific aura, exposing the sole purpose of disseminating facts and statistics on the state, to include a broader set of analysis, they contribute to the construction of discourses on the Paraná, which are widely accepted and widespread, remaining until today. The work focuses on the analysis of documents understood as officials, in view of the sites where they were produced, the organs for which they were financed, and the guys who make the right to speak on behalf of what is understood as Paraná people. The analyzed sources were messages sent by the Governor to the Legislative Assembly in the years 1951 to 1956, the work 1º Centenary of Emancipation Paraná Policy - 1853 to 1953 - State Government Edition, the book of Paraná images, and Brazil Guide Globe Export and Import.

Keywords: Paraná; centenary of Paraná; discourses analysis; modernity; progress.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Capa do álbum 1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná 26

Figura 2. Vila em construção 29

Figura 3. Homem de chapéu e um trabalhador numa serraria 34

Figura 4. Diferentes etapas de construção de vilas. 43

Figura 5. Trabalhadores numa queimada e capinando num acampamento. ... 42

Figura 6. Dois meninos 46

Figura 7. Mulher com área de campo ao fundo. 47

Figura 8. Menino sentado numa cadeira 48

Figura 9. Menino beijando um bebê com outras pessoas ao fundo 49

Figura 10. Homem com redes no ombro observando a cidade 51

Figura 11. Homem fumando com bagagens colocadas no chão 52

Figura 12. Movimento de pessoas em frente e dentro de alguns ônibus 53

Figura 13. Pessoas em movimento numa rodoviária 54

Figura 14. Menina estudando e homem idoso com chapéu 59

Figura 15. Meninos e meninas estudando 60

Figura 16. Homens fazendo comércio de itens diversos 62

Figura 17. Homens comercializando armas e equipamentos fotográficos [?] .. 63

Figura 18. Dois trabalhadores peneirando café 80

Figura 19. Cafezal, homem no balcão de um comércio, pés de erva-mate e trabalhador 82

Figura 20. Mata fechada e uma plantação de café 83

Figura 21. Anúncios sobre filmes japoneses sendo observados por crianças e homem servindo café 84

Figura 22. Mapa do Plano Rodoviário do Paraná 93

Figura 23. Projeto do Centro Cívico em Curitiba 95

Figura 24. Interior de uma igreja e casal andando na rua 96
Figura 25. Homem andando a cavalo na mata em direção a uma clareira 98

Figura 26. Fogo e fumaça numa área de campo..... 99

Figura 27. Homem em um acampamento e uma rua movimentada de uma cidade à noite 101

Figura 28. Carroça tracionada por um cavalo passando em frente ao prédio do Colégio Estadual do Paraná..... 102

Figura 29. Menino na rua e construções em uma cidade..... 103

Figura 30. Carros em movimento à noite na cidade..... 104

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. População entre 1872 e 1920 no Brasil e no Paraná

Tabela 02. Gastos previstos pelo governo estadual para o ano de 1953.

Tabela 03. Gastos previstos pelo governo estadual para o ano de 1952.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 13

2. CAPÍTULO 1 34

“Muita gente que chega, pouca gente que sai”: discursos sobre a constituição da população paranaense 34

a. A ocupação do Paraná como tema da historiografia contemporânea 36

b. A população em 1950: dizibilidade 41

3. CAPÍTULO 2 69

“Oficina do progresso”: produção racionalizada, cafeicultura e cooperativismo na construção do Paraná moderno 69

a. Fundação de assistência ao trabalhador rural: controle e racionalização da produção 70

b. O café como porta de entrada do Paraná na economia nacional 76

c. O cooperativismo como símbolo de união 86

4. CAPÍTULO 3 91

“Todos os caminhos levam... ao PAÍS DA TERRA ROXA!” 91

a. O Plano Rodoviário e a construção do Centro Cívico 92

b. Paraná – terra das sete maravilhas modernas do universo 98

c. Muita luz, muito movimento, muito progresso 102

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 107

FONTES 110

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 111

1. INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste trabalho é analisar discursos oficiais criados sobre o Estado do Paraná na primeira metade dos anos 1950, durante o governo de Bento Munhoz da Rocha Neto (1951-1955). Neste período ocorreram as comemorações pelo primeiro centenário de emancipação política do Estado (1953), o que contribuiu para a construção discursiva ora analisada.

Bento Munhoz da Rocha Neto foi eleito governador do Paraná em 1951[1], após ganhar as eleições concorrendo contra Moyses Lupion. Ambos tinham ligações com grandes nomes da política paranaense. Rocha Neto era filho de Caetano Munhoz da Rocha – Governador da Província do Paraná de 1920 a 1928 – e genro de Affonso Alves Camargo – Governador entre 1916 e 1920, período que teve Caetano como vice-governador, e de 1928 a 1930, quando foi deposto pelo governo de Getúlio Vargas. Somando os mandatos foram 14 anos de um revezamento entre os dois candidatos, que eram aliados, à frente da política paranaense.[2]

As comemorações do primeiro centenário do Estado, realizadas durante o mandato de Rocha Neto, contribuíram para uma maior visibilidade do Paraná no cenário nacional e até internacional e foram marcadas por uma intensa produção discursiva. Momentos de comemoração são comumente eleitos como marcos históricos, a partir dos quais são construídos ou forjados discursos, memórias e identidades, os quais têm como objetivo instituir uma determinada versão do momento atual, daquilo que está sendo comemorado, e recorrem, quando convém, ao passado.[3]

É neste sentido que o governo do Estado do Paraná investiu numa produção discursiva muito vasta, visualizada em aparatos diversos, como monumentos, prédios, livros, textos e imagens publicados em jornais e revistas, além de organizar seminários, congressos, etc.. Com vistas às comemorações,

---

1 Em 1950 Rocha Neto concorreu pelo PR (Partido Republicano), contando com o apoio da seguinte coligação: UDN (União Democrática Nacional), PRP (Partido da Representação Popular), PST (Partido Social Trabalhista), PL (Partido Libertador).

2 KUNHAVALIK, José Pedro. Bento Munhoz da Rocha Neto: trajetória política e gestão no governo do Paraná. In: OLIVEIRA, Ricardo de; SALLES, Jefferson de Oliveira; KUNHAVALIK, José Pedro. **A construção do Paraná moderno**: políticos e política no Governo do Paraná de 1930 a 1980. Curitiba, PR: SETI, 2004.

3 SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/ comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, 436 p., 2002.

desenvolveu-se gradualmente o que poderíamos chamar de uma tentativa de síntese sobre o Paraná, ou seja, através de elementos diversos – como população, economia, política –, houve a tentativa de apresentar, de maneira homogênea, o que era o Estado naquele momento. Estes enunciados ganharam mais força por serem considerados oficiais, haja vista os locais onde foram produzidos e/ou os órgãos pelos quais foram financiados.

As tentativas de síntese sobre o Paraná, expressas através de determinados enunciados, em pronunciamentos do governador, mensagens a Assembleia Legislativa ou outras publicações oficiais, apresentam-se como um problema relevante de pesquisa, não só porque homogeneízam, desconsideram e silenciam possíveis conflitos e contradições, mas também porque visam instituir uma verdade sobre este Estado da federação, deslegitimando outras possíveis versões. Na busca por construir o Paraná como um lugar de progresso e desenvolvimento, como uma terra prometida, uma nova Canaã, os representantes governamentais – com destaque ao então governador Bento Munhoz da Rocha Neto, arauto deste discurso – agiram estrategicamente, através de práticas, ferramentas e instituições que visavam ordenar, classificar e disciplinar a população, a economia, a produção, o crescimento das cidades, entre outros.

A ideia de um caldeamento de raças é apresentada em diversos momentos e sugere justamente a síntese que se buscava. Sobre este aspecto Rocha Neto afirma que

> Fundem-se no Paraná, subordinadas ao elemento disciplinador do nosso poder de adaptar, quase todas as raças europeias [...] Só em futuro muito remoto fixaremos o nosso homem-padrão, homogeneizado por um lento caldeamento de caracteres distintos.[4]

Rocha Neto congregava os discursos daquele momento sob sua perspectiva, a qual era de, lentamente, incutir nos diversos sujeitos que se dirigiam para o Paraná modos de vida, cultura e trabalho que proporcionariam o surgimento de um tipo específico paranaense. Mesmo este tipo sendo a expressão de características étnico-culturais diversas – o europeu, o

---

[4] ROCHA NETO, Bento Munhoz da. **O Paraná, Ensaios**. Curitiba, PR: Coleção Farol do Saber, 1995. p. 42

nordestino, o paranaense, etc. – seria possível, na visão do governador, fundir estes elementos e formar, então, um homem tipicamente paranaense. Na construção desse aparato discursivo é possível notar referências a elementos muito destacados em outros momentos da história do Paraná, principalmente nos períodos de efervescência do Paranismo[5] – pós emancipação política, em 1853, e por volta de 1920. Exemplo disso é a menção que Rocha Neto faz à natureza do Estado, com destaque ao pinheiro:

> Se o paranaense, como grupamento étnico, não pode assim existir, é inteiramente falso que não tenhamos "uma natureza característica". Aí está o pinheiro. [...] Mas o pinheiro grande, altivo e nobre, é o nosso pinheiro. Grande e nobre como o paranaense, que agasalha o forasteiro com todo o seu carinho, dá-lhe o melhor que tem [...] O pinheiro ereto e dominador simboliza o Paraná.[6]

Rocha Neto admite não haver um tipo étnico específico do Paraná – o que justifica sua tentativa de construí-lo quando assume o governo – mas enaltece o pinheiro como símbolo maior e incontestável do Estado, fazendo ainda um paralelo entre a árvore e as gentes do Paraná, numa tentativa de construção de uma identidade paranaense. Os ensaios escritos por Rocha Neto assinalam seu posicionamento intelectual e político, anunciado diversas vezes enquanto era deputado e também depois de assumir o poder executivo. Logo após o fim do Estado Novo, em 1945, os discursos regionalistas ganham novo fôlego e ocorre o retorno a antigas narrativas para reforçar e criar novas regularidades discursivas, na busca por estabelecer as características específicas de cada Estado ou região, o que havia sido massacrado pelo regime de Getúlio Vargas na tentativa de nacionalizar o território, as identidades e os discursos.[7]

Ao longo das décadas seguintes são notáveis discursos divergentes deste, que não buscam mais homogeneizar, mas sim justapor as

---

[5] O Paranismo pode também ser chamado de Movimento Paranista, sem que as duas expressões signifiquem necessariamente a mesma coisa. Uma discussão sobre os conceitos pode ser encontrada em: SALTURI, Luis Afonso. Paranismo, movimento artístico do sul do Brasil no início do século XX. **Perifèria**. n 11, dez. 2009, p. 1-22

[6] ROCHA NETO, Bento Munhoz da. **O Paraná, Ensaios**. Curitiba, PR: Coleção Farol do Saber, 1995. p. 43

[7] PEREIRA, Luis Fernando Lopes. **Paranismo: cultura e imaginário no Paraná da I República**. 1996 Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

características lado a lado, construindo o que os autores da época chamaram de mosaico étnico-cultural.[8] A ideia do mosaico foi mais difundida e aceita, instituindo-se como verdade sobre o Estado e sendo repetida ainda hoje. Este é o caso, por exemplo, do texto de apresentação do site da Secretaria do Esporte e do Turismo do Estado, que destaca o mosaico como atrativo para os turistas dirigirem-se ao Paraná:

> O Paraná afirma-se como um dos mais completos destinos turísticos do Brasil. As Cataratas do Iguaçu - conjunto com mais de duas centenas de quedas d'água - são o principal cartão postal do estado. Em todas as regiões a estrutura hoteleira e de serviços é excelente, com destaque para Foz do Iguaçu e para a capital Curitiba.
> Curitiba é moderna, sofisticada, cosmopolita, com um diversificado circuito histórico, cultural e gastronômico. Especialmente na arquitetura e na gastronomia nota-se grande influência européia, herança dos imigrantes portugueses, italianos, alemães, poloneses, ucranianos e de outros povos que formam o **mosaico étnico-cultural do Paraná**.[9]

O caldeirão e o mosaico não são discursos excludentes, apenas servem para justificar práticas distintas. No período de comemoração do centenário o que os governantes buscavam era criar ou reforçar uma identidade para o Estado, pois na perspectiva da época era importante deixar bem definidos os limites étnicos, culturais e raciais, a fim de fortalecer as fronteiras locais, regionais e nacionais. Contudo, devido à diversidade com que o Paraná foi constituído, posteriormente a noção de mosaico passou a ser mais aceita e difundida.

Várias pesquisas recentes sobre aspectos da história paranaense no período definido como recorte temporal desta dissertação possibilitaram construir a problemática da mesma, no sentido anteriormente indicado. Com o intuito de compreender outros aspectos da ocupação e da formação do território paranaense, bem como investigar as tentativas de construir uma identidade para o Estado, vinculada a ideais de progresso e desenvolvimento,

---

[8] Sobre este aspecto vide, por exemplo: ELFES, Albert. Campos Gerais: Estudo de Colonização. Curitiba: INCRA, 1973. Uma reflexão importante sobre a constituição da identidade paranaense a partir do mosaico étnico-cultural é: STEIN, Marcos. Imigração, colônias agrícolas e etnicidade: uma análise sobre discursos de identificação no Paraná. **História: Debates e Tendências** – v. 14, n. 1, jan./jun. 2014, p. 108-123

[9] Disponível em: http://www.turismo.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=220 Acesso em maio de 2016. Sem grifo no original.

as obras comentadas a seguir contribuíram para uma ampliação do conhecimento acerca do objeto ora estudado, permitindo um aprofundamento de questões já levantadas pelos autores.

Segundo Aparecida da Silva Bahls, em sua dissertação de mestrado *A busca de valores identitários: a memória histórica paranaense*[10], no ano de comemoração do primeiro centenário (1953) é possível perceber que alguns dos discursos mais recorrentes eram os de afirmação de uma identidade para o Estado. O governo buscava definir, a partir da construção de marcos comemorativos, o que era o Paraná e o que era "ser paranaense". Para a autora,

> ... sob o véu das comemorações de 1953 e seus marcos referenciais, o poder público estava investindo na construção de uma identidade paranaense, uma construção identitária que vinha sendo posta em evidência desde a criação da Província.[11]

O eixo central do trabalho de Bahls é a construção dessa identidade[12] ao longo do tempo, fixada por símbolos e monumentos distribuídos em diversos pontos estratégicos, principalmente na capital, Curitiba. A autora compreende o momento de comemoração do centenário como ponto alto desse processo, no qual interesses diversos entraram em conflito e acabaram definindo os caminhos pelos quais se construiria a identidade do Estado. Em sua interpretação, o governador Bento Munhoz da Rocha Neto desempenhou papel fundamental neste momento, pois seus interesses cosmopolitas, de transformar o Paraná em um Estado moderno, à imagem, principalmente, de São Paulo, tiveram de se interpor com os de parte da elite, ainda muito tradicional e fechada às transformações da modernidade, pois tinha como base de sua riqueza e de seu poder o controle sobre a terra e a produção agrícola.

Outra questão para a qual chama à atenção a historiografia paranaense é que, ainda em meados do século XX, uma das maiores preocupações do

---

10 BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. A busca de valores identitários: a memória histórica paranaense. Curitiba, Dissertação (Mestrado), UFPR, 2007.

11 Ibidem. p. 11

12 Bahls utiliza a noção de identidade como "uma construção simbólica. Sendo assim, não existiria uma identidade real, autêntica, mas uma pluralidade de identidades, elaboradas por grupos sociais diversos, em momentos históricos distintos." BAHLS, Aparecida Vaz da Silva, op. cit. p. 17

governo era a ocupação do território. Esta (re)ocupação[13], contudo, deveria ser gerenciada e organizada a fim de garantir o sucesso do empreendimento. A vinda de nacionais para o Estado, principalmente nordestinos, não era bem vista e muito se investiu na instalação de imigrantes, principalmente os de origem europeia. Segundo Liliane Freitag

> ... durante os governos Moisés Lupion (1947-1951 e 1956-1961) e Bento Munhoz da Rocha Neto (1951-1955) época onde preocupações políticas expressas pelos viajantes, aspirações identitárias "paranistas" e política migratória ganham força institucional do Estado. Os destacados governadores criaram propostas para reverter as baixas taxas populacionais [...] Férteis também, foram os apelos políticos para a ocupação de espaços para a produção agrícola e, por extensão para o progresso do Estado...[14]

Marcos Nestor Stein, em seu livro *O oitavo dia: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios – PR (segunda metade do século XX)*[15]indica que a organização de colônias, em especial a Colônia de Entre Rios, formada por suábios[16] em 1953, na região de Guarapuava, seguiu uma série de planejamentos, reuniões e negociações entre o governo do Brasil e dos países de origem dos colonos. A fim de garantir a ocupação desejada, o governo estadual negociou com imigrantes e entidades que os representavam, desapropriou fazendas na região de Guarapuava e promoveu a instalação do grande núcleo colonial de Entre Rios, composto por cinco vilas. O processo de formação deste núcleo ocorreu durante o governo de Rocha Neto e teve seu ápice no ano de comemoração do centenário, com desfile dos imigrantes, no dia 19 de dezembro em Curitiba. Além disto, em seu livro Stein examina uma forma de organização bastante incentivada e difundida pelo governo naquele

---

[13] O termo (re)ocupação é usado com base na noção usada por Liliane Freitag, que, ao analisar os processos de instalação de novos contingentes populacionais no extremo-oeste paranaense afirma que "Transformada em espaço produtivo face ao processo de (re)ocupação territorial, o século XX construirá para esse espaço outras representações. A nova organização espacial forjada pelo século XX, concorrerá para transformar as imagens que envolviam uma suposta terra vazia em terra mercadoria. Cf. FREITAG, Liliane da Costa. **Extremo-oeste paranaense:** história territorial, região, identidade e (re)ocupação. 2007. 209 p. Tese (Doutorado em História) – UNESP, Franca, São Paulo, 2007.

[14] Ibidem. p. 91

[15] STEIN, Marcos Nestor. **O oitavo dia**: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios – PR (segunda metade do século XX). Guarapuava: UNICENTRO, 2011.

[16] *"Donaushwaben, ou 'suábios do Danúbio', é como se identificam os imigrantes oriundos da antiga Iugoslávia, Hungria e Romênia, e seus descendentes que vivem na Colônia Entre Rios, no município de Guarapuava, Centro-Sul do Estado do Paraná."* STEIN, Marcos Nestor. Ibidem. p. 25

período: o cooperativismo. A investigação feita sobre a formação desta colônia e sobre a construção de sentidos identitários[17] por parte dos seus habitantes é extremamente pertinente à pesquisa ora apresentada, pois evidencia, de maneira mais aprofundada alguns dos discursos encontrados nas fontes oficiais analisadas, os quais buscam criar uma imagem positiva, moderna e progressista do Paraná – um oásis –, estimulando assim, o interesse e a vinda de imigrantes e investidores para o Estado.

Contudo, conforme demonstra uma das mensagens enviadas por Rocha Neto à Assembleia Legislativa, analisadas nesta dissertação e que será problematizada com mais rigor posteriormente, havia também uma forte preocupação com os migrantes nacionais:

> Já estão prontas as hospedarias de Maringá e Peabiru através das quais o Estado prestará assistência mais direta aos nacionais, principalmente aos nordestinos que, mais uma vez batidos pela inclemência das secas, procuram o Paraná em ondas sucessivas.[18]

Em diversos momentos há referências aos "nordestinos", quase sempre os associando à seca, à fome e à miséria. Além disso, quando o governo reconhecia a existência de problemas de ordem policial, os atribuía aos pobres e desajustados que chegavam ao Paraná em ondas insistentes. Estes, diferente daqueles – imigrantes estrangeiros – deviam ser vigiados mais de perto e conduzidos aos caminhos da civilização, missão que cabia ao bom povo do Paraná. Assim, para além de perscrutar os interesses na vinda de imigrantes, por parte do governo estadual, este trabalho dá especial atenção aos discursos sobre os migrantes nacionais, que são estereotipados, vigiados e controlados, postos, enfim, a serviço do tão desejado progresso, conduzidos à civilização e à moral, enquanto os de origem estrangeira, selecionados já na

---

[17] Na perspectiva adotada pelo autor, com base em Stuart Hall, “a identidade não é algo pronto, imutável, uma essência fixa, mas dinâmica, construída e reconstruída ‘[...] por intermédio da memória, fantasia, narrativa e mito [...].STEIN, Marcos Nestor. **O oitavo dia**: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios – PR (segunda metade do século XX). Guarapuava: UNICENTRO, 2011. p. 28-29

[18] PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 3ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1953. p. XIII

Nesta e nas demais citações oriundas das fontes manteve-se a grafia original.

sua origem, vinham, ou pelo menos o governo espera que viessem, prontos a realizar o projeto de desenvolvimento almejado.

Apesar do tom que segue a mensagem anteriormente citada, não podemos analisar a vinda de migrantes nacionais como uma forma de deslocamento espontânea. José Miguel Arias Neto, em seu livro *O Eldorado. Representações da política em Londrina (1930-1975)*[19] faz uma extensa análise do caso específico de Londrina e demonstra de que maneira foram construídas representações sobre aquela cidade e região com o objetivo de, inicialmente, atrair investimentos – Londrina, como a "terra da promissão" – e, posteriormente, mão de obra – Londrina, como o "eldorado". Segundo o autor, em uma clara alusão ao movimento de ocupação e exploração do território nacional conhecido como “bandeiras”, o projeto posto em prática em Londrina, além de outras cidades, objetivava encontrar as riquezas ainda inexploradas do norte paranaense:

> Se no Norte do Paraná não havia as minas de ouro descobertas pelos bandeirantes paulistas nos séculos XVII e XVIII, os empreendedores da moderna Marcha para Oeste poderiam transformar através do trabalho, as riquezas naturais do norte e a fertilidade da terra, em ouro.[20]

O controle de doenças da população, o que ocorria através dos projetos de saneamento feitos no Estado, é também tema de destaque nos documentos utilizados nesta dissertação. Deisi Rizzo, em seu livro *Saneamento e sertão: discursos médicos, políticas sanitárias e colonização no Paraná*, já havia problematizado tal questão, demonstrando que os investimentos governamentais nestes projetos se apoiavam em discursos médicos e sanitaristas muito anteriores, e tinham como objetivo principal interferir nos processos de colonização do Estado, definindo como estes deveriam acontecer para que as condições de sanidade fossem satisfatórias. Na análise da ocupação do oeste paranaense, na década de 1950, Rizzo indica que:

> As práticas de saúde pública e os projetos de medicina social coletiva que emergiram nesse período não podem ser desarticulados de inúmeros fatores, como sua vinculação ao

---

[19] ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**. Representações da política em Londrina (1930-1975). Londrina, PR: EDUEL, 2008.
[20] Ibidem. p. 57.

> controle social na perspectiva da higiene e do sanitarismo e com as relações entre Estado e saúde, que foram gestadas nas primeiras décadas do século XX.[21]

Deste modo, é possível afirmar que havia um interesse muito grande em gerenciar a população, selecionar os grupos que se instalariam no Estado e promover políticas sanitaristas que atendessem aqueles considerados inadequados à ocupação, os conduzindo a práticas consideradas aceitáveis. Investia-se muito na vinda de imigrantes, considerados necessários para o desenvolvimento da agricultura, principalmente das lavouras de café, produto que assumiu o posto de mais importante para a economia paranaense naquele período. Além do governo sobre a população, havia especial atenção aos aspectos econômicos, pois nem todas as atividades eram consideradas importantes e a produção cafeeira merecia destaque. São estes os elementos que mais chamaram minha atenção dentro da vastíssima produção discursiva do início dos anos 1950 no Paraná.

Assim, a ideia que impulsionou esta pesquisa considera que se engendraram determinadas construções discursivas, no período imediatamente anterior e no ano de comemoração do centenário, e em alguma medida elas se estendem para além deste momento de comemoração, chegando, talvez, até os dias atuais, criando interpretações e/ou justificando e instituindo ações políticas, econômicas e sociais sobre o Paraná.

A análise ora proposta tem como base teórico-metodológica o uso de algumas noções básicas desenvolvidas por Michel Foucault. A primeira e mais importante delas é o discurso, concebido aqui como o conjunto ordenado de enunciados que induz e regula a produção de saberes, estratégias e práticas próprios de um período particular.[22] O que define a ordenação destes discursos são as relações de poder estabelecidas pelos sujeitos, o que é outro importante conceito utilizado e indica não uma dualidade entre bem e mal, ou entre aquilo ou aquele que controla e o que é controlado, pois “como o poder seria leve e fácil, sem dúvida, de desmantelar, se ele não fizesse senão vigiar, espreitar, surpreender, interditar e punir; mas ele incita, suscita, produz; ele não é

---

[21] RIZZO, Deisi. **Saneamento e sertão**: discursos médicos, políticas sanitárias e colonização no Paraná. Guarapuava: UNICENTRO, 2012, p. 45.
[22] REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos, SP: Claraluz, 2005, p. 37.

simplesmente orelha e olho; ele faz agir e falar."[23] O que indica, primeiramente, que os discursos devem ser analisados no seu contexto específico de produção, dentro dos sistemas de poder que levam os sujeitos a aceitá-los e reproduzi-los como verdadeiros.

As proposições de Foucault auxiliam também no sentido de evidenciar a lógica que gere a preocupação estatal com a população: a governamentalidade. Neste sentido, a partir do gerenciamento da população, isto é:

> A partir do momento em que se pode fazer entrar, no campo não apenas da teoria, mas também da prática econômica, esse novo sujeito, novo sujeito-objeto que é a população, e isso sob seus diferentes aspectos, aspectos demográficos, mas também como papel específico dos produtores e dos consumidores, dos proprietários e dos que não são proprietários, dos que criam lucro e dos que recolhem o lucro, creio que a partir do momento em que se pôde fazer entrar no interior da análise das riquezas o sujeito-objeto que é a população [...] então parou-se de fazer a análise das riquezas e abriu-se um novo domínio de saber, que é a economia política.[24]

Portanto, o controle sobre as pessoas não se dá de maneira somente individual, ou somente coercitiva, mas sim sobre um todo genérico e abstrato – a população –, mas que é, ao mesmo tempo, singular e objetivo, visto que é sobre os indivíduos que compõem este todo que o poder age. Trata-se, assim, do que Foucault chama de biopolítica a qual "implica, entretanto, não somente uma gestão da população, mas um controle das estratégias que os indivíduos, na sua liberdade, podem ter em relação a eles mesmos e uns em relação aos outros."[25] Mas isto não significa que a disciplina foi abandonada. Esta, entendida como um conjunto de "técnicas de coerção que exercem um esquadrinhamento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos e que atingem particularmente as atitudes, os gestos, os corpos"[26]

---

[23] FOUCAULT, M. (2003) A vida dos homens infames. In: Estratégia, poder-saber. **Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 203-222. S/N

[24] FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**: curso dado no College de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

[25] REVEL, Judith. op. cit. p. 55

[26] Ibidem. p. 35.

foi, ao contrário, mais importante e mais valorizada a partir do momento em que se tenta gerir a população.[27] Pois, segundo Foucault,

> Gerir a população não quer dizer gerir simplesmente a massa coletiva dos fenômenos ou geri-los simplesmente no nível de seus resultados globais. Gerir a população quer dizer geri-la igualmente em profundidade, em fineza, e no detalhe.[28]

Corroborando tal perspectiva, Céli R. J. Pinto afirma no artigo *Elementos para uma análise de discurso político*, que o discurso não é apenas uma operação linguística, mas também um complexo mecanismo de atribuição de significados ao real, ao mundo em que vivemos, há sempre a necessidade de localizá-lo no tempo e no espaço específico de sua produção. Assim, torna-se também imprescindível compreender os processos sociais que envolvem sua construção, além de reconhecer a importância de localizar o discurso político como tendo um poder específico, com maior possibilidade de fixar os sentidos que atribui, pelo seu alcance e pelos mecanismos de que dispõe para sobrepor a sua verdade a outras.[29] Isso não significa, no entanto, que ele age sobre os outros, mas sim que, inserido dentro de uma regularidade discursiva – da qual fazem parte também discursos produzidos em outras instituições e por outros sujeitos – produz a realidade, cristalizando interpretações e visões sobre o Paraná.

A ideia de progresso aparece recorrentemente nas fontes, alimentando um imaginário construído a partir dele. Sobre essa questão, Gilberto Dupas alerta que

> Seria uma insensatez negar os benefícios que a vertiginosa evolução das tecnologias propiciou ao ser humano no deslocar-se mais rápido, viver mais tempo, comunicar-se instantaneamente e outras proezas que tais. Trata-se aqui de analisar a quem dominantemente esse progresso serve e quais os riscos e custos de natureza social, ambiental e de sobrevivência da espécie que ele está provocando; e que catástrofes futuras ele pode ocasionar. Mas, principalmente, é

---

[27] FOUCAULT, M. A governamentalidade. In*:* **Microfísica do poder**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997, p. 277-293

[28] Ibidem, p. 302.

[29] PINTO, Céli Regina Jardim. Elementos para uma análise de discurso político. **Barbarói**, nº 24, ano 2006/1, p. 78-109.

> preciso determinar quem escolhe a direção desse progresso e com que objetivos.[30]

Os pontos ressaltados por Dupas são extremamente pertinentes para esta análise. A todo instante as mensagens, os textos acadêmicos, as imagens e suas legendas, definem o progresso como fim maior da sociedade. É como se os indivíduos só fossem importantes na medida em que seu trabalho e sua boa índole contribuíssem para o desenvolvimento de toda a sociedade paranaense. A generalização acaba por sufocar anseios e necessidades individuais, ou de pequenos grupos, em nome de um suposto bem maior e comum a todos. Cabe, então, questionar se este progresso atinge a todos igualmente, tal qual é sua pretensão idealizada, ou se se trata, talvez, de mais uma tática discursiva dos grupos que estão no comando das decisões políticas, com vistas a impor suas verdades à população.

Além dos pressupostos teórico-metodológicos já citados, há que se dar destaque ao trato com as fotografias, material privilegiado na pesquisa historiográfica ora apresentada. Difundido mundialmente com o advento do fotojornalismo, o registro fotográfico assume diferentes aspectos dependendo do meio em que está sendo reproduzido. Como dito anteriormente, em jornais e revistas, por exemplo, a fotografia geralmente é tratada como um recorte, temporal e espacial, daquilo que realmente aconteceu. Esta, contudo, não é a visão mais aceita pelos historiadores, que buscam contextualizar a produção da imagem, identificando seu autor, os interesses, o que ela mostrou e o que escondeu. Além disso, na análise de um livro de imagens, por exemplo, é interessante observar também a ordenação das fotos, as escolhas, as omissões e os destaques feitos.

Susan Sontag, na obra *Sobre fotografia*, contribui com as reflexões em torno da fotografia e o papel social que esta desempenha. A autora traça um paralelo entre o crescente uso de fotografias e o mito da caverna, de Platão, afirmando que “A humanidade permanece, de forma impenitente, na caverna de Platão, ainda se regozijando, segundo seu costume ancestral, com meras imagens da verdade.”[31] Sontag trata da disseminação da prática de fotografar entre os mais diversos grupos sociais. Ela afirma que se desenvolveu ao longo

---

30 DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**; ou progresso como ideologia. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

31 SONTAG, Susan. Sobre Fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

do tempo uma “ética do ver”, ou seja, nem tudo é fotografavel, nem tudo vale a pena fotografar, e são os códigos sociais que estabelecem o que merece nossa atenção enquanto fotógrafos em potencial.

Partindo para uma análise mais cognitiva, Sontag trata da importância que as fotos adquiriram em nossas vidas, sendo constantemente vistas como pedaços de vida, partes do mundo, recortes que guardamos, colecionamos, como forma de apreender o mundo em que vivemos. Fotografar, segundo a autora, é apropriar-se da coisa fotografada. Assim, fotografar é também um ato de poder, pois “imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo, mas sim pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir.”[32]

A respeito da função social da fotografia, Sontag analisa que, no início, esta não estava bem delineada, mas que, no entanto, recentemente, tirar fotos tornou-se um passatempo, podendo ser considerada, sobretudo, como “um rito social, uma proteção contra a ansiedade e um instrumento de poder.”[33] Na tentativa de estabelecer uma crítica sobre a prática fotográfica atual e os usos que se faz das imagens, Sontag chega a considerar que “hoje, tudo existe para terminar numa foto”[34], haja vista a disseminação, ou a massificação, como analisou Walter Benjamin[35], que ocorre com as imagens, sendo consideradas por muitos como substitutas da escrita e de outras formas de expressão.

Portanto, é imprescindível que as imagens, nas suas mais diversas formas e expressões, sejam tratadas, assim como outras fontes históricas, enquanto interpretações de fatos e processos, necessitando de crítica e historicização, sendo percebidas como formas de expressão de sujeitos diversos, que veem nelas uma forma de compreender e explicar o mundo em que vivem.

É a partir desta base brevemente apresentada que foram construídas as análises e discussões deste trabalho, sob a perspectiva de que o social é resultante de constantes atritos e jogos diversos. Ao considerar a linguagem como forma de organizar o mundo, percebe-se a análise do discurso como uma das principais ferramentas que pode ser utilizada para compreender e

---

32 SONTAG, Susan. Sobre Fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 14-15
33 Ibidem, p. 18
34 Ibidem, p. 35
35 BENJAMIN, WALTER. Obras Escolhidas. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

explicar a sociedade e os indivíduos. Neste sentido, os sujeitos não são vistos como fixos em pólos opostos, em posições específicas de um tabuleiro. Ao contrário disso, eles estão em constante movimento pelas diversas instâncias da vida social, permitindo ao indivíduo ser, ao mesmo tempo, produtor e receptor de discursos diversos.

As fontes analisadas nesta pesquisa foram mensagens enviadas pelo governador à Assembleia Legislativa entre os anos de 1951 a 1956, a obra – chamada de "álbum" por seus organizadores *–1º Centenário de Emancipação Política do Paraná, 1853–1953*, o livro de imagens *Paraná, Brasil* e um recorte do *Guia Globo de Exportação e Importação*.

Nos anos que antecederam o centenário, e principalmente em 1953, foram feitas muitas publicações enaltecendo este momento, a maioria delas produzidas ou financiadas pelo próprio governo. Entre as fontes utilizadas para a pesquisa, a obra *1º Centenário da Emancipação Política do Paraná, 1853-1953*, reproduz parte da Mensagem à Assembleia Legislativa feita por Bento Munhoz da Rocha Neto, em 1953. A fonte analisada é definida, em sua contracapa, como um “Álbum editado sob os auspícios da Câmara de expansão econômica do Paraná”, a qual tinha Adherbal Stresser como diretor-secretário.

Figura 1. Capa do álbum 1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná.
Fonte: Álbum *1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná, 1853-1953*. Edição do Governo do Estado (1953).

Na capa, conforme reproduzido acima (Figura 1), são apresentados os retratos de Zacarias de Góes e Vasconcelos, primeiro interventor da província do Paraná, e de Bento Munhoz da Rocha Neto, governador eleito em 1951, além do brasão do Estado, no centro. A maneira como os retratos estão

dispostos sugere uma relação entre passado e presente, pois Rocha Neto parece contemplar o retrato de Góes e Vasconcelos, o que já indica a intenção do governo em unir passado e presente, tradição e modernidade.

Seguindo no sentido de contemplar o passado, relacionando-o com o presente, as páginas iniciais remetem ao momento de criação da província, através da reprodução da lei que a instituiu, apresentando tanto a imagem original digitalizada, quanto a transcrição. Logo após a Mensagem do governador, são apresentadas as duas primeiras páginas do jornal *Dezenove de dezembro*, oficialmente o primeiro jornal do Paraná e que tem no nome uma homenagem à data de instalação da província – 19 de dezembro de 1853. Esses mecanismos são significativos para compreender o sentido que esta publicação adquire, pois ao mesclar elementos de um momento específico do passado – de instalação da província – com textos e mensagens de 1953, interpela o leitor a fazer tal ligação, unilateral, como se fosse possível traçar uma relação direta, eliminando as disputas e as contradições que marcaram a construção do Estado durante esses cem anos.

A obra é composta ainda por oito textos – acompanhados de imagens –, cada um abordando diferentes aspectos do Estado. Um breve resumo da vida dos autores é apresentado no início de cada texto, sendo que cada um foi produzido por um ou mais "especialistas" no assunto. À frente do nome dos autores aparece a abreviação "Prof." [Professor], o que pretende marcar a cientificidade do conteúdo apresentado, pois os seus produtores são, em sua maioria, membros da Academia Paranaense de Letras e/ou Professores da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Os textos apresentados são: *Sinopse histórica do Paraná*, de Osvaldo Piloto, *A literatura paranaense*, de Tasso da Silveira, *Cem anos de ensino no Paraná*, de Alir Ratacheski, *As artes plásticas e a música no Paraná*, de Nelson Luz, *A cidade Paranaense*, de Ildefonso Puppi, *A ciência no Paraná*, de Nilton Buhrer e Reinaldo Spitzner, *Núcleos imigratórios e sistemas coloniais no Paraná*, de José Nicolau dos Santos e, por fim, *Aspectos gerais e econômicos do Paraná*, de Raul Gomes.

O livro de imagens *Paraná, Brasil*, outra fonte analisada nesta dissertação, é composto por cerca de 230 fotografias, a maioria das quais foi produzida pelo fotógrafo alemão Peter Scheier. A premissa que norteia a análise desta fonte é de que ela pretende apresentar ao leitor um retrato do

que é o Paraná no momento do centenário – população, economia, clima, urbanização, educação, transportes, entre outros aspectos –, retrato construído a partir da dicotomia tradicional/moderno. O livro integra as publicações referentes às comemorações do centenário de emancipação política do Estado, em 1953 e entre as informações sobre a produção dele, presentes na folha de rosto, consta a supervisão do Serviço de Imprensa do Paraná, órgão criado durante o governo de Bento Munhoz da Rocha Neto.

No livro não constam informações referentes à circulação, nem sobre a encomenda ou não das fotografias especificamente para esta publicação. Segundo estudo de Sonia M. M. Gouveia[36], Peter Scheier produziu fotografias com temas muito diversificados, como eventos, arquitetura, artes, indústrias e do cotidiano de muitas cidades do Brasil. Trabalhava, geralmente, sob encomenda, principalmente para as revistas *O Cruzeiro*, *Acrópole* e *Habitat*, além de produzir diversas fotorreportagens em parceria com Nelson Motta, Paulo de Arlindo Silva e Freitas Nobre. Foi também fotógrafo oficial do MASP – Museu de Arte de São Paulo – e da construção de Brasília, além de ter feito inúmeros registros do presidente Getúlio Vargas[37].

Apesar da informação constante na folha de rosto do livro de imagens, é possível que nem todas as fotografias tenham sido produzidas por Scheier, pois existem algumas imagens que remetem à década de 1930, quando o fotógrafo ainda não havia chegado ao Brasil. Exemplo disso é a fotografia que, de acordo com a legenda, retrata Londrina em 1934:

---

36 GOUVEIA, Sonia Maria Milani. A fotografia de arquitetura de Peter Scheier em três publicações. **Pós**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, v.15, n.24, São Paulo, dez. 2008.

37 Idem.

Figura 2. “Londrina em 1934”[38]
Fonte: Paraná, Brasil, 1953.[39]

A análise desta fonte aborda a construção de um discurso imagético sobre o Paraná no momento do centenário. O discurso apresentado pelas imagens tem um alcance diferente daquele produzido de maneira verbal ou escrita, haja vista que a visualidade é uma das características mais marcantes da sociedade contemporânea, principalmente pela facilidade de leitura e compreensão que lhe são atribuídas. Além disso, as fotografias transmitem a ideia de ser um fragmento do real, o que dispensaria maiores reflexões e interpretações, sugerindo que tudo que há para se saber sobre determinado fato, está representado ali, naquela fração de tempo e de espaço. Esta premissa, obviamente equivocada, leva muitos a tratarem a imagem como uma prova inequívoca de que algo existiu e era exatamente como foi retratado na fotografia. Tal perspectiva desconsidera as inúmeras manipulações possíveis, desde a própria produção da fotografia, passando pela seleção de quais merecem ser publicadas, até na adição de legendas, que interferem na compreensão sobre a imagem, criando e reafirmando discursos.

As legendas, como já mencionado, mudam completamente a interpretação sobre uma fotografia ou um conjunto delas. Scheier era apenas

[38] Foram mantidas as legendas originais da fonte e na ausência destas está indicado “(Sem Legenda)”.
[39] PARANÁ, Serviço de Imprensa. **Paraná, Brasil**. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.

fotógrafo, não era jornalista ou escritor, o que indica que as legendas foram acrescentadas pelo Serviço de Imprensa do Paraná, ao editar o livro. Não há evidências se foi o próprio diretor Adherbal Stresser, talvez com a supervisão do governador Rocha Neto, que fez isto ou se foram outras pessoas envolvidas com a edição. Independente disto, o que se nota no decorrer do material é o reforço de discursos que visam criar um retrato do Paraná, contribuindo para a construção de uma verdade sobre o Estado.

As cidades que mais aparecem nas imagens são Curitiba, capital do Estado, e Londrina, que ganhou grande destaque na década de 1950 em função da produção de café. Isso pode sugerir que as imagens não foram produzidas especificamente para o centenário, mas sim sob encomenda das indústrias, das Prefeituras destas cidades, ou outros órgãos interessados na divulgação de aspectos específicos do Estado. Além disso, a recorrência de fotografias da indústria madeireira, principalmente da Fazenda Monte Alegre, pertencente à Klabin S. A.[40], indica que algumas destas fotografias podem ter sido produzidas para outros fins que não as comemorações do centenário.

Embora haja algumas inconsistências, é possível afirmar que a grande maioria das fotografias foi feita por Scheier, pois remete ao seu estilo de trabalho, conforme analisado por Gouveia[41].

Uma das principais dificuldades na análise desta fonte foi a falta de informações sobre as imagens, não sendo possível a verificação do ano nem do local de produção. Muitas informações desencontradas circulam pela internet e o acesso aos negativos e outras informações técnicas é bastante restrito, dependendo da colaboração do Instituto Moreira Salles[42], que detém os direitos sobre a produção de Peter Scheier e disponibiliza apenas parte do acervo de maneira digital.

As mensagens analisadas contemplam os anos 1951, 1952, 1954 e 1955. A mensagem referente ao ano de 1953, publicada em 1954, não foi

---

[40] A empresa Klabin – fabricante de papel – foi fundada em São Paulo, na passagem do século XIX para o XX. Em 1934 houve a aquisição da Fazenda Monte Alegre, no Paraná, onde foi fundada a Indústria Klabin do Paraná. Informações disponíveis em: https://www.klabin.com.br/pt/a-klabin/memoria-klabin/linha-do-tempo Acesso em fevereiro de 2016.

[41] GOUVEIA, Sonia Maria Milani. A fotografia de arquitetura de Peter Scheier em três publicações. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, v.15, n. 24, São Paulo, dez. 2008.

[42] Para maiores informações, cf. http://www.ims.com.br/ims

localizada nos acervos consultados.[43] Estes documentos referem-se a uma prática comum ao governo do Estado, que no início de cada ano enviava à Assembleia Legislativa um relato das ações do ano anterior. Grande parte destas mensagens é a compilação de textos produzidos pelos responsáveis por cada Secretaria de Estado. O texto de apresentação geralmente é identificado como de autoria do governador e serve como uma ligação entre os diversos relatos apresentados na sequência.

O recorte[44] do Guia Globo de Exportação analisado compõe o rol de fontes por apresentar informações referentes à circulação dos discursos analisados, pois é editado em três vários idiomas, o que sugere a intenção de distribuí-lo para instituições, governos e sujeitos estrangeiros interessados em investir ou residir no Estado.

Assim, o primeiro capítulo trata da análise dos discursos sobre a população paranaense. Estes discursos são mais que mera descrição das gentes que aqui viviam, pois contam com um aparato discursivo diverso – imagens, textos científicos, publicações oficiais e midiáticas – e buscam instituir a visão de um Estado hospitaleiro, aberto aos estrangeiros, com gente ordeira e honesta. Em alguns poucos pontos são mencionados os desajustados, tratados sempre como forasteiros e com estereótipos carregados por todo tipo de preconceito, como o do nordestino que foge da seca, mas traz consigo a falta de moral e bons costumes, o que seguramente será superado no novo lar, que, segundo os discursos, é a nova Canaã.

No segundo capítulo destacam-se os discursos sobre a produção agrícola e industrial, que são também temas muito recorrentes nas fontes oficiais. Neste aspecto destaca-se, sobremaneira, a produção de café, com a qual, de acordo com o governo, “consolidamos a posição de segundo produtor do Brasil e marchamos para a sua liderança”.[45] O destaque do café vem acompanhado da preocupação em ampliar e diversificar os produtos agrícolas, o que o governo ser possível com a vinda de imigrantes, principalmente

---

[43] A busca foi realizada na Biblioteca Pública do Paraná e no Arquivo Público do Paraná, ambos localizados em Curitiba, PR.

[44] A fonte ora citada compreende uma parte do Guia Globo de Exportações, cuja totalidade não pude encontrar para análise nesta pesquisa.

[45] PARANÁ. Governo do Estado. **Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado** por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1953, p.08

europeus, acostumados a outras culturas e formas de cultivo. Esta preocupação justifica a preferência pelos estrangeiros ao invés dos nacionais, além de explicar a concessão de terras para companhias estrangeiras explorarem e a firma de contratos de colaboração à imigração firmados entre o governo brasileiro e de países europeus, como a Alemanha e a Holanda.

Por fim, o terceiro capítulo investiga a preocupação demonstrada nas fontes em divulgar o Paraná como um lugar bom para se viver, bem urbanizado, civilizado, onde o desenvolvimento é pleno, com "muita luz, muito movimento, muito progresso"[46]. O capítulo complementa as análises feitas sobre a população e a produção expondo a que servia a racionalidade expressa nas fontes: ao progresso do Paraná. O conceito de progresso é amplo e permite diferentes leituras, dependendo da conjuntura em que é aplicado. Contudo, aqui é identificado como a visão de desenvolvimento racional e dirigido, comandado por uma pequena elite – governo – e posto em prática através de mecanismos disciplinadores.

Considerando o exposto, entende-se como crucial a análise deste momento da história do Paraná, que tem como perspectiva as comemorações do Centenário, mas que o precede e não se encerra nele. Os discursos enunciados durante aquele período não são, em absoluto, novos. Ao contrário disto, apresentam continuidades com o passado, do qual se apropriam e fazem uso para serem instituídos e legitimados. Num momento de tamanha visibilidade e dizibilidade sobre o Estado, a tentativa de síntese implica na negação de histórias e sujeitos diversos. Exemplo desta ausência consciente é a falta de referências a negros e indígenas nas fontes analisadas. Nas raríssimas vezes em que são retratados, não passam de meros elementos da paisagem. São objetificados, desumanizados, para, assim, serem mais bem enquadrados na sociedade, para que todos, e, principalmente eles mesmos, saibam o lugar marginal que lhes cabe no tão almejado progresso. Esta é a grande armadilha em que caímos quando aceitamos as sínteses históricas, sem termos o cuidado de percebê-las como carregadas de interesses, de jogos e poder e, principalmente, como instituintes de verdades, as quais são incorporadas e perpetuadas no e pelo discurso.

[46] PARANÁ, Serviço de Imprensa. **Paraná, Brasil**. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.

2. CAPÍTULO 1

"Muita gente que chega, pouca gente que sai": discursos sobre a constituição da população paranaense

A análise ora apresentada objetiva investigar a construção de discursos sobre a população paranaense em meados do século XX, durante o mandato de Bento Munhoz da Rocha Neto[47] (Partido Republicano – PR). Este período, que vai de 1951 a 1955, é marcado pela preparação de um farto rol discursivo sobre o Estado, tendo em vista as comemorações do centenário de emancipação política (1953). No processo de tentativa de construção de uma síntese discursiva sobre o Paraná muitos aspectos são deixados de lado, imagens são apagadas e inúmeros sujeitos são relegados ao esquecimento[48]. Trata-se, sobremaneira, de jogos de poder, que buscam instituir um discurso como verdadeiro, considerando que, conforme indica Foucault, "a verdade não existe fora do poder ou sem poder"[49]. Assim, o foco deste capítulo está em compreender quais são e de que maneira são criados e fixados discursos representativos da população paranaense, os quais não são formados sem conflitos ou contradições, posto que

---

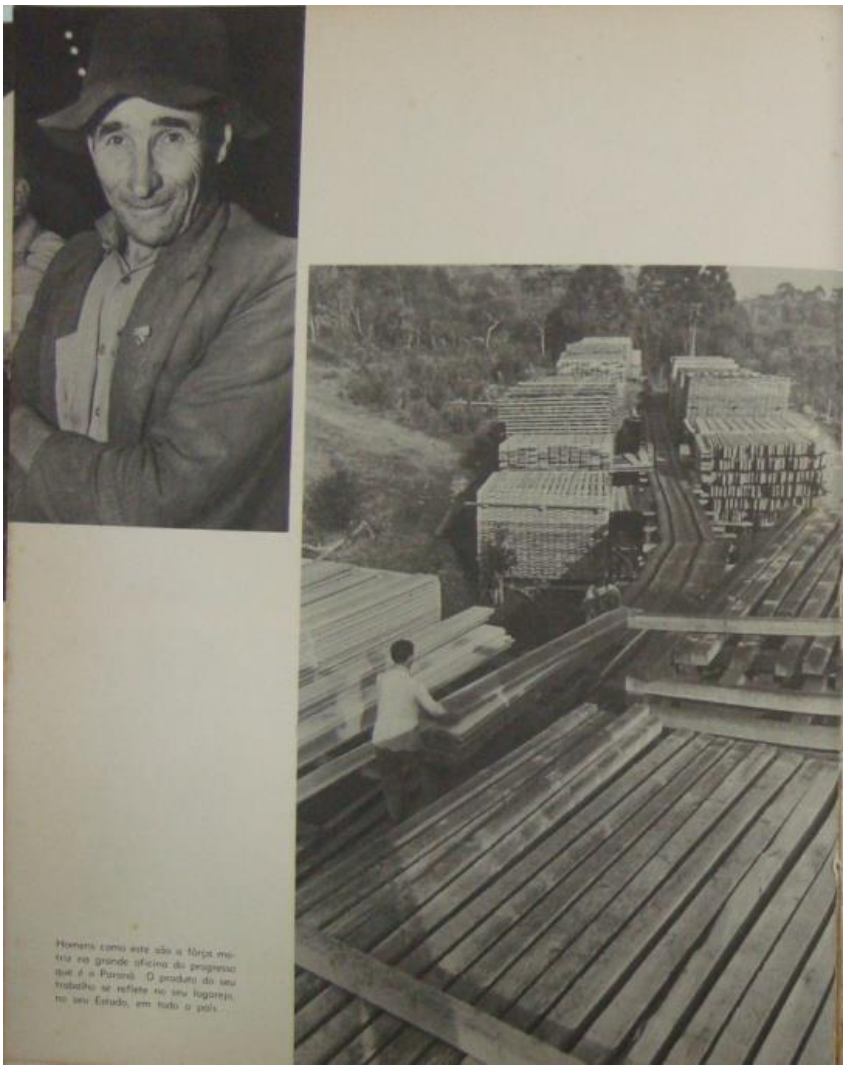
[47] Bento Munhoz da Rocha Neto nasceu em Paranaguá, em 1905. Era filho de Caetano Munhoz da Rocha, ex-governador do Paraná, e de Olga Souza Munhoz da Rocha. Quando Bento nasceu seu pai já era deputado estadual. Formou-se em 1926 em engenharia, pela Universidade do Paraná. Casou-se em 1929, com Flora Camargo, filha do ex-governador do Estado do Paraná, Affonso Alves de Camargo, do qual Caetano Munhoz da Rocha foi vice, entre 1916 e 1920. Seu casamento significou uma aliança política muito bem articulada, pois juntos seu pai e seu sogro estiverem à frente do governo durante 14 anos (de 1916 a 1930), e garantia a manutenção de privilégios a famílias tradicionais do Estado.
Em 1940 começou a lecionar na Universidade Paranaense, tendo atuado em diversos cursos, como Filosofia, Medicina e Engenharia. Além disso, lecionou sociologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná e foi professor no Instituto de Teologia de Curitiba. Aliás, sua ligação com as doutrinas religiosas merecem destaque. Cursou o secundário no Ginásio Diocesano, uma escola dos padres Lazaristas em Curitiba. Além disso, sua família mantinha forte tradição Católica, o que influenciava na construção dos seus enunciados e também nas ações governamentais que tomava.

[48] Refiro-me, principalmente, aos silenciamentos referentes à presença indígena, negra e cabocla na constituição da população paranaense. Para maiores referências sobre o assunto, indico as seguintes leituras: ALMEIDA, Idalto José de. **Presença Negra em Londrina:** História da Caminhada de um Povo. PROMIC, 2004; RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização.** Petrópolis: Vozes, 1982; SILVA, Joselina da. A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 25, nº 2, 2003, pp. 215-235.

[49] FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Graal, 1998. p. 12.

> Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém, mas se sabe quem não o possui.[50]

Apesar do destaque dado à população nas fontes analisadas, não são as pessoas que falam por si, não são suas ideias e impressões sobre a ocupação do Estado que lá encontramos. Os materiais são produzidos alheios às interpretações daqueles que dizem apresentar e representar. Neste jogo de poder que constitui o discurso oficial, é fácil notar quem não tem o direito e o acesso à palavra. A partir de mecanismos diversos – reportagens, imagens, textos científicos – é produzido um perfil para a população paranaense, considerado adequado ao projeto de desenvolvimento que se quer justificar:



[50] FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Graal, 1998. p. 75.

Figura 3. “Homens como esta são a força motriz na grande oficina do progresso que é o Paraná. O produto do seu trabalho se reflete no seu logarejo, no seu Estado, em todo o país...”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[51]

As imagens apresentadas não têm uma interação nítida, sendo que, possivelmente, não foram produzidas no mesmo cenário. Contudo, a maneira como são dispostas e a adição da legenda fixam uma verdade sobre a população paranaense. A função deste discurso, que se vale de elementos imagéticos para, pretensamente, mostrar a realidade tal qual ela é, de fato a instituição de uma verdade. São, como indica Albuquerque Junior, "regularidades discursivas que se cristalizam como características expressivas, típicas, essenciais (...).".[52]

Na ausência de elementos imagéticos suficientes para compor o discurso que se pretende, lançou-se mão da legenda, que articula e induz a certa interpretação. Contudo, apesar da sugestão à determinada leitura, podemos ainda indagar: a qual dos sujeitos a frase “homens como este” se refere? Qual é a relação do sujeito no canto superior da página com a indústria madeireira? Onde está, nesta imagem, a “grande oficina do progresso” que a legenda anuncia? São questões como estas, visando esmiuçar o discurso instituído – tal qual ele é, sem buscar obscurantismos e não ditos –, que conduzirão a análise ora apresentada.

a. A ocupação do Paraná como tema da historiografia contemporânea

Ruy Cristovam Wachowicz[53] afirma que, no início do século XIX, “era o território paranaense ainda uma região mal povoada, com sertões brutos e desabitados, inclusive em áreas não muito distantes de Curitiba.”[54]. Além disso, “as elites diretivas do Brasil pensavam numa forma de impedir que o país se

[51] PARANÁ, Serviço de Imprensa. **Paraná, Brasil**. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.
[52] ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 217.
[53] WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba, PR: Gráfica Vicentina, 2001.
[54] Ibidem. p. 145.

tornasse a maior nação negra do planeta [...]. Segundo essas elites, era preciso tornar o país majoritariamente branco e não africano.”.[55]

As ideias de sertão e de lugares desabitados foram incorporadas e reproduzidas durante muito tempo, contribuindo, diversas vezes, para justificar discursos de ocupação, de saneamento e da necessidade de civilização destas regiões. Ao analisar a colonização do oeste paranaense, Deisi Rizzo afirma que o termo sertão “não possui uma demarcação espacial única, mas designa locais bastante diversos, sertão paulista, sertão paranaense, sertão baiano, entre outros, e seu significado comporta a noção de um local abandonado, o que justificaria a intervenção sobre ele.”[56]. Além disso, o uso destes elementos reforça o apagamento das populações indígenas e dos caboclos que já habitavam estas regiões muito antes da ocupação conduzida pelo Estado e/ou por empresas colonizadoras.

Outro elemento interessante apresentado por Wachowicz é que, logo após a emancipação política (1853), “a Câmara Municipal de Curitiba ficou vivamente impressionada com o alto custo de vida e a fome que começava a aparecer nas famílias de menor poder aquisitivo.”[57] As elites consideravam que tal situação decorria do “desprezo manifestado pelo brasileiro, e paranaense em particular, ao trabalho agrícola. Trabalhar no cabo da enxada era considerado uma atividade de baixo *status* social [...]”. Com vistas a alterar este cenário e introduzir o Paraná como o “celeiro do Brasil”, diversas medidas foram tomadas no sentido de estimular a instalação de imigrantes, principalmente europeus.

Após alguns anos de incentivo à vinda de imigrantes para o Paraná, com fracassos e sucessos, mas seguindo, de maneira geral, como perspectiva e justificativas, os elementos apontados anteriormente, passou a ocorrer, no período posterior às duas grandes guerras, outro momento de ocupação do Estado. Neste período as imigrações tinham, predominantemente, a assistência e o gerenciamento mais diretos, proporcionados pelo governo do Estado em conjunto com companhia colonizadoras ou ainda com entidades dos

---

[55] WACHOWICZ, Ruy Christovam. História do Paraná. Curitiba, PR: Gráfica Vicentina, 2001. p. 145

[56] RIZZO, Deisi. Saneamento e sertão: discursos médicos, políticas sanitárias e colonização no Paraná. Guarapuava: UNICENTRO, 2012, p. 44

[57] WACHOWICZ, Ruy Christovam. op. cit. p. 148

países de origem dos imigrantes, que, naquele momento, vinham do Japão, da Alemanha e da Holanda, principalmente. Para que o plano de desenvolvimento do governo se concretizasse, era necessário fazer uma seleção dos imigrantes que viriam para cá, evitando, acima de tudo, os comerciantes e trabalhadores autônomos. Já em meados do século XX, o governo via como imprescindível o aumento da produção agrícola no Estado e, para isto, selecionava grupos que se dispusessem ao trabalho no campo e que apresentassem alguma experiência nisto. Conforme Stein,

> A escolha e a vinda de determinados imigrantes são encaradas como parte de um projeto que visava ao futuro do Estado como celeiro agrícola do Brasil. Isso seria viabilizado por agricultores capazes – europeus – propensos à aculturação – sem a perda, entretanto, de seus aspectos positivos [boa índole] – e que utilizem a mecanização na produção de cereais.[58]

Ao analisar a ocupação do Estado, diversos autores consideram a existência de "três Paranás", caracterizados pelo momento de ocupação, pelas atividades econômicas desenvolvidas e pela origem dos sujeitos. É o que expressa, por exemplo, estudo produzido por Cecília Westphalen, Brasil Pinheiro Machado e Altiva Balhana:

> Na década de 1960, todo o Estado do Paraná está com o seu território ocupado, desaparecendo as frentes pioneiras e os grandes problemas de terras. Encontram-se e começam a confundir-se as três grandes ondas de povoamento, a do Paraná tradicional que se expandiu desde o século XVII, de Paranaguá e Curitiba, pelas regiões de campo, com a criação do gado, a indústria da erva-mate e a madeira de pinho; a dos agricultores da agricultura tropical do café que, pelas origens e pelos interesses históricos, ficaram mais diretamente ligados a São Paulo; e a dos colonos da agricultura de subsistência, plantadores de cereais e criadores de suínos que, pela origem e pelos interesses históricos, se ligaram mais intimamente ao Rio Grande do Sul. Cada uma dessas três ondas criou o seu próprio tipo de economia, formou um tipo de sociedade e fundou as suas próprias cidades.
> O problema relevante que se coloca hoje na história do Paraná, é o da integração dessas comunidades.[59]

---

[58] STEIN, Marcos Nestor. **O oitavo dia**: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios – PR (segunda metade do século XX). Guarapuava: UNICENTRO, 2011. p. 105-106

[59] WESTPHALEN, Cecília; MACHADO, Brasil Pinheiro; BALHANA, Altiva. Nota prévia ao estudo da ocupação da terra no Paraná moderno. **Boletim da Universidade Federal do Paraná**, nº 7. Curitiba, PR: Departamento de História, UFPR, 1968.

As tentativas de síntese e de construção de uma unidade para a população paranaense que iniciam e encerram este trecho são elementos constituintes dos discursos que serão analisados a seguir. O ponto fundamental está na tentativa de integração do Paraná – em termos de população, economia, política –, que faz convergir uma série de discursos esparsos, os quais são reorganizados e postos em função da construção de um discurso verdadeiro sobre o Estado, buscando deslegitimar e invalidar outras possíveis versões. Durante o período de governo que compreende as comemorações do centenário (1951-1955), estes elementos ganham uma ênfase notória, pois a comemoração evoca uma maior dizibilidade e também muita visibilidade, instigando, assim, através de uma regularidade discursiva, a cristalização de certas características que passam a serem consideradas típicas, expressivas, essenciais[60]. De acordo com Bahls:

> Não obstante a pretensão de alçar o Paraná ao nível dos estados brasileiros considerados mais avançados, ele [Bento Munhoz da Rocha Neto] também teve a preocupação em conciliar suas ideias de modernidade com o raciocínio dos intelectuais conservadores de Curitiba, voltado para a história tradicional do Paraná baseada na preservação de suas raízes.[61]

Bahls aponta para jogos de poder diversos, que se chocam na tentativa de estabelecer um discurso verdadeiro sobre o Paraná. Enquanto os grupos mais tradicionais, herdeiros das grandes oligarquias, veem com maus olhos a instalação de migrantes nacionais, a nova elite, formada pelos fazendeiros do café, vê neles a mão de obra barata necessária às grandes plantações formadas no Estado. Já para o governo, estes migrantes fazem parte da população, uma homogeneidade que deve ser gerida, controlada, disciplinada, contribuindo assim para o bem maior do Estado.[62]

---

60 ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011

61 BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. A busca de valores identitários: a memória histórica paranaense. Curitiba, Dissertação (Mestrado), UFPR, 2007. op. cit. p. 10.

62 Esta reflexão está embasada na definição que Foucault faz sobre o conceito de governamentalidade: "o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises, e reflexões, cálculos e táticas, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança." FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**: curso dado no College de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Os discursos construídos e/ou reafirmados durante o centenário, fortemente baseados em ideais de modernidade e progresso, não são, em absoluto, novos. Trazem em si uma série de justificativas já muito utilizadas na política e na economia como um todo. A ideia de que povoar era progredir já estava presente desde o início do século XX e principalmente quando Getúlio Vargas deu início ao programa de (re)ocupação das regiões de fronteira, a chamada "Marcha para o Oeste". Utilizando a justificativa de que essas terras eram desabitadas e precisavam ser definitivamente incorporadas ao território brasileiro, muitas medidas foram tomadas, sendo a principal delas a criação de colônias, uma forma de ocupação dirigida pelo Estado ou por empresas privadas, que priorizava a instalação de imigrantes, principalmente eurobrasileiros.[63]

É neste sentido que ocorrem grandes investimentos discursivos em torno do tema população. É necessário, antes de tudo, classificá-la, ordená-la, analisá-la, de maneira que facilite o governo sobre a mesma. Trata-se, também, de criar coesão, pois os indivíduos que compunham a população paranaense naquele momento vieram de diferentes regiões do Brasil e do mundo. Ademais, as comemorações do 1º centenário de emancipação política do Estado pareciam invocar a necessidade desta união, criando uma identidade, de maneira que se pudesse dizer "este é o Paraná no seu centenário".

Por fim, é possível estabelecer uma relação entre os discursos e a formação do governador, o que evidencia ainda o sentido do seu programa de governo. Seguidor do tomismo[64], Rocha Neto acreditava que "[Santo Tomás] Estabeleceu, porém, para todas as épocas, quaisquer que sejam as suas tendências próprias, a fidelidade ao bem comum [...] Mas o bem comum, fim da sociedade civil, integrado na sua acepção realista de fim humano e, portanto, moral."[65]. Apesar disso, Rocha Neto não acreditava na mobilização e organização populares e defendia a ideia de que alguns poucos indivíduos

---

63 GREGORY, Valdir. Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no oeste do Paraná (1940- 70). Cascavel, PR: Edunioeste, 2002.

64 OLIVEIRA, Ricardo de; SALLES, Jefferson de Oliveira; KUNHAVALIK, José Pedro. **A construção do Paraná moderno**: políticos e política no Governo do Paraná de 1930 a 1980. Curitiba, PR: SETI, 2004.

65 ROCHA NETO, Bento Munhoz da. **O Paraná, Ensaios**. Curitiba, PR: Coleção Farol do Saber, 1995. p. 110

deveriam ser os responsáveis por conduzir o destino da maioria, desde que ancorados nos valores acima mencionados. De acordo com ele, “à elite, isto é, à minoria, cumpre a missão de dirigir. Está na essência da direção e governo a noção de minoria. Governo é minoria dirigindo; minoria, elite comandando.”

b. A população em 1950: dizibilidade

O destaque dado à população nas fontes elencadas para esta pesquisa suscita reflexões acerca dos interesses por uma constante e crescente dizibilidade, não das pessoas ou para as pessoas, mas sim sobre elas, sem que os próprios sujeitos tenham espaço para falar de si. Não se trata de afirmar que em momentos anteriores a população não tenha sido notada ou apresentada pelos discursos governamentais. Trata-se, antes disso, de compreender por que e de que maneira ela se constitui como tema crucial dos enunciados do governo entre 1951 e 1955, ganhando ainda mais ênfase durante as comemorações do centenário (1953). Trata-se, conforme será discutido, da constituição de um sujeito ideal, portador de determinadas características que o fariam ser considerado apto ao progresso que estaria em curso.

O próprio termo progresso necessita aqui de uma breve reflexão, pois não pode ser compreendido *a priori*, como auto-explicativo ou subentendido, mas sim com sentido circunscrito pelos discursos que dele se utilizam, o ressignificam e inserem nos jogos de poder e verdade. Não se trata, obviamente, de um termo novo, mas a forma como é utilizado o realoca na ordem dos discursos, servindo para designar certo tipo de crescimento, que não é da alma, ou do espírito, talvez nem mesmo do conhecimento ou do desenvolvimento humano, mas sim um crescimento com sentido restrito e especificamente econômico. Além disso, na maioria das vezes, a ideia de progresso é vinculada ao crescimento populacional e ao aumento da produção cafeeira, a primeira vista como a mão de obra necessária à produção e a segunda compreendida como porta de entrada do Paraná na economia nacional. Assim, buscava-se justificar os discursos veiculados na época a partir da ideia de que, desde que bem orientadas e em consonância, a população

adequada e o aumento da produção de café proporcionariam ao Paraná uma vertiginosa marcha do progresso.

O capítulo segue a perspectiva proposta por Michel Foucault, quando este, falando sobre a emergência da população – a qual está diretamente relacionada com a riqueza e o poder do Estado –, chama a atenção para o poder regulador que a acompanha, o qual "vai impedir a emigração, atrair os imigrantes, beneficiar a natalidade, um aparato regulamentar que também vai definir quais são as produções úteis e exportáveis, que vai estabelecer também os objetos a serem produzidos, os meios de produzi-los, os salários também, que vai proibir o ócio e a vagabundagem."[66].

Os pontos elencados por Foucault como próprios ao surgimento da população como categoria da racionalidade governamental são extremamente pertinentes à análise que ora empreendemos. Em mensagem enviada pelo governador Bento Munhoz da Rocha Neto à Assembleia Legislativa em 1951, a primeira de sua legislatura, já são explicitados alguns destes pontos, considerados cruciais para o plano de governo, a saber:

> A assistência ao trabalhador rural, cujo ante-projeto foi enviado em Mensagem à Assembléia, será um dos pontos fundamentais do meu Governo [...] Não há em todo o Brasil, oportunidade melhor que a hora vivida pelo Paraná em suas zonas rurais, para o início dessa assistência. [...] Os contingentes humanos que procuram ininterruptamente o norte e o noroeste do Estado, a maior faixa contínua de terras férteis do Brasil, e as correntes migratórias que, oriundas do extremo sul, procuram o sudoeste e oeste paranaense, garantem uma prosperidade sem par ao nosso Estado. [67]

Em função da já citada imigração de alemães e holandeses esperada pelo governo, alguns investimentos são redirecionados para este novo órgão, como a taxa de assistência social, que "constituirá [...] uma das fontes de recursos para a Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural"[68], ou a taxa

---

[66] FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**: curso dado no College de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 90

[67] PARANÁ. Governo do Estado. **Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado** por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1953, p. 6-7

[68] Ibidem. p. 22-23

sobre o café que será “transformada em taxa de Assistência ao Trabalhador Rural, a ser empregada preferentemente nas zonas cafeeiras.”[69].

Em outro material, produzido especificamente para o centenário, ganha destaque a consolidação do projeto de ocupação racional do Estado:

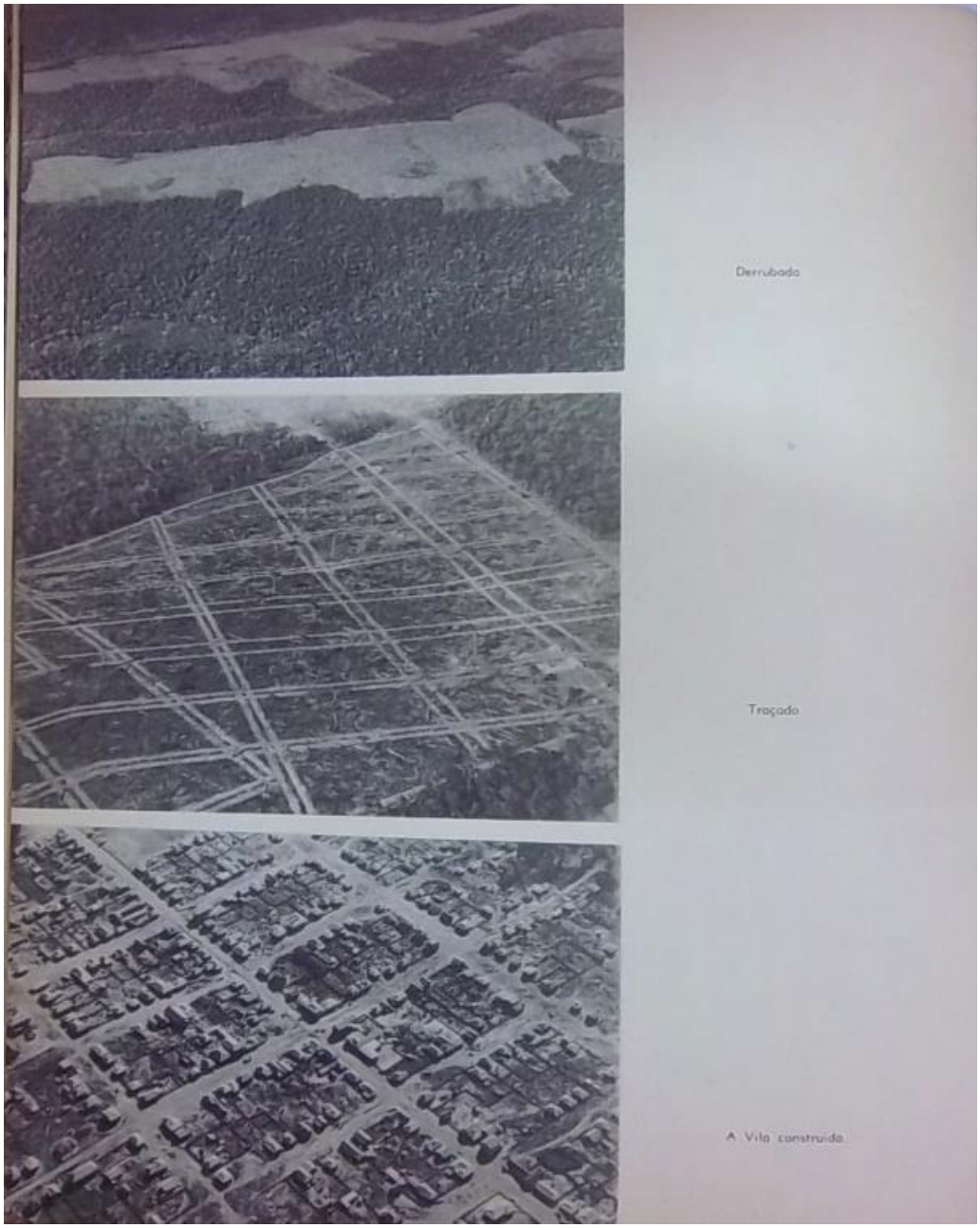


Figura 4. “Derrubada. Traçado. A vila construída.”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)

[69] PARANÁ. Governo do Estado. **Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado** por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1953. p. 23

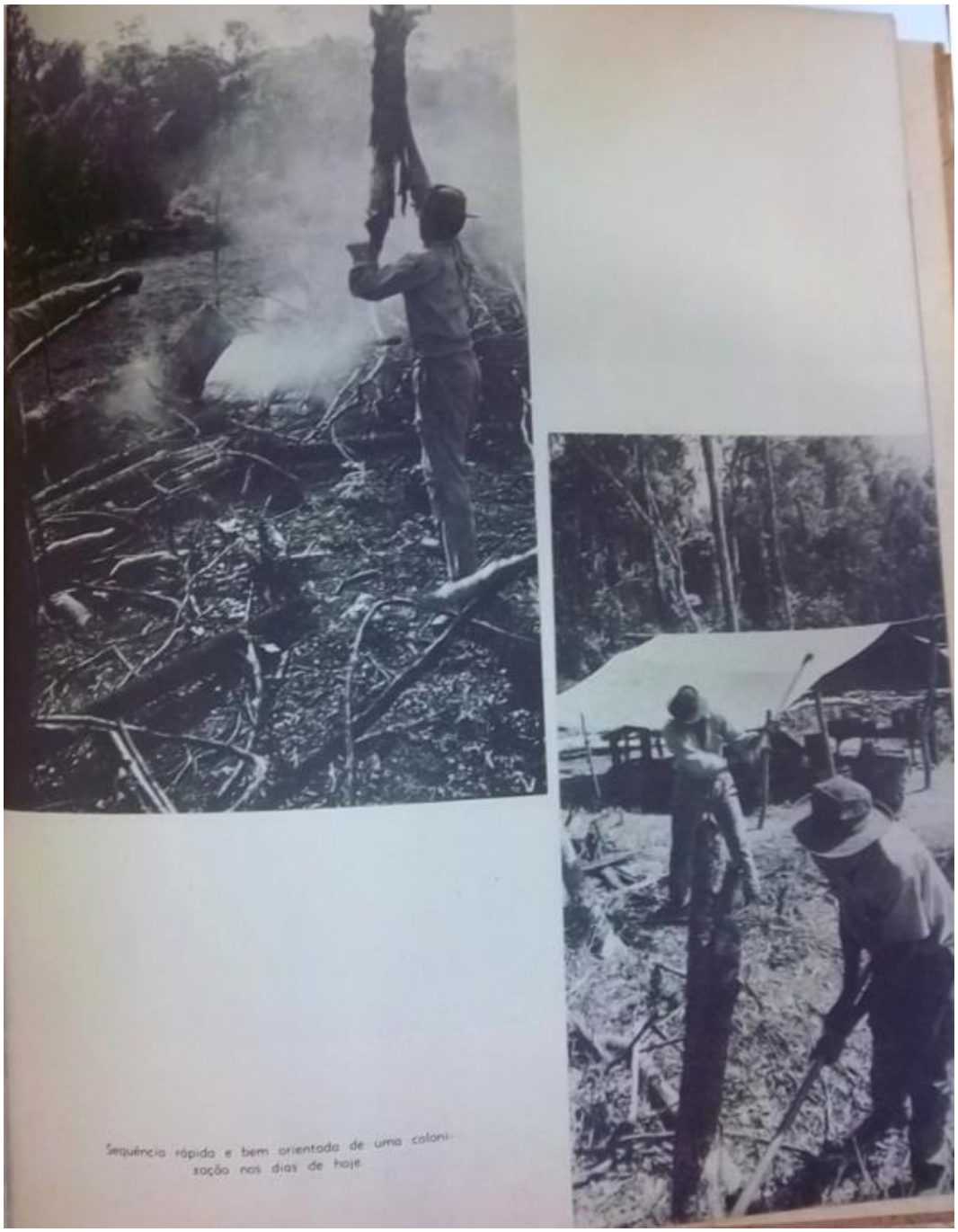


Figura 5. “Sequência rápida e bem orientada de uma colonização nos dias de hoje.”
Fonte: Paraná, Brasil, 1953.

Na figura 4 a organização das três imagens tem como objetivo evidenciar a racionalidade, pois se destacam as linhas retas do traçado das ruas, diferente das estradas abertas de maneira rústica, com foices e a facões e que iam seguindo por onde a mata era menos densa e o solo permitia o trânsito. Nos documentos oficiais, elaborados pelo governo ou sob sua supervisão, são notáveis as referências à população e à economia, que são

consideradas os pontos principais de uma gestão, para que o objetivo maior possa ser alcançado: o progresso. Desde que assumiu o governo do Estado, Rocha Neto buscava se afirmar, enquanto intelectual e professor universitário, como governante capaz de racionalizar a ocupação do território paranaense, promovendo a instalação de sujeitos de boa índole, e excluindo os que não se enquadrassem neste perfil. O que promoveria, por conseguinte, o aumento da produção agrícola e o tão almejado progresso.

Para que o grande projeto fosse levado adiante os colonos deveriam ser selecionados já na origem, evitando a instalação de sujeitos indesejados. José Nicolau dos Santos[70], em seu texto *Núcleos Imigratórios e Sistemas Coloniais do Paraná*[71] chama a atenção para a importância desta seleção, listando uma série de "desenganos" que levaram ao fracasso de empreendimentos coloniais, como é o caso de uma das primeiras colônias italianas, formada em Morretes. Segundo Santos,

> Evidentemente, o fracasso dessa colonização deve-se exclusivamente à ausência de vocação agrícola dos imigrantes italianos, pois sendo quase todos profissionais habilitados com muitas artes e ofícios menos árduos do que o labor da terra, sentiram logo a atração de Curitiba [...].[72]

Utilizando os "fracassos" como aprendizado, o governo afirma ter aos poucos desenvolvido métodos mais eficazes para a escolha do "elemento humano" que comporia a população paranaense, bem como atendendo estes de forma mais eficaz, como afirma o governador Bento Munhoz em sua mensagem:

> ... está o Governo atendendo à imigração de alemães e holandeses que virão para a zona temperada do centro do Estado, onde é necessário criar novas fontes de produção e do

---

70 José Nicolau dos Santos é apresentado no Álbum como "professor catedrático por concurso da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná e catedrático de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná. Foi Diretor do Colégio Estadual do Paraná. É autor de várias obras, entre as quais uma sobre 'Teoria Geral do Estado', outras sobre a cadeira que rege na Faculdade de Filosofia." PARANÁ, Câmara de Expansão Econômica. **1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná, 1853-1953**. Edição do Governo do Estado, 1953, p. 90

71 SANTOS, José Nicolau dos. Núcleos Imigratórios e Sistemas Coloniais do Paraná. In: PARANÁ, Câmara de Expansão Econômica. **1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná, 1853-1953**. Edição do Governo do Estado, 1953. p. 90-103

72 Ibidem. p. 95

> mesmo modo a de italianos e de poloneses que têm insistentemente procurado o Paraná.[73]

Neste sentido, o exemplo máximo de ocupação bem dirigida, segundo José Nicolau dos Santos, em seu texto, era o núcleo colonial de Entre Rios, em Guarapuava:

> O método de trabalho coordenado e eficiente dos colonos recém-vindos revelou-se desde os primeiros dias. Ao chegar instalaram-se em dois grandes barracões improvisados. Enquanto seus marceneiros e carpinteiros erguiam as habitações domésticas, amplas, confortáveis, higiênicas e belas, outros obreiros dedicavam esforço e carinho ao cultivo da gleba, arando, adubando e plantando. Seis meses depois já podiam comer o “pão nosso”, do nosso próprio trigo.[74]

Ao mesmo tempo em que ocorre a valorização de alguns grupos, outros são desqualificados e classificados como impróprios para o projeto de desenvolvimento que se quer empreender. As populações indígenas são um exemplo claro da exclusão operada pelo discurso. Nas fontes selecionadas para esta pesquisa, há pouquíssimas referências às condições destes sujeitos. No livro de imagens, material impresso com o claro objetivo de veicular as informações consideradas mais relevantes sobre o Estado, há uma única imagem em que um indígena é retratado:

---

73 PARANÁ. Governo do Estado. **Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado** por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1951. p. 7

74 SANTOS, José Nicolau dos. Núcleos Imigratórios e Sistemas Coloniais do Paraná. In: PARANÁ, Câmara de Expansão Econômica. **1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná, 1853-1953**. Edição do Governo do Estado, 1953. p. 99-100.

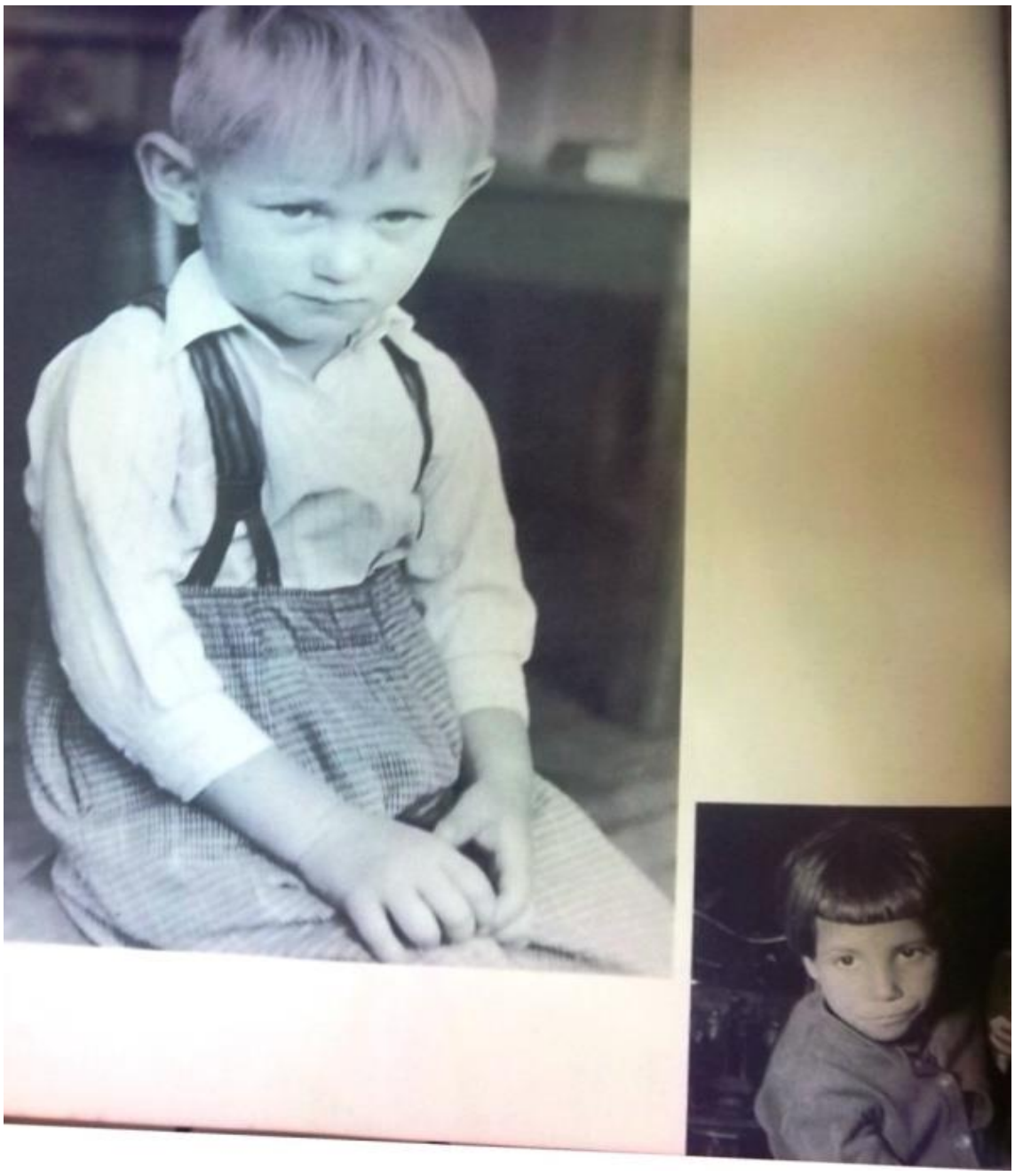


Figura 6. (Sem legenda)
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[75]

[75] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.

Figura 7. “O elemento estrangeiro lembra-se, às vezes, da sua terra de origem. Mas em sua nova pátria desenvolve atividade profundamente humana, estimulando as relações entre seus filhos e as crianças nativas.”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[76]

Em pesquisa realizada no acervo do Instituto Moreira Salles[77], fica evidente a manipulação exercida sobre estas fotografias. A primeira delas, do menino com roupas xadrez, faz parte de um grupo de imagens produzidas

[76] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.
[77] O IMS adquiriu o acervo fotográfico de Peter Scheier. No acervo online gentilmente disponibilizado pelo IMS, há aproximadamente 850 imagens, das quais um pequeno grupo retrata as comemorações do centenário, enquanto que a grande maioria, mais de 800 fotografias, compõe a base a partir da qual foram selecionadas as imagens reproduzidas no livro “Paraná, Brasil”. Para contato com o IMS: http://www.ims.com.br/ims/contato/11

numa escola, dentre as quais ele aparece em diversos outros momentos. A fotografia da suposta mãe compõe outro conjunto de imagens, nas quais ela aparece acompanhada de um rapaz e com o que parece ser um livro, ou uma bíblia, nas mãos. Apesar da proximidade – a fotografia do menino é a nº 1914 e a da mulher é a número 1904[78] no acervo –, não fica claro se há alguma relação de parentesco entre eles, o que pressupõe a manipulação da interpretação através da legenda, que nos leva a pensar que os dois são mãe e filho. No entanto, o que mais chama a atenção na composição deste discurso é a inserção do menino indígena. Há apenas duas imagens deste menino nas fotografias de Peter Scheier disponibilizadas pelo Instituto Moreira Salles (IMS), conforme segue:

Figura 8. (Sem legenda)
Fonte: Acervo digital do IMS[79]

[78] Esta numeração refere-se ao nome dos arquivos no acervo digital disponibilizado pelo IMS e sugere a ordem em que as imagens foram produzidas.
[79] Disponível através de solicitação no site www.ims.com.br no formulário de Atendimento a pesquisadores.

Figura 9. (Sem legenda)
Fonte: Acervo digital do IMS[80]

Estas fotografias – números 1515 e 1519 – parecem ter sido feitas numa festa ou algum tipo de celebração de uma comunidade do interior composta, talvez, pelos chamados caboclos. Não há, claramente, nenhuma relação entre os três sujeitos retratados nas imagens. Os dois meninos não estão interagindo e a mulher não está, de forma alguma, estimulando qualquer relação entre

[80] Disponível através de solicitação no site www.ims.com.br no formulário de Atendimento a pesquisadores.

eles. No entanto, há este apelo na legenda, que destaca ainda a “atividade profundamente humana” exercida pelos colonos imigrantes.

Este elemento está presente em outros momentos, como, por exemplo, na mensagem de 1954, quando é destacada a assistência prestada aos migrantes nacionais:

> Já estão prontas as hospedarias de Maringá e Peabiru através das quais o Estado prestará assistência mais direta aos nacionais, principalmente aos nordestinos que, mais uma vez batidos pela inclemência das secas, procuram o Paraná em ondas sucessivas.
> O Paraná cumpre, assim, o seu dever de brasilidade e de humanidade, minorando as penas de tantos brasileiros que se encontram na dolorosa contingência de abandonar os velhos lugares em que viveram seus ancestrais.[81]

A vinda de nordestinos para o Paraná é tema de destaque nas diferentes fontes que analisei, mas é apresentada de maneira diversa, dependendo do público ao qual o discurso é dirigido. Na obra *Paraná, Brasil*, que tem como escopo a divulgação de uma sinopse do Estado no ano de seu centenário, fato comprovado pela lombada da obra onde se lê “O Paraná no seu Centenário”[82], são mostrados alguns indivíduos, identificados como nordestinos:

---

81 PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 3ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1953, p. XIII

82 PARANÁ, Câmara de Expansão Econômica. 1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná, 1853-1953. Edição do Governo do Estado, 1953.

Figura 10. “Um nordestino vendedor de redes assombra-se com Londrina. Mas há ali mercado para tudo. Fará bons negócios e acabará se fixando na ‘Canaan Brasileira’.”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[83]

[83] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.

Figura 11. “Homens do nordeste brasileiro chegam constantemente ao Paraná, onde se dedicam aos mais variados trabalhos, aqui se fixando definitivamente.”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[84]

Nenhum elemento presente nas imagens permite a identificação dos homens como nordestinos. Isso fica a cargo da legenda, que direciona a leitura que se faz. Na figura 10 destaca-se também que o enquadramento – o vendedor de redes ao centro, em primeiro plano, com um edifício moderno de linhas retas ao fundo. O primeiro mostra o comércio arcaico que se faz nas ruas ou de casa em casa. Já o edifício destacado é vinculado a uma arquitetura

[84] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.

moderna, de linhas retas, uma expressão da racionalidade moderna que se almeja para o Estado.

As imagens, com o auxílio das legendas, visam corroborar a visão do progresso do Estado, apto a acolher os aflitos e esperançosos grupos de colonos. É neste sentido que são apresentadas outras fotografias:

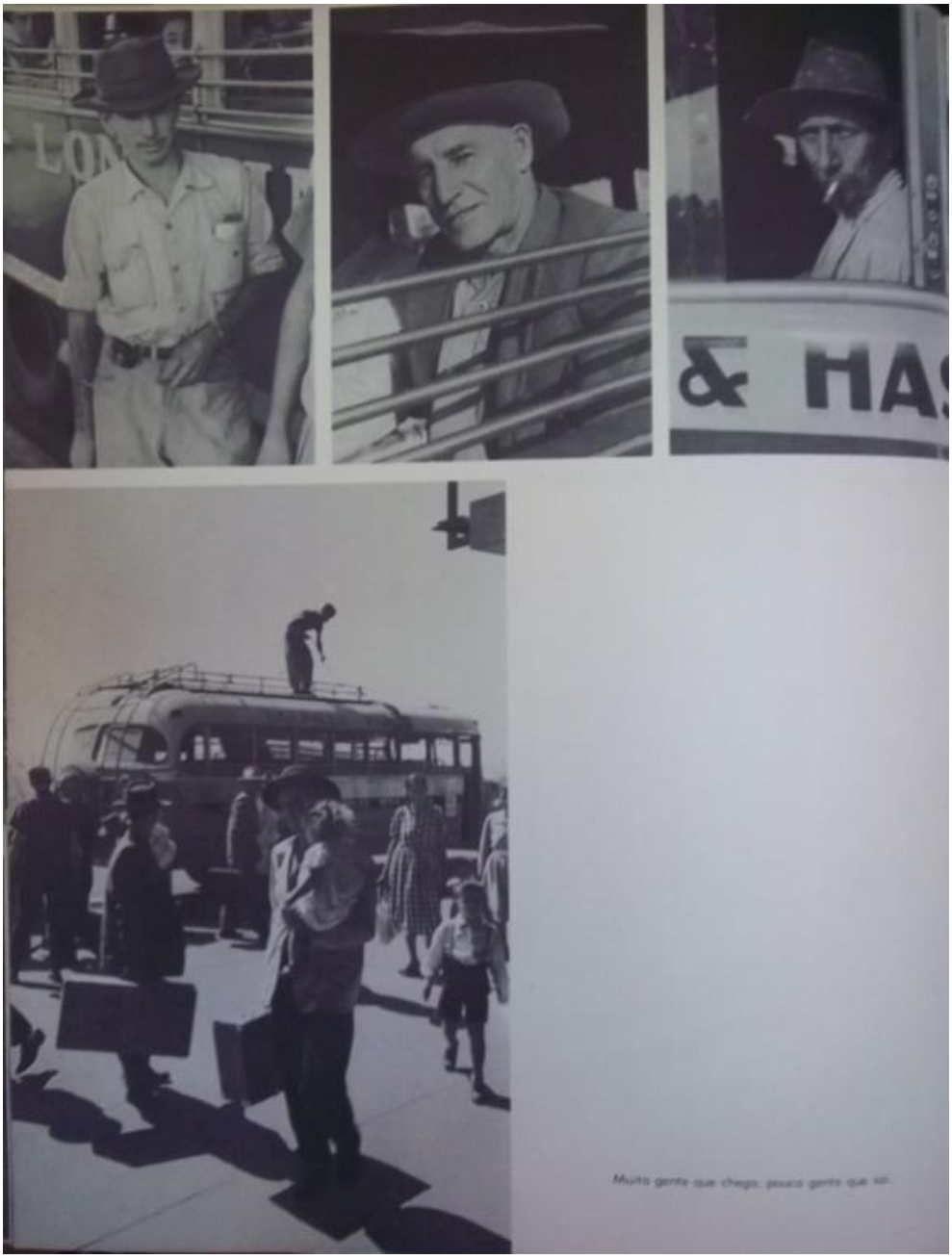


Figura 12. “Muita gente que chega, pouca gente que sai.”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[85]

[85] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.

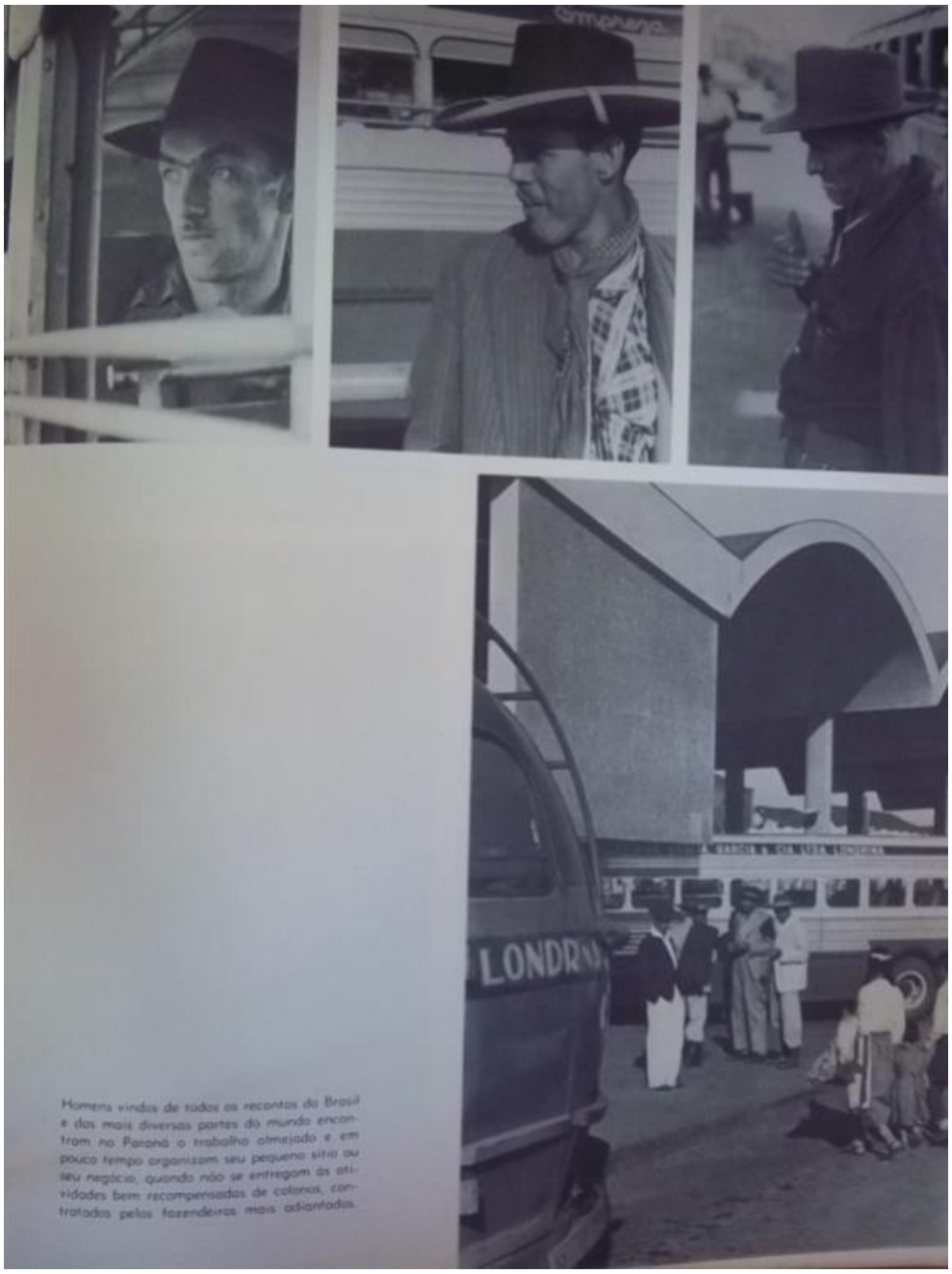


Figura 13. “Homens vindos de todos os recantos do Brasil e das mais diversas partes do mundo encontram no Paraná o trabalho almejado e em pouco tempo organizam seu pequeno sítio ou seu negócio, quando não se entregam às atividades bem recompensadas de colonos, contratados pelos fazendeiros mais adiantados.”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[86]

[86] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.

As fotografias feitas na rodoviária dão destaque a homens, que parecem chegar sozinhos, personificando corajosos trabalhadores que talvez tenham deixado a família para trás, aguardando seu pleno estabelecimento para então virem e se instalarem também no Paraná. Pode-se interpretar também como aventureiros, talvez os "desajustados" que tanto preocupavam o governo, que vinham para o Paraná em busca de melhores condições de vida, mas traziam consigo costumes vistos como inadequados para o projeto que o governo visava implantar aqui.

Enquanto sobre os imigrantes é construída a ideia de que já vêm prontos, aptos aos trabalhos que lhes esperam, os nacionais precisam ser treinados, adequados ao desenvolvimento. Para o governo,

> O Paraná é buscado como um oásis, para onde se dirigem os homens insatisfeitos da instabilidade econômica nacional. [...] A convergência das populações brasileiras para o Paraná torna o nosso Estado numa aspiração constante e num desejo de melhoria e segurança.[87]

Ao mesmo tempo em que evidencia investimentos feitos na assistência a estes grupos, fica clara a preocupação do governo com os efeitos que estas migrações podem causar. Em 1952, na mensagem enviada à Assembleia, é evidente a apreensão com o deslocamento crescente de "nacionais" para o Paraná:

> ... já se processou no Estado, o encontro entre gaúchos e catarinenses com paulistas, mineiros e nordestinos. O Paraná foi descoberto e é ansiosamente procurado. A civilização está acabando rapidamente o sertão mas criando também, problemas profundamente complexos.[88].

Demonstrando inquietação com o que chama de "benéfica invasão que cobre o Paraná"[89], Rocha Neto destaca que as migrações constantes para o Estado são acompanhadas por alguns problemas, que ele mesmo testemunha, como

---

[87] PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 3ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1953. p. XIV

[88] PARANÁ. Governo do Estado. Ibidem. p. 6-7

[89] PARANÁ. Governo do Estado. Ibidem. p. XII

> ... o surgimento do desnível econômico, inédito até então no Paraná, terra clássica da pequena lavoura de subsistência, com a avalanche da onda cafeeira que traz riqueza mas é acompanhada também por multidões de desajustados e doentes.[90]

Como solução para a série de problemas verificados com a vinda de migrantes para o Paraná, haja vista que, segundo Rocha Neto, "percebe-se a miséria que acompanha o progresso"[91], o governo afirma estimular a instalação de imigrantes, principalmente europeus. Com o colono europeu, enquanto "portador de outras heranças"[92], espera-se uma fácil adaptação, e que ele produza as mais diversas culturas, principalmente cereais, enquanto que os postos de trabalho assalariado são destinados principalmente aos brasileiros.

O gerenciamento da população, com vistas a conduzi-la para a civilização, já era uma preocupação em 1951 e fazia-se também através do departamento de Assistência Social:

> É tarefa primordial deste Departamento o reajustamento do material humano. [...] a solução completa e satisfatória dependerá da remoção das causas e como muitas vezes provém do meio social, há a necessidade de uma ação total que envolva simultaneamente, o homem e o meio com o qual está em constante e íntima relação.[93]

Outro investimento feito no "reajustamento do material humano" de que o governo orgulha-se é a conclusão da construção da Colônia Penal Agrícola Manoel Ribas. O governador, em sua mensagem de 1951destaca este estabelecimento como sendo um dos mais modernos e adiantados do país, o que honrava o Estado e possibilitava que seu sistema penitenciário avançasse "para posto de vanguarda no campo de recuperação dos criminosos."[94]

Numa forma mais sutil de controle sobre a população – considerando a Colônia Penal como expressão máxima deste –, o governo defende as ações

---

90 PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 3ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1953. p. XII

91 Ibidem.

92 Ibidem.

93 PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1951. p. 137

94 Ibidem p. 125-126

desenvolvidas pela Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural, através da qual:

> Auxiliares rurais, com a supervisão de agrônomos e médicos, começaram com inquéritos, verificando as condições sanitárias e educacionais, prestando ensinamentos que vão da enfermagem à horticultura, resolvendo os problemas à medida que surgem, e sobretudo criando a consciência desses problemas, sem o que será impossível a melhoria do nível de vida do trabalhador rural.[95]

Destaca por outro lado, ser necessário uma ação específica na produção cafeeira, pois "o pioneirismo, permitido pela expansão da onda cafeeira, exige mais do que nunca a assistência ao trabalhador rural."[96]. O objetivo do governo era, claramente, ampliar a produção agrícola, principalmente a de café. Em função disto, são notáveis os investimentos discursivos sobre a "vocação" do povo paranaense para esta cultura, para a qual alguns têm o "dom natural", enquanto outros precisam ser treinados e preparados, o que justifica a

> ...fundação de uma entidade especializada, a Associação Paranaense dos Cafeicultores, com sede nesta capital, propiciando estreito contato do Governo Paranaense com os lavradores do norte do Estado, interessando esta progressista classe, tão decisiva para o futuro do Paraná, nos problemas econômicos e sociais de nossa terra.[97]

Mais do que a preocupação com as condições de vida da população, nota-se a presença de discursos sanitaristas, muito fortes na época[98], além da clara intenção de disciplinar os trabalhadores rurais, os quais eram de origens diversas, com tradições e costumes que nem sempre se enquadravam no que era considerado "bom" para o Paraná naquele momento.

---

95 PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1951. p. XII

96 PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 2ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1952. p. 7

97 CÂMARA DE EXPANSÃO ECONÔMICA DO PARANÁ. 1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná. Edição do Governo do Estado, 1953. p. 28

98 Para conhecimento da ação sanitarista no Estado do Paraná cf.: RIZZO, Deisi. **Saneamento e sertão**: discursos médicos, políticas sanitárias e colonização no Paraná. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

Analisando um momento anterior ao deste estudo, Beatriz Olinto assinala os objetivos do governo em trazer imigrantes selecionados para o Estado, visando o progresso sob determinada perspectiva:

> Por um lado defini-se o que é desejado: o progresso. Como alcançá-lo? (Re) ocupar as terras com agricultores. Quais adjetivos as pessoas devem possuir para serem capazes da empreitada? Europeus e trabalhadores. Finalmente, qual é o reverso dessa imagem? Negociantes, espertos e conversadores.[99]

Durante o governo de Bento Munhoz da Rocha Neto há uma ênfase discursiva sobre a necessária capacitação, desenvolvimento de novas habilidades e cuidados pelos indivíduos. Assim, além do investimento nas fundações já mencionadas, para desenvolver capacidades e habilidades, os cuidados com a saúde, especialmente das crianças, futuro do Paraná, ganha ênfase com a fundação de postos de puericultura:

> ... o cuidado com a infância, voltados os nossos olhos para a saúde do homem do futuro, levou-nos a contribuir com a importância de dez milhões de cruzeiros para a construção de 100 Postos de Puericultura, distribuídos por todos os municípios do Paraná.[100].

Apesar da menção aos 100 postos de puericultura, o que se observa nas mensagens seguintes é contraditório. A mensagem de 1953 – referente ao exercício de 1952 –, destaca que

> Foram concluídas em 1952, 61 obras sendo 29 para a Secretaria de Educação, 17 para a de Saúde, 14 para a Chefatura de Polícia, 1 para a Secretaria de Justiça e 2 para a do Trabalho e Assistência Social.
> Foram postas em concorrência 69 obras na Secretaria de Educação, 7 na de Agricultura, 2 na de Trabalho, 44 na de Fazenda, 9 na de Saúde, 9 na do Interior, 16 na Chefatura de Polícia e 40 para postos de puericultura.[101]

---

[99] OLINTO, Beatriz A. Pontes e Muralhas: Diferença, Lepra e Tragédia no Paraná do Início do Século XX. Guarapuava: UNICENTRO, 2007. p. 97

[100] PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 2ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1952. p. 227

[101] PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 3ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1953. p. XII

Além dos cuidados com a saúde, os discursos sobre investimentos em educação também são muito recorrentes. Se a puericultura garantiria indivíduos sadios para o futuro, a educação formaria cidadãos mais aptos aos ideais modernistas e progressistas do governo, sendo que qualquer esforço seria pouco perto da satisfação de formar um filho, conforme explicitado a seguir:

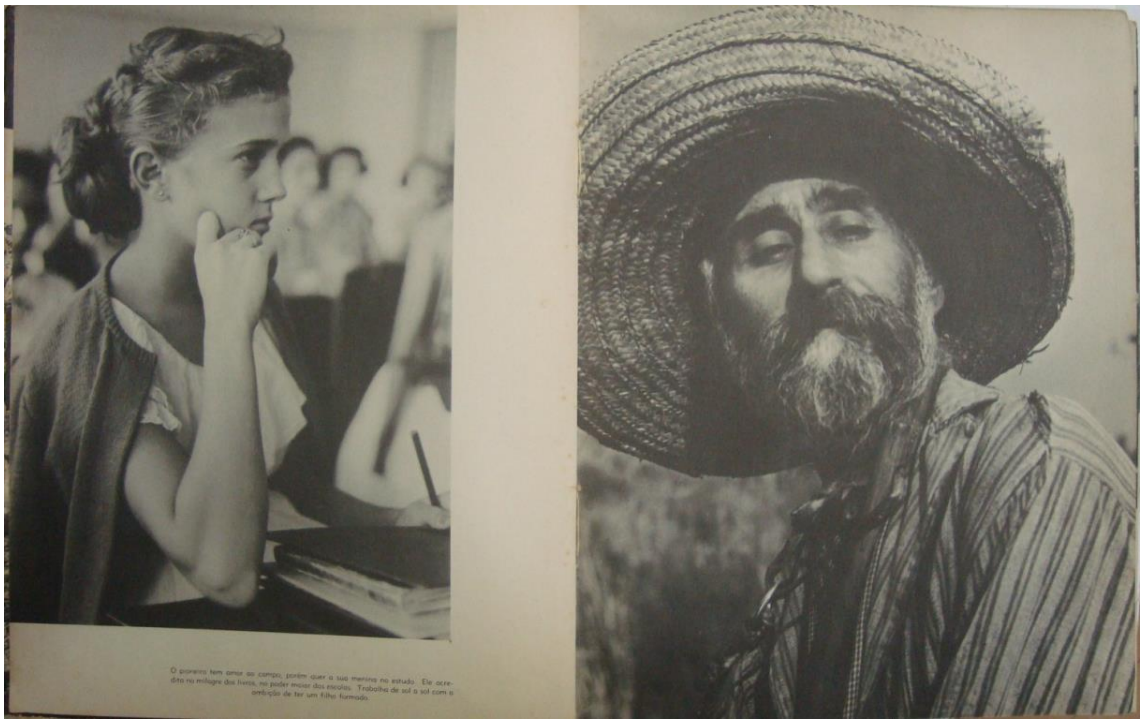


Figura 14. “O pioneiro tem amor ao campo, porém quer a sua menina no estudo. Ele acredita no milagre dos livros, no poder maior das escolas. Trabalha de sol a sol com a ambição de ter um filho formado.”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[102]

Mais uma vez a montagem das imagens indica a intenção de tornar verossímil certa narrativa, reforçando-a e cristalizando-a. Os sujeitos representados foram fotografados em lugares distintos: ela na ala feminina do Colégio Estadual do Paraná e ele no campo. Além disso, a numeração das imagens no acervo de Peter Scheier – a primeira é nº 1013 e a segunda nº 1506 – sugere que houve uma diferença de tempo e/ou espaço, sendo que há muitas outras fotografias entre elas, de diferentes lugares e sujeitos. O que une as imagens e dá o tom para a leitura é, mais uma vez, a legenda. É possível que as imagens não tenham sido produzidas para este fim, por isso a

[102] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.

necessidade de acrescentar os textos, para construir e direcionar a observação das imagens. Outro grupo de imagens produzido no Colégio Estadual do Paraná reverbera a importância do investimento em educação, pensando no futuro do Estado:

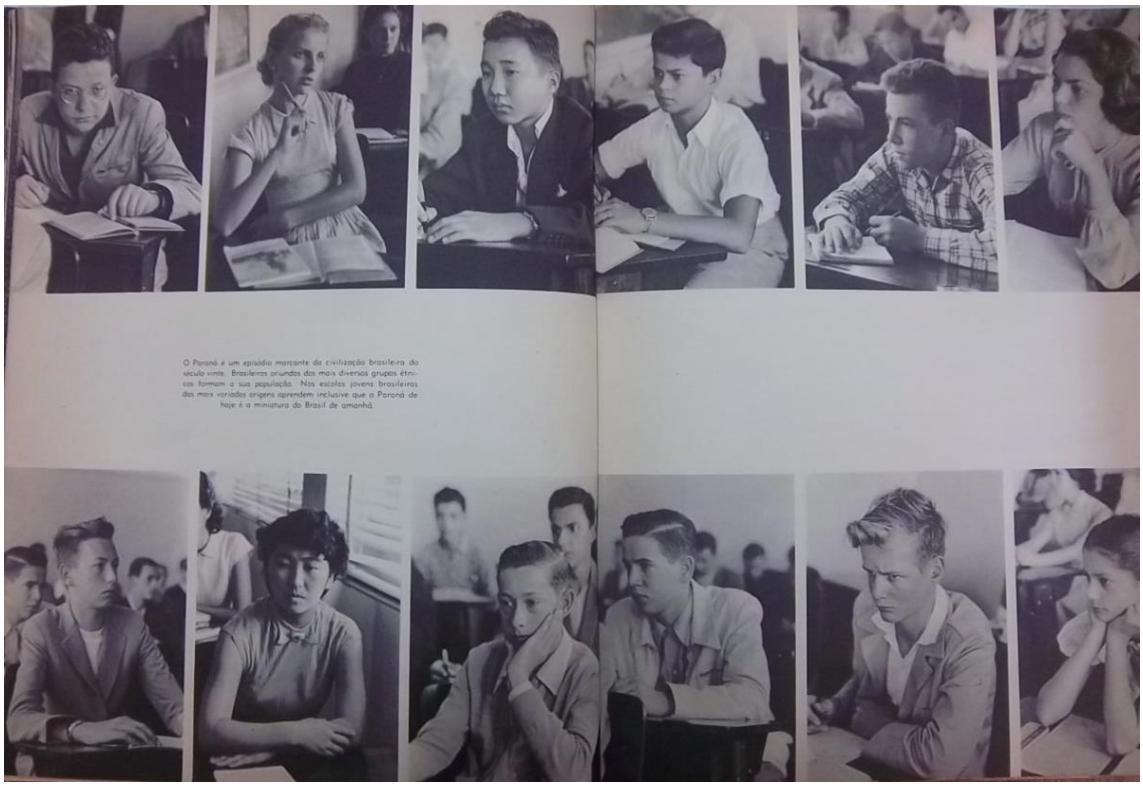


Figura 15. “O Paraná é um episódio marcante da civilização brasileira do século vinte. Brasileiros oriundos dos mais diversos grupos étnicos formam a sua população. Nas escolas jovens brasileiros das mais variadas origens aprendem inclusive que o Paraná de hoje é a miniatura do Brasil de amanhã.”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[103]

Na mensagem de 1953, após apresentar um breve resumo da situação econômica, política e social do Estado, Rocha Neto se mostra convencido da importância que este assumiu no cenário brasileiro, afirmando que “atingimos o ano do centenário da fundação de nossa Província com todas as atenções do Brasil concentradas no Paraná.”[104] No discurso governamental o Estado é mostrado em pleno progresso, nos mais variados aspectos. Após o destaque à produção de café, a imigração, a expansão da rede de energia elétrica, a exploração de minerais, os investimentos em escolas e sanatórios, é reforçada

[103] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.
[104] Ibidem. p. XIV

a ideia de que “o Paraná é buscado como um oásis”.[105] Ao tratar deste aspecto – ocupação do Estado –, Rocha Neto destaca que “nosso Estado alcança um dos pontos mais altos de sua expansão pioneira. O norte, o nordeste, o oeste e o sudoeste do Estado se lançam no desbravamento possuídos do alto espírito de construtores de civilização.”.[106]

As referências ao pioneiro e ao papel civilizador da ação governamental são destaques também no álbum *1º Centenário de Emancipação Política do Paraná*, no qual Osvaldo Piloto[107], no texto *Sinopse Histórica do Paraná* afirma que

> Aquelas preocupações de devassar os sertões, conhecendo-lhes as riquezas e as possibilidades de vida; as vias de comunicação que haviam de aproximar povos, conduzir colonização e facilitar o escoamento da produção; o fomento da agricultura e da pecuária e respectivas industrializações; a escola a marcar pontos de civilização em todos os recantos do território; tudo isso tem sido problema de cada hora da vida paranaense.
> Outras zonas do Estado progridem com sistema racional de colonização.[108]

Os mesmos elementos discursivos são encontrados também no livro de imagens *Paraná, Brasil*:

---

[105] Ibidem.
[106] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. p. XIV
[107] O texto de apresentação de Osvaldo Pilotto no Álbum o descreve como “Engenheiro Civil e Engenheiro Agrônomo. É professor catedrático das Faculdades de Filosofia e de Ciências Econômicas da Universidade do Paraná e da Escola Superior de Agricultura e Veterinária. Tem vários trabalhos publicados, colabora assiduamente na imprensa, e tomou parte em diversos congressos estaduais e nacionais. É sócio do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, do Círculo de Estudos “Bandeirantes” e do Centro de Letras do Paraná.” PARANÁ. Câmara de Expansão Econômica. **1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná, 1853-1953**. Edição do Governo do Estado, 1953, p. 4
[108] PILOTTO, Oswaldo. Sinopse histórica do Paraná. In: PARANÁ. Câmara de Expansão Econômica. **1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná, 1853-1953**. Edição do Governo do Estado, 1953, p. 16.

Figura 16. “O pioneirismo no interior paranaense lembra a história dos mais importantes empreendimentos de colonização do Novo Mundo. Aspectos do comércio lojista nas zonas de abertura de novas cidades.”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[109]

[109] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.

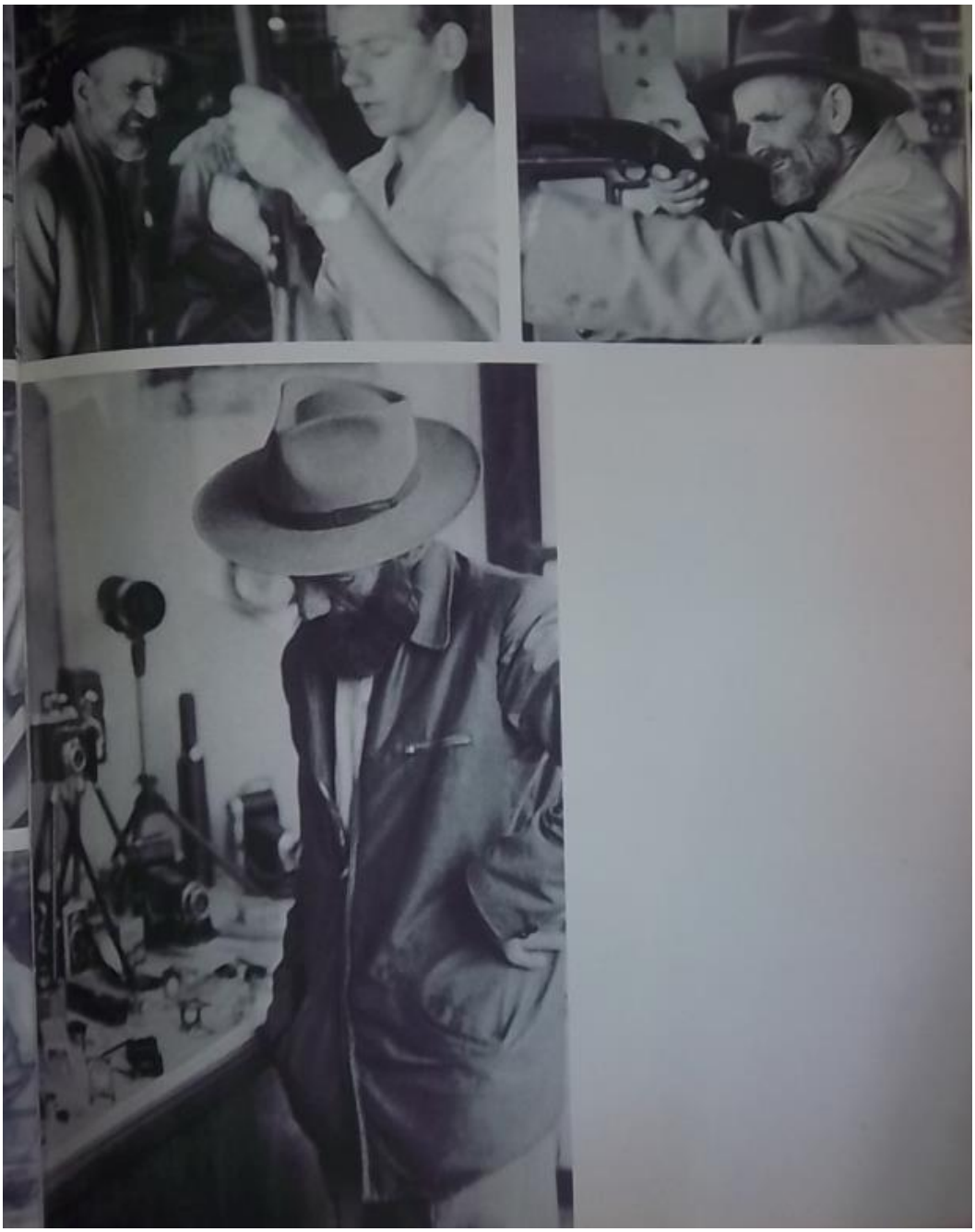


Figura 17. (Sem legenda)
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[110]

Ao reforçar e enaltecer estes valores, o discurso institui o que é o paranaense e o que é o Paraná, o que pode ser percebido em outro trecho do texto de Osvaldo Piloto, sintetizando o Estado no centenário:

[110] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.

> ...vem sendo o território paranaense riscado em todos os rumos por estradas projetadas no sentido de serem vias capazes de atender à produção do Estado, que comemora o centenário da sua emancipação política no murmurinho salutar do trabalho honesto e produtivo dos seus filhos pela grandeza sempre crescente da Pátria.[111]

Os referidos filhos não eram, enfim, todos os paranaenses, mas sim aqueles que atendiam a certas especificações, posto que "o povoamento efetivo da nossa terra fez-se tardio pelas anteriores lutas sustentadas, mas eficiente pelo valor do elemento humano que nela se firmou depois", afirma José Nicolau dos Santos[112].

Este elemento humano, segundo análise de Raul Gomes[113], no texto *Aspectos Gerais e Econômicos do Paraná*, que também compõe o livro acima referido, em Curitiba era

> ...sadio, forte, belo mesmo, pois na nossa urbe encontrou os mais formosos padrões de raça nova em formação nestes planaltos. Já existia o tipo loiro e muito branco e as mulheres eram particularmente lindas, qualidade aprimorada pelo tempo.[114]

Era necessária, para o projeto de desenvolvimento que o governo estava gerindo, a publicidade dos elementos citados. Eles precisam ser noticiados, veiculados, para atingir muitos lugares, principalmente o exterior – notadamente a Europa – de onde viriam os elementos humanos capazes de acelerar ainda mais o progresso do Estado. Este era o papel do Serviço de Publicidade Agrícola, órgão responsável pela publicação do Guia Globo de exportação e importação, que

---

111 PILOTTO, Oswaldo. op. cit. 1953, p. 16.

112 SANTOS, José Nicolau dos. Núcleos Imigratórios e Sistemas Coloniais do Paraná. In: PARANÁ, Câmara de Expansão Econômica. **1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná, 1853-1953**. Edição do Governo do Estado, 1953. p. 91

113 Raul Gomes era "Catedrático por concurso da cadeira de Economia Política na Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, e catedrático de História do Brasil no Instituto de Educação de Curitiba. Tem várias obras publicadas. Participou de quatro congressos de educação promovidos pela Associação Brasileira de Educação. É jornalista, tendo sido redator-chefe e diretor sete vezes do DIÁRIO DA TARDE, o decano da imprensa paranaense." PARANÁ, Câmara de Expansão Econômica. **1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná, 1853-1953**. Edição do Governo do Estado, 1953, p. 104

114 GOMES, Raul. Aspectos Gerais e Econômicos do Paraná. In: PARANÁ, Câmara de Expansão Econômica. **1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná,** 1853-1953. Edição do Governo do Estado, 1953, p. 109

> ...tem como finalidade principal, sinão única, a divulgação, por todos os meios ao seu alcance, dos fatos e acontecimentos relacionados com o desenvolvimento da ciência agropecuária, tornando o seu conhecimento acessível aos homens do campo, daqueles que com o seu labor quotidiano, prestam uma colaboração inestimável ao progresso da nação. [115]

Os materiais produzidos apresentavam, ao fim de cada tópico, resumos em pelo menos três idiomas: espanhol, inglês e alemão. Assim, mais do que listar as realizações, estes materiais tinham como finalidade corroborar os discursos em voga no Estado, buscando atingir e convencer diversos públicos. Outro discurso que reafirma a ideia de que o Paraná é a nova terra prometida e ainda destaca a importância de interligar as diferentes regiões do Estado é o texto de José Nicolau dos Santos, referido anteriormente. Segundo o autor:

> Para a conquista da terra pelo homem, para a vitória plena do mais extenso plano colonial intentado no Brasil, e talvez no mundo, só restava a regressão das distâncias entre o sertão ínvio e o centro urbano mais próximo, isto é, a conquista de uma saída para as rotas da civilização. O executor de um programa colonial de tal envergadura deveria forçosamente completá-lo com outro de igual porte: dar vias de acesso ao horizonte perdido, levar os trilhos do progresso até a boca dos altiplanos selvagens. Foi o que pensou e gizou a experiência sábia de Lord Lovat. A “Companhia Ferroviária São Paulo – Paraná” completou o sonho de arrotear uma nova Canaã. [116]

A partir destes elementos ia-se construindo uma verdade sobre o Estado, e buscava-se constantemente sobrepô-la às outras. É a partir destes discursos, institucionalizados e, portanto, com tendência a serem considerados mais verdadeiros do que outros, que uma determinada visão do que é o Paraná e do que é ser paranaense é construída e reafirmada.

De acordo com dados dos sensos disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE[117], tabulados e publicados na obra *1º Centenário...*, a população paranaense teve a seguinte evolução:

---

[115] PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 2ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1952. p. 104

[116] SANTOS, José Nicolau dos. Núcleos Imigratórios e Sistemas Coloniais do Paraná. In: PARANÁ, Câmara de Expansão Econômica. **1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná, 1853-1953**. Edição do Governo do Estado, 1953. p. 90

[117] Disponíveis em: http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/default.aspx

Tabela 01. População entre 1872 e 1920 no Brasil e no Paraná

Recenseamentos	*Brasil*	*Paraná*
1872	10.112.061	126.722
1890	14.333.915	249.401
1900	17.318.556	327.136
1920	30.635.605	685.711
1940	41.236.315	1.236.976
1950	52.645.479	2.149.949

Fonte: Álbum 1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná, 1853-1953.[118]

Raul Gomes, no texto citado acima, destaca o crescimento demográfico do Estado do Paraná, em relação ao restante do Brasil, visto na Tabela 1, como um fenômeno decorrente de uma "preferência" dos elementos humanos que migram:

> ...foi o Paraná um Estado que sempre cresceu demograficamente dentro da comunidade nacional. Crescimento muito favorecido, tanto pela preferência das correntes imigratórias estrangeiras como também pelo afluxo das transmigrações internas que para ele propendem.[119].

A ocupação do Estado é citada sempre de maneira positiva, buscando demonstrar que apesar da tardia ocupação do território, as pessoas que o povoaram eram de elevado valor moral. O crescimento populacional tão destacado pelos discursos ocorreu de fato no Estado. Contudo, há que se estar atento para as condições desta ocupação, bem como para os conflitos gerados pela mesma que não são mencionados nas fontes analisadas[120]. Outrossim, nota-se que, por maiores que tenham sido as tentativas de unir ou criar uma identidade para a população paranaense, décadas mais tarde ainda há a preocupação com a falta de coesão dos paranaenses, sendo considerado imprescindível, conforme Wachowicz, que:

> A próxima etapa no desenvolvimento histórico-cultural do estado é concluir a obra de integração das partes que formaram o Paraná num todo mais homogêneo. Somente unido e sem esdrúxulos sentimentos regionais, poderá o Paraná

---

[118] GOMES, Raul. Aspectos Gerais e Econômicos do Paraná. In: PARANÁ, Câmara de Expansão Econômica. **1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná, 1853-1953.** Edição do Governo do Estado, 1953, p. 101

[119] Ibidem, p. 101

[120] Alguns dos conflitos mais importantes foram a Guerra de Porecatu, cf. PRIORI, Angelo. **O levante dos posseiros: a revolta camponesa de Porecatu e a ação do Partido Comunista Brasileiro no campo**. Maringá: Eduem, 2011 e a Revolta dos Posseiros, cf. PEGORARO, Éverly. Revolta dos posseiros de 1957: consensos e desacordos de algumas interpretações. **IDeAS**, v. 2, n. 1, p. 109-133, jan.-jun. 2008.

> reivindicar e conquistar um importante papel na esfera federal.[121]

A análise de alguns dos elementos utilizados nos discursos sobre o Paraná durante o mandato de Bento Munhoz da Rocha Neto nos fornece a compreensão acerca da intenção de construir uma identidade para o Estado. Os enunciados produzidos sobre a população tendem à homogeneização, o que facilitaria o controle sobre a mesma. Assim, os indivíduos considerados adequados ao projeto de desenvolvimento posto em prática pelo governo – o qual será alvo de análise no próximo capítulo – são enaltecidos, quase reverenciados. Trata-se, sobremaneira, de hierarquizar os diferentes grupos que compunham a sociedade da época, classificando alguns como mais aptos ao progresso do que outros. Estes outros, ademais, deveriam ser motivo de preocupação e investimentos do governo, a fim de serem readequados e instruídos para o trabalho, o estudo, a civilização.

Nas disputas de poder que classificam os discursos como verdadeiros, os enunciados oficiais, ou, neste caso, governamentais, tendem a se sobressair aos outros e imporem-se como os únicos válidos. Foi uma tentativa de desconstrução destes enunciados que procuramos fazer aqui, a fim de mostrar suas contradições e atos falhos, denunciando sua aparente lisura como forma de se sobressair de uma base de outros discursos, tão ou mais verdadeiros que os oficiais.

---

[121] WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba, PR: Gráfica Vicentina, 2001. p. 287

3. CAPÍTULO 2

“Oficina do progresso”[122]: produção racionalizada, cafeicultura e cooperativismo na construção do Paraná moderno

A tentativa de construir uma perspectiva uníssona do Paraná se projetava também no campo econômico. Os discursos sobre a produção, principalmente de café, ocorreram em diversos espaços e foram enunciados por diferentes sujeitos, sendo quase sempre relacionados ao progresso do Estado. Alguns dos materiais produzidos ou financiados pelo governo, como os analisados nesta dissertação, apresentavam resumos em inglês, alemão e espanhol[123], o que leva-nos a supor que havia a intenção de distribuí-los no exterior, para que fossem divulgados, e, assim, atraíssem mais imigrantes e investimentos para o Estado. É possível notar três eixos principais de interesse do Estado na questão econômica: implantar uma produção racionalizada, aumentar a produção de café e incentivar a formação de cooperativas de produtores. Estes elementos são interligados e controlados pelo governo através de órgãos e instituições criados especificamente para estes fins.

É o caso, por exemplo, da Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural. A Fundação, agindo por meio das Casas Rurais, era um dos principais órgãos de gerenciamento da produção no Estado. Através dela, técnicos e agrônomos faziam interferências diretas no cultivo, repassando o que consideravam ser a maneira correta de produção.

Mencionadas em 1951 como projetos a serem implantados[124], as Casas Rurais são novamente citadas em 1952, como em fase inicial:

---

[122] PARANÁ. Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. **Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná**. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. s/nº

[123] Como é o caso do Guia Globo Paraná de Importação e Exportação (1953-1954). Porto Alegre: Clarim, (1953-1954) e do álbum 1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná, 1853-1953., (PARANÁ. Câmara..., op.cit.).

[124] No trecho que se refere à produção de algodão é destacado que “Com a organização das Casas Rurais, disseminadas por todos os municípios do Norte do Paraná, pretendemos organizar o serviço de algodão de forma que sejam fornecidas, sementes das melhores variedades, na melhor época de plantio e livres de todas as pragas que normalmente infestam as culturas realizadas com sementes não expurgadas.” PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 1ª

> De acordo com a lei que as criou, já foram instaladas as primeiras, com pessoal devidamente preparado. Será o contacto direto e permanente do lavrador com os órgãos técnicos da Secretaria da Agricultura que, assim, funciona nos municípios.
> As Casas Rurais assistindo tecnicamente ao lavrador, combatendo rotinas profundamente enraizadas em nossos hábitos, ensinando novos métodos, fornecendo elementos de melhoria para a produção agro-pecuária, trarão um benefício incalculável ao Estado [...][125]

Aumentar a produção, reduzir os custos e gerar mais lucros eram os objetivos principais desta organização proposta pelo governo estadual neste período. Conforme já analisado, a reocupação do Paraná figurava como um importante interesse do Estado, que estimulava a vinda de imigrantes europeus, considerados aptos ao projeto de desenvolvimento agrícola que se pretendia implantar. Este também era o foco da produção, que devia ser orientada, fiscalizada e dirigida, para obter os melhores resultados possíveis, visando o mercado interno e a exportação. São estes elementos de racionalização da produção do Estado que este capítulo abordará.

Inicialmente houve a preocupação com a cafeicultura, considerada a porta de entrada do Paraná na economia nacional. Contudo, ao mesmo tempo havia a necessidade de produzir grãos, leite e seus derivados, matéria-prima para a indústria, erva-mate, madeira, entre outros. Para isto, a vinda de imigrantes foi estimulada e, mais do que isso, a instalação destas populações em comunidades era planejada, a fim de que eles formassem cooperativas, as quais, para além da organização agrícola e financeira, contribuíssem para maior coesão entre o grupo. Construiu-se, assim, um novo cenário produtivo no Estado, o qual foi acompanhado e instituído por uma grande construção discursiva que legitimou, estimulou e constituiu práticas.

a. Fundação de assistência ao trabalhador rural: controle e racionalização da produção

---

Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1951. p. 41

125 PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 2ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1952. p. 06

Conforme já mencionado no capítulo anterior, a Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural agia diretamente sobre as práticas cotidianas da população. Além disso, mantinha uma vigilância sobre os modos de plantar, cuidar, colher e vender a produção. Conforme a Lei 691, de 13 de setembro de 1951, que criou a Fundação,

> **Art. 3º.** Compete ao Conselho Diretor:
> **a)** elaborar o plano anual de assistência a ser promovido o respectivo orçamento e dirigir a sua execução;
> **b)** dar conhecimento ao Govêrno do Estado das condições das populações rurais, seus anseios, suas queixas, suas necessidades mais prementes para isso promovendo inquéritos e outras pesquisas sociais às mesmas relacionados;
> **c)** estimular, como atividades precípuas da Fundação, o incremento ao Cooperativismo, a criação dos Patronatos Agrícolas e as providências que se fizerem necessárias para atender primeiras instalações de sitiantes e de colonos que ingressarem no Estado;
> **d)** promover a instalação de enfermarias hospitais nos distritos e facilitar a aquisição de medicamentos de uso popular ao habitante rural;
> **e)** manter estreita cooperação com as autoridades educacionais, para melhor difusão do ensino rural;
> **f)** providenciar sôbre outras medidas que forem indicadas para alcançar a sua finalidade.[126]

Destacam-se, mais uma vez, entre os cuidados aventados para a população rural como um todo, cuidados especiais relacionados à vinda de migrantes para o Estado. Além da saúde, a educação destas populações é uma preocupação do governo, que percebe como seu dever maior gerir a atuação dos colonos, objetivando o progresso do Estado.

Sobre a composição do Conselho Diretor da Fundação, a mesma Lei apresenta que:

> **Art. 2º**. A Fundação será dirigida por um Conselho Diretor composto de um Presidente, de um Promotor Público, de um Médico Sanitarista, de livre escolha do Govêrno do Estado e de

[126] PARANÁ. Casa Civil do Governo do Estado. Lei 691 - 13 de Setembro de 1951. Publicado no Diário Oficial nº 156 de 14 de Setembro de 1951. Disponível em: http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=16759&indice=1&totalRegistros=7 Acesso em junho de 2015.

> dois representantes das Associações Rurais, pelas mesmas escolhidas, na modalidade que julgarem mais conveniente.[127]

A escolha dos membros do Conselho parece conjugar áreas consideradas mais relevantes para o governo das populações rurais: a justiça, representada pelo promotor, e a saúde, representada pelo médico sanitarista, ambos escolhidos diretamente pelo governo. Isto pode nos indicar que, mais do que cuidado, esta Fundação buscava o controle[128] destes agricultores, desde sua vida privada, formas de viver, de morar, de cuidar-se, até suas ações concernentes à economia, à produção e à geração de renda para o Estado.

Para tanto era importante que a fundação tivesse recursos que lhe financiassem, o que fora estipulado também pela lei de sua criação:

> **Art. 7º.** Constituem recursos da Fundação:
> **a)** A taxa de Assistência Social criada pelo Decreto-Lei nº 666, de 5/VII/1.947;
> **b)** uma Taxa no valor de quatro cruzeiros e oitenta centavos incidindo sôbre saca de café beneficiado, produzido no Estado, cobrável por ocasião dos despachos para consumo interno ou exportação.
> **c)** doações que lhe forem concedidas pelos Poderes Públicos ou por particulares.[129]

---

127 PARANÁ. Casa Civil do Governo do Estado. Lei 691 - 13 de Setembro de 1951. Publicado no Diário Oficial nº 156 de 14 de Setembro de 1951. Disponível em: http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=16759&indice=1&totalRegistros=7 Acesso em junho de 2015.

128 A noção de controle aqui empregada remete aos escritos de Michel Foucault, quando este investiga mecanismos de poder, que, para além da justiça, se manifestam sutilmente em instituições diversas, como as médicas, criminológicas, psiquiátricas e na criação de políticas da saúde e de mecanismos de assistência à população. Para ampliar os conhecimentos sobre a noção de controle social, cf.: ALVAREZ, Marcos César, Controle Social. Notas em torno de uma noção polêmica. **São Paulo em Perspectiva**, 18(1): 168-176, 2004. Segundo ALVAREZ (p. 173): "...a partir das discussões travadas por Foucault em *Vigiar e Punir*, mas também nos estudos posteriores sobre temáticas como as do biopoder ou da governamentalidade, fica evidente que a noção de poder em Foucault não pode ser reduzida nem a um simples diagnóstico da intensificação do controle social nem a uma visão do poder como unidimensionalmente repressivo pois, embora o poder produza certamente controle, ele produz igualmente outras coisas (Lacombe, 1996:337). Ao enfatizar o poder como rede de relações de força, como mecanismo que tanto obriga quanto habilita para a ação, ao colocar igualmente a resistência no cerne das práticas de poder, ao negar que os efeitos do poder sejam uniformizadores ou unitários, Foucault distancia-se das teses simplistas acerca da intensificação crescente do controle social (Lacombe, 1996:342)."

129 PARANÁ. Casa Civil do Governo do Estado. Lei 691 - 13 de Setembro de 1951. Publicado no Diário Oficial nº 156 de 14 de Setembro de 1951. Disponível em: http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=16759&indice=1&totalRegistros=7 Acesso em junho de 2015.

A partir de pesquisa no Sistema Estadual de Legislação da Casa Civil, é possível inferir que o Departamento de Assistência Social, também identificado como Secretaria do Trabalho e Assistência Social, ao qual a Fundação era subordinada, recebia investimentos por parte do Estado, conforme explicitado na tabela abaixo, que retrata a distribuição da receita para o ano de 1953:

Tabela 2. Gastos previstos pelo governo estadual para o ano de 1953.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO	17.660.303,50
PALÁCIO DO GOVERNO	360.000,00
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO GOVERNO	184.762.230,00
TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO PARANÁ	5.493.200,00
PODER JUDICIÁRIO E MINISTÉRIO PÚBLICO	25.630.880,00
SECRETARIA DO INTERIOR E JUSTIÇA	75.870.240,00
SECRETARIA DA FAZENDA	229.326.369,30
SECRETARIA DE VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS	654.393.453,50
SECRETARIA DE AGRICULTURA	77.734.044,00
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA	209.069.972,00
SECRETARIA DE SAÚDE PÚBLICA	70.995.281,40
CHEFATURA DE POLÍCIA	60.939.740,00
SECRETARIA DO TRABALHO E ASSISTÊNCIA SOCIAL	37.408.620,00
TOTAL DA DESPESA	1.649.644.333,70

Fonte: Site da Casa Civil do Governo do Estado do Paraná[130]

Apesar dos investimentos discursivos na questão do trato com os trabalhadores rurais, nota-se na tabela o baixo orçamento destinado àquela Secretaria que é, entre as citadas, a que tem menos verbas destinadas. No entanto, sobressaltam os dados da Secretaria de Viação e Obras Públicas, setor que demandava mais investimentos por estar vinculado diretamente às comemorações do primeiro centenário e por gerir o “plano de primeira

[130] PARANÁ. Casa Civil do Governo do Estado. Lei 1006 - 25 de Outubro de 1952. Publicado no Diário Oficial no. 193 de 27 de Outubro de 1952. Disponível em: <http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=15460&indice=1&totalRegistros=14> Acesso em junho de 2015

urgência" assumido pelo governo, que era a ampliação do plano rodoviário do Paraná, o que será analisado no próximo capítulo.

Contudo, mesmo com baixos investimentos, o discurso de assistência que o governo anunciava aos trabalhadores rurais se fazia sentir em diversos aspectos e por sujeitos diversos. Ao analisar a colonização do oeste do Paraná, com especial ênfase às políticas de saneamento intrínsecas a este processo, Deisi Rizzo constata que

> Os sanitaristas mostravam-se preocupados em estabelecer cuidados às populações migrantes que chegavam ao estado, cobrando dos governantes o rápido empenho em propor e em constituir políticas públicas para assegurar a saúde e a segurança de toda a população. Esses profissionais de saúde recomendavam também que todas as ações dirigidas à população incidissem não apenas sobre a transformação de seus hábitos e costumes, mas sobre seu padrão de vida moral.[131]

Assim, a maneira mais eficaz de se alcançar o desenvolvimento almejado parecia ser investir nos sujeitos que gerariam o progresso, pois assim o projeto alcançaria objetivos a longo prazo, garantindo a instalação e manutenção de uma população considerada adequada, a qual deveria ser alvo constante de políticas públicas, para garantir que suas ações estivessem de acordo com os planos daqueles que governavam.

Conforme mensagens governamentais que seguem a de 1951 – que instaurou a criação da Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural – poucos foram os investimentos destinados a este órgão. Nos registros da Casa Civil disponíveis, ele é mencionado apenas mais cinco vezes[132], sendo a mais relevante delas a que é citada a criação do Patronato Agrícola, "órgão de assistência legal e judiciária aos trabalhadores rurais[133]", sendo competência do Diretor:

---

131 RIZZO, Deisi. **Saneamento e sertão**: discursos médicos, políticas sanitárias e colonização no Paraná. Guarapuava: UNICENTRO, 2012. p. 161

132 Informações disponíveis em: http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=iniciarProcesso&retiraLista=true&site=1 ao buscar por "Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural" Acesso em julho de 2015

133 PARANÁ. Casa Civil do Estado. Lei 2210 - 10 de Agosto de 1954. Publicado no Diário Oficial nº. 131 de 14 de Agosto de 1954. Disponível em: http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=15902&indice=1&totalRegistros=7 Acesso em julho de 2015

> **II -** Superintender, em todo o Estado, os serviços afetos à instituição.
> **III -** Cooperar no trabalho dos advogados patronos.
> **IV -** Entender-se com os proprietários e trabalhadores rurais, sôbre o cumprimento das leis e regulamentos aplicáveis ao trabalho agrícola.
> **V -** Informar, por intermédio da Fundação, ao Govêrno sôbre falhas e irregularidades que criem obstáculos à harmonia entre patrões e trabalhadores e à eficiência das atividades agrícolas.
> **VI -** Pleitear perante quem de direito a melhoria das condições do trabalho rural, sugerindo providências que julgue acertadas.
> **VII -** Apresentar relatório anual dos serviços prestados ao Conselho Diretor da Fundação.
> **VIII -** Comparecer às reuniões do Conselho Diretor da Fundação para prestar esclarecimentos ou solicitar providências.
> **IX -** Dar expediente, em horas certas, na sede do Patronato.
> **X -** Acompanhar o trabalho dos advogados patronos, sugerindo ao Conselho Diretor da Fundação se necessário suas destituições.
> **XI -** Cooperar com a Diretoria Administrativa e demais órgãos e dependências da Fundação para a plena consecução dos objetivos gerais.
> **XII -** Visitar, quando possível, propriedades rurais, onde surjam dissidios individuais ou coletivos, promovendo soluções conciliatórias, fazendo-se acompanhar, sempre que possa, do advogado patrono com sede na região.[134]

Trata-se, assim, de uma forma de intervenção direta do Estado nas relações entre trabalhadores rurais e seus empregadores, considerando que o Diretor do Patronato Agrícola seria nomeado pelo próprio governador. Esta é, portanto, mais uma forma de gerenciamento e governo exercido através do poder político sobre os sujeitos, com vistas a, além de inteirar-se dos assuntos dos trabalhadores rurais, intermediar contratos, negociações e conflitos destes com seus patrões, também dirigir as ações destes sujeitos, indicando, através da figura do Diretor ou do Advogado, os caminhos a serem seguidos, dentro do que o Estado espera da sua população.

---

134 PARANÁ. Casa Civil do Estado. Lei 2210 - 10 de Agosto de 1954. Publicado no Diário Oficial nº. 131 de 14 de Agosto de 1954. Disponível em: http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=15902&indice=1&totalRegistros=7 Acesso em julho de 2015

b. O café como porta de entrada do Paraná na economia nacional

Um dos elementos fundamentais da atenção do governo era a produção de café, a qual, na sua perspectiva, necessitava de auxílio e supervisão diretos, pois era vista como a principal cultura, ocupando um lugar de destaque na economia do Estado. Logo no início da primeira mensagem enviada pelo Executivo, na figura do governador Bento Munhoz da Rocha Neto, em 1951, à Assembleia Legislativa, é notória a preocupação com o aumento desta produção:

> Defrontamo-nos, pela primeira vez, de maneira decisiva, com a economia nacional, que ainda não superou a sua fase cafeeira, uma vez que o café continua a ser o grande produto brasileiro de exportação, o produto que salda nossas dívidas, fornece as cambiais necessárias para as nossas crescentes necessidades de importação de utilidades da vida moderna e compensa nossas imprevidências.[135]

Neste sentido, havia um problema que impedia o pleno desenvolvimento econômico do Estado, faltavam investimentos em estradas, os quais o governo pretendia sanar. A mensagem de 1951 explicitou a ocorrência de um "deslocamento da produção nacional para o Paraná", que estava na época abastecendo o centro-sul do Brasil. O rápido deslocamento da produção seria, nas palavras do governador, "um dos motivos da crise brasileira de produção", pois não havia capacidade de transporte no Estado para acompanhar a demanda.[136] Assim,

> O Paraná, como o Brasil, precisa de tudo. Não é possível a nenhum Governo atender simultaneamente, e de maneira conveniente, todos os setores. É preciso concentrar os recursos disponíveis para resolver as nossas maiores necessidades. Daí o plano de primeira urgência organizado através do departamento de Estradas de Rodagem, para

---

[135] PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1951. p. 7
Nesta e nas demais citações oriundas das fontes manteve-se a grafia original.

[136] Ibidem, p. 8

> corresponder, com o máximo de brevidade, as atuais condições de nossa vida econômica.[137]

A atenção dada às estradas é compreendida no trecho a seguir, quando se afirma que

> Dentro desse plano de primeira urgência está a terminação da Rodovia União da Vitória à Curitiba cuja construção se arrasta há dês anos, bem como a de Irati a Palmeira; a conclusão e o revestimento de Apucarana a Mello Peixoto e de Apucarana a Ponta Grossa, esta atacada há 5 anos e que, vamos acelerar; a ligação Jacarezinho a Wenceslau Braz, *indispensável ao escoamento do café*; a ligação Antonina a Guaraqueçaba que *virá discortinar rápido florescimento que a cultura cafeeira permite*; completar a ligação de Ponta Grossa a Itararé, escoadouro natural de nossa produção madeireira; a ligação de Maringá a Campo Mourão com a ponte sobre o Ivaí, e de Curiuva a Cornélio Procópio.[138]

Os investimentos em estradas tinham o claro objetivo de escoar para o Porto de Paranaguá a produção de café, compreendido como a grande riqueza do Estado naquele período e considerado fundamental para a economia nacional.[139] Neste sentido, a mensagem é explícita:

> Estamos, portanto, mais do que nunca, entrosados na economia nacional e decidindo nos seus destinos. Mais do que nunca, os nossos grandes problemas são mais brasileiros do que propriamente paranaenses.[140] [...]
> [...] há entre nós a convicção de que o progresso econômico do Paraná, repousa na produção e exportação do café.[141]

Toda esta atenção implica em uma série de ações por parte do governo para garantir o aumento e a comercialização da produção cafeeira, como resolver problemas com contrabando e impostos:

> Conhecemos a evasão por contrabandos através dos limites do Estado; cientificamo-nos da falta de fiscalização dos tipos de café exportado, reduzindo o valor comercial em prejuízo do imposto de vendas e consignações; sabemos da deficiência de coordenação fiscal dos nossos serviços com os Estados

---

137 PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1951. p. 07

138 Ibidem. p. 07 Grifo nosso.

139 No plano rodoviário de 1951 foram delineadas as diretrizes para a construção dos trechos que, em 1960, integrariam a rodovia do Café. Ver site http://www.der.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=11

140 PARANÁ. Governo do Estado. op. cit. p. 08

141 Ibidem. p. 18

> vizinhos, e por tudo isso temos certeza de que o fator economia cafeeira, no conjunto das rendas, constitui sério problema fiscal e tributário, a resolver no complexo da nossa administração econômico-financeira.[142]

Para otimizar a produção, o governo sugeria a criação de um novo órgão administrativo, a Associação Paranaense dos Cafeicultores, uma “entidade especializada, [...] com sede nesta Capital, , e propiciando estreito contacto do Governo Paranaense com os lavradores do norte do Estado [...]”[143]. Este órgão, em consonância com a Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural, objetivava, mais do que passar ensinamentos, doutrinar os produtores, instituindo técnicas mais racionalizadas, que aumentassem a produção.

Na mensagem enviada em 1951 pelo Governo à Assembleia Legislativa são destacados ainda os pontos fundamentais da política cafeeira, considerada fundamental para garantir o sucesso da produção que "interessa neste momento profundamente a economia nacional no setor da produção", além de ser considerada "fator vital na vida econômica e de progresso do Estado". Isto pois,

> O vulto com que a lavoura e o comércio do café estão contribuindo para o erário estadual e para o desenvolvimento econômico de determinadas regiões do Paraná, impõe ao Governo assistir cuidadosamente as referidas atividades. São pontos fundamentais da política cafeeira em nosso Estado:
> a) O problema da Assistência ao Trabalhador Rural, que se pretende resolver melhorando as suas condições sociais, através da Fundação de Assistência e garantido crédito acessível, a baixos juros e sem maiores formalidades burocráticas;
> b) O problema fiscal, por onde há que defender o erário contra sonegações de impostos, sobre cerca de quinhentos mil sacas aproximadamente nas últimas safras;
> c) O escoamento das próximas safras, envolvendo correlatamente a necessária armazenagem no planalto;
> d) A questão dos preços no disponível do Porto de Paranaguá, face ao preço teto americano, ultimamente fixado;
> e) O sentido nacional da política cafeeira.[144]

---

142 PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1951. p. 19

143 Ibidem. p. 28

144 Ibidem. p. 27

Na perspectiva do governo estadual, acima evidenciada, o Paraná tinha naquele momento a oportunidade ímpar de se fazer notar, de mostrar-se aos outros Estados, ao Brasil e ao exterior. Isto implicou nos investimentos e na produção discursiva ora analisados. A referida Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural, conforme já analisado, era um órgão de auxílio, mas também, ou sobremaneira, de direcionamento e de controle sobre o produto e sobre os produtores. Gerenciava, desde o local da plantação, a escolha das sementes, as formas de plantio, colheita e estocagem, até a seleção dos sujeitos considerados mais adequados a este trabalho. Este era, para o governo, um momento de enorme visibilidade para o Paraná, e era necessário que se construísse a melhor imagem possível do Estado.

Ainda no sentido de aperfeiçoar a produção, especialmente do café, diversos mecanismos e instituições são adequados. Por exemplo, na tentativa de evitar que as plantações fossem afetadas por mudanças climáticas, o Serviço de Meteorologia deveria ser ampliado:

> Tem se limitado à coleta de dados fornecidos pelas estações meteorológicas federais. Em virtude de constantes pedidos que tem recebido o S.A.I.C., no sentido do fornecimento de dados meteorológicos que possibilitem determinar as zonas ecológicas apropriadas às diferentes espécies vegetais cultivadas e de seu valor econômico, é necessário que se aparelhe devidamente esse serviço de maneira a permitir a instalação de um pequeno posto meteorológico em cada estação experimental, e cada escola de trabalhadores rurais e em cada posto zootécnico. Constituiremos assim uma rede de postos que nos forneceriam os dados tão necessários à *agricultura racional*.[145]

Para explicar a atenção e os investimentos relacionados ao café, a mensagem destaca que o Paraná ocupava “a posição de segundo produtor do Brasil", marchando"para a sua liderança”[146]. Apesar disso, o governo justifica-se:

> Não pode o Governo do Estado esquecer o Mate e a Madeira que fizeram o Paraná, dando-lhe uma fisionomia característica e o prepararam para o surto atual de nossa economia.

---

145 PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1951. p. 38 Sem grifo no original.

146 Ibidem. p. 7

> Mas é preciso compreender que estamos em pleno ciclo cafeeiro, com suas exigências de uma mentalidade própria que é, ainda, nova, para a formação paranaense.[147]

Com maior atenção ao café e sem esquecer os tradicionais produtos que fomentaram a economia paranaense por décadas – a erva-mate e a madeira –, são citados, na mesma mensagem, outros produtos considerados importantes para a economia do Estado, entre os quais estava o algodão, o "ouro branco", que merecia cuidados, pois:

> O cultivo do algodão em nossa terra, deverá ser intensificado e protegido de forma especial, pois o progresso do Estado não se deve basear, exclusivamente, na plantação de cafezais, mais em produtos que constituem a matéria prima para a industrialização do País.[148]

A referência à industrialização e ao fornecimento de matérias primas indica uma relação entre a política estadual e a nacional, que vinha investindo maciçamente em indústrias no período[149]. Havia, ainda, os produtos de exportação, cultivados, majoritariamente, por colonos imigrantes, entre os quais

> [...] destacam-se os cereais – milho, feijão, arroz, trigo, os tubérculos, batatas, etc., e os demais produtos de origem vegetal. Em seguida encontram-se os produtos e derivados da produção extrativa animal e mineral, todos eles taxados na pauta de exportação, mas na realidade sem qualquer renda de exportação para o Estado, pois, o fruto do nosso lavrador escoa totalmente para o Estado de São Paulo, a título de consumo.[150]

O destaque ao café prossegue por grande parte da mensagem de 1951. No entanto, na mensagem seguinte, de 1952, esta atenção se dispersa para outros assuntos e apenas quando das publicações referentes ao centenário, é que a produção cafeeira volta a ter destaque. Entre estas publicações se destacam o livro de imagens *Paraná, Brasil*, produzido a partir de fotografias de Peter Scheier, e a obra *1º Centenário da Emancipação Política do Paraná – 1853-1953*. Na capa do livro de imagens são apresentados os principais

---

147 PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1951. p. 08

148 Ibidem. p. 21

149 IANNI, Octavio. Estado e planejamento econômico no Brasil (1930-1970). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

150 PARANÁ. Governo do Estado. op. cit. p. 21

elementos discursivos construídos no período: a produção e a população, representadas por trabalhadores da cafeicultura.

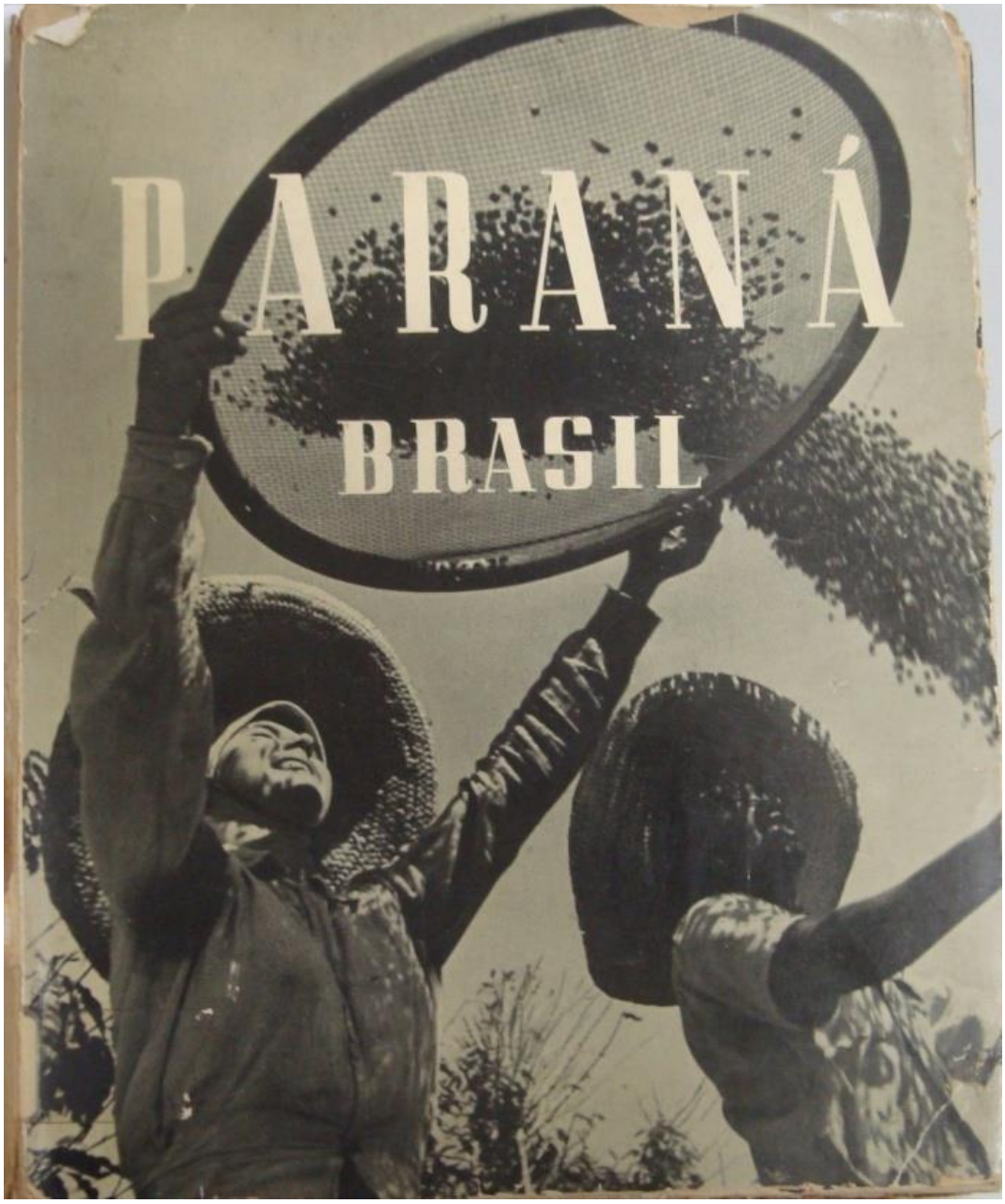


Figura 18. (Sem legenda)
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[151]

A imagem apresenta dois trabalhadores, um homem e uma mulher, a qual está, aparentemente, sorrindo. A atividade que eles estão desenvolvendo faz parte do processo produtivo do café. Trata-se da classificação dos grãos, mediante a qual os grãos menores ou defeituosos são separados dos maiores e mais sadios. Seria apenas mais uma imagem produzida por Peter Scheier se

[151] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.

não tivesse sido escolhida para estampar a capa do livro lançado em comemoração ao centenário. Esta imagem é profundamente significativa, pois conjuga os dois objetos principais dos discursos que estavam sendo construídos no período: a produção agrícola (que tinha o café como principal produto) e a população.

Este livro tem como característica peculiar a apresentação como uma sequencia aparentemente despretensiosa de imagens, que ganham muito destaque, ocupam páginas inteiras, às vezes até duas páginas, sem títulos nem qualquer tipo de identificação, apenas algumas legendas. Há uma tentativa de tornar a imagem auto-explicativa, como se ela falasse com o seu observador, dispensando apresentações.

Apesar de parecer que o objetivo deste material era manter-se alheio ao seu leitor e aberto a interpretações, a disposição das imagens, a união de determinadas fotografias numa mesma página e a adição de legendas demonstram uma grande manipulação induzida sobre as fotografias. Exemplos destas manipulações podem ser percebidos na imagem abaixo (Figura 19).

O homem no balcão pode estar fazendo inúmeras coisas, desde um empréstimo até o pagamento de alguma dívida. As fotografias apresentadas foram produzidas em lugares e momentos distintos e diversas interpretações são possíveis, de modo que não se pode afirmar com certeza o que as cenas capturadas representam. É por isto que a legenda se faz presente, para induzir, para preencher as lacunas que as imagens deixam, contribuindo, assim, para a consolidação de uma determinada interpretação destas.

Figura 19. “A colheita já está garantida e o fazendeiro decide que o mais acertado é converter o seu lucro em novos pés de café.”
“A árvore do mate e o ervateiro sintetizam uma atividade que marcou profundamente a evolução econômico-social do Estado.”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[152]

Outra imagem (Figura 20) que chama a atenção traz em destaque a oposição entre o antes e o depois – o antigo e o moderno –, representados pela mata bruta e pelos cafezais, respectivamente:

[152] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.

Figura 20. “Antes tudo era mata bruta... Hoje os cafezais se perdem no infinito...”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[153]

[153] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.

Considerando que o novo se constrói por meio do conflito com o velho, tem-se a necessidade de mostrar como era antes, o bruto, o arcaico, para que o novo, lapidado e, portanto, melhor, seja celebrado. A todo instante as publicações sugerem esta dualidade, sempre considerando o novo, ou moderno, como melhor.

Além desta necessária identificação de temporalidades, havia também a necessidade de integrar o Estado, ou, mais especificamente, a sua população. É neste sentido que se apresentam as imagens a seguir:

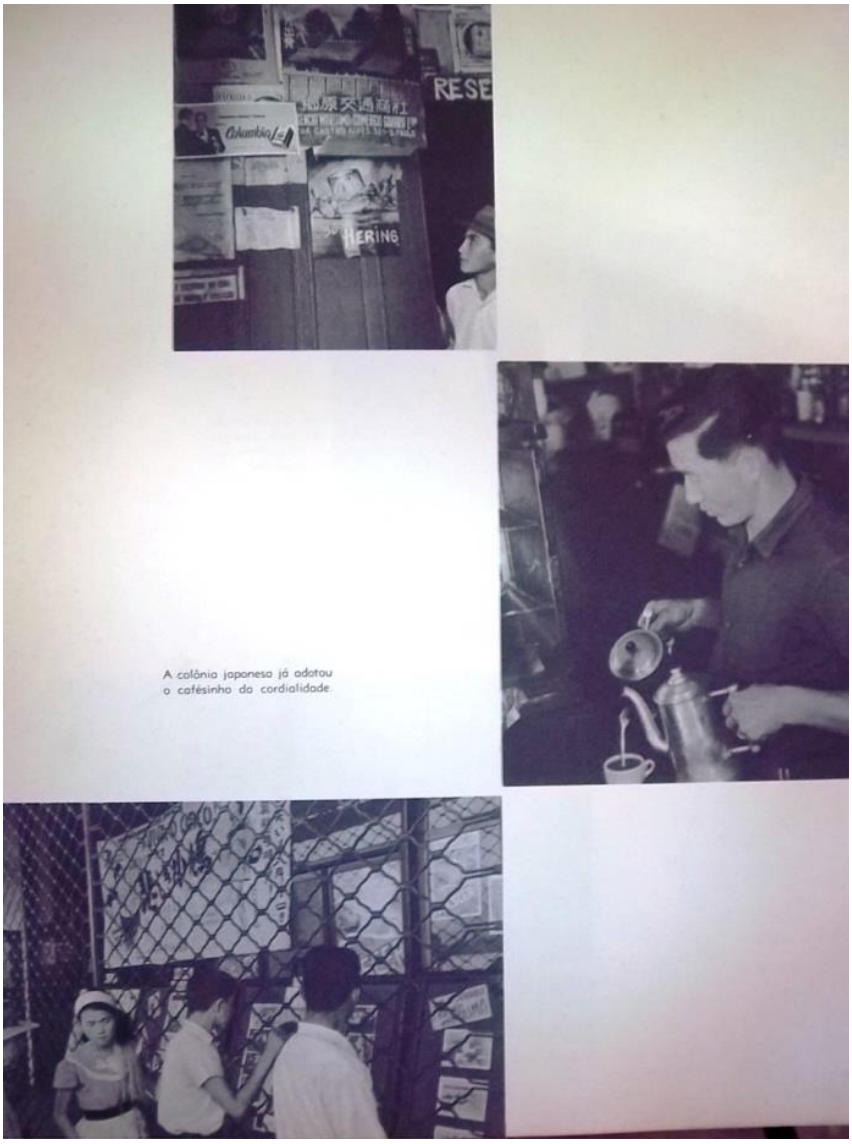


Figura 21. “A colônia japonesa já adotou o cafezinho da cordialidade.”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[154]

[154] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.

Visando construir uma ideia de integração do Estado, com foco principal na união da população, são utilizados elementos discursivos que dão a impressão de harmonia, desconsiderando possíveis conflitos e contradições.

São elementos como estes que compõem os discursos sobre o café no Estado e, principalmente, sobre uma necessidade de racionalização da produção, a fim de ampliá-la. Neste sentido, população e produção econômica só têm sentido em consonância uma com a outra, pois assim garantem o tão almejado progresso.

c. O cooperativismo como símbolo de união

Com o objetivo de integrar produção e população, o Estado incentivava o cooperativismo como a forma mais adequada de organização social e econômica, em especial quando se tratava de projetos de colonização. Na perspectiva apresentada pelo governo,

> É inegável que ao cooperativismo, mercê da equidade dos seus princípios e da sua atuação moderadora, está reservado um lugar de evidente destaque, na organização da produção. Doutrina fundamentalmente democrática, constitue-se mesmo na formula ideal, para solução dos problemas econômicos das classes menos abastadas, estando capacitado a restabelecer o equilíbrio econômico entre produtores e consumidores, assim como, resguardando os interesses individuais, regular as relações do homem com a comunidade. Longe de ser mera coodificação de princípios econômicos, constitue antes de mais nada, um programa de idealismo profundamente humanitário, de educação e formação social, de sistematização de esforços conjugadores para o bem estar coletivo.[155]

Apresentado como muito mais que um modelo socioeconômico, o cooperativismo seria a garantia de um tratamento mais humanitário entre os produtores e do Estado em relação a eles. As dificuldades encontradas para a fixação e a prosperidade de núcleos coloniais faziam com que se investisse cada vez mais neste sistema. Para garantir o seu estabelecimento no Estado, foi criado o

---

155 PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1951. p. 52.

> Departamento de Assistência ao Cooperativismo, que tem em nosso Estado, o encargo da difusão doutrinal do cooperativismo, e bem assim o seu incentivo, através de assistência vigilante às cooperativas, a despeito das dificuldades oriundas da carência de pessoal especializado além de recursos orçamentários exíguos, vem efetuando um trabalho que, embora não inteiramente satisfatório, pode todavia ser classificado de útil, em prol da solidificação dos nobres postulados cooperativistas.[156]

Neste trecho fica evidente a preocupação em não apenas organizar a produção, mas também em formar os sujeitos envolvidos neste processo, dentro da doutrina do cooperativismo, considerada a adequada para a potencializar a produção. Liliane Freitag analisa a instalação de Cooperativas na região do extremo-oeste paranaense e chega à conclusão de que, como uma releitura à famosa "marcha para oeste", os discursos da "marcha para o extremo-oeste paranaense" serviam como

> ... estímulo aos sentimentos de participação do grupo migrante junto ao processo político de construção regional-nacional. [...] O registro da cooperação e da associação é colocado em relevo a fim de que fique clara a construção harmoniosa dessa bandeira migratória [migrantes sulistas, majoritariamente] como prenúncio de solidariedade social, espírito cooperativo, dinamismo de atitudes individuais direcionadas comunitariamente.[157]

Assim, a "assistência vigilante às cooperativas", objetivava um controle mais direto das práticas produtivas, mas manifestava também o discurso de unidade, tão caro ao governo da época. A mensagem indica, ainda, que o cooperativismo já era considerado um sucesso no Estado:

> O panorama cooperativista do nosso Estado, apresenta um número bastante elevado de organizações, num total de 167 cooperativas, sendo 35 de produção agro-pecuária, 3 de crédito, 15 de consumo, 14 de mate, 9 de pescadores e 88

---

156 PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1951. p. 52

157 FREITAG, Liliane da Costa. **Extremo-oeste paranaense:** história territorial, região, identidade e (re)ocupação. 2007. 209 p. Tese (Doutorado em História) – UNESP, Franca, São Paulo, 2007. p.173

> escolares, além de duas Federações e uma Cooperativa Central Agrícola.[158]

Como o sistema de cooperativas é anterior ao governo de Bento Munhoz da Rocha Neto, são mencionados alguns fracassos neste empreendimento:

> [...] muito embora os registros do mencionado Departamento acusem aquele número de organizações uma grande parte das mesmas, tem sua existência restrita ao ato de fundação. Assim sendo, a par das 88 cooperativas escolares [...] mantém em funcionamento mais ou menos regular 53 cooperativas.[159]

A ideia da cooperação entre indivíduos com um objetivo em comum é muito anterior a estes casos no Paraná[160]. O que há de novo no cooperativismo no período analisado é a intervenção direta do governo – estadual e federal – neste processo. Sobre as cooperativas de cafeicultores formadas no Paraná, Elpídio Serra analise que elas

> ... foram surgindo das bases, isto é, a partir da iniciativa dos próprios produtores de café. Do final da década de 50 em diante, com a criação do Instituto Brasileiro do Café, o Governo passou a tomar a iniciativa, quer fundando, quer recuperando cooperativas constituídas por cafeicultores e que enfrentam dificuldades de funcionamento.[161]

Esta gerência do Estado – que acontece a nível estadual e federal e que se mostra paradoxal pois o cooperativismo pressupõe uma gestão democrática e desvinculada de interesses governamentais – é o que nos interessa para esta análise, pois demonstra, mais uma vez, a tramas tecidas pelo poder, que vai além dos lugares de ação da política por excelência, utilizando como justificativa a construção de um “bem comum”

> É evidente, que o cooperativismo em nosso Estado, aliás acontece de modo generalizado em quase todas as unidades da Federação, ainda não constitue um movimento inteiramente independente, estando por conseguinte, na dependência de uma ação assistencial dos poderes públicos. Nestas condições,

---

158 PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1951. p. 52

159 Ibidem.

160 Sobre o assunto conf. SERRA, Elpídio. Um pouco da história do cooperativismo no Paraná. Boletim de Geografia. UEM. Ano 13. vol. 13, n. 1 55-62 (1995)

161 PARANÁ. Governo do Estado. op. cit. p. 62

> acreditamos que, sanadas as falhas existentes neste setor, nada obstruirá o tão necessário incremento do cooperativismo.

A valorização da doutrina cooperativista prossegue nos anos posteriores, conforme mensagem de 1952, que afirma que o Departamento de Assistência ao Cooperativismo:

> subordinado à Secretaria de Agricultura, é o órgão estadual especializado na difusão da propaganda e divulgação da doutrina cooperativista e na orientação da sua perfeita aplicação em face da legislação vigente, visando o bem estar coletivo através da prática da verdadeira democracia econômica-social cuja competência lhe foi outorgada pelo acordo firmado entre o Governo da União e o deste Estado no dia 16 de junho de 1951. [...][162]

Nos materiais produzidos para o centenário esta forma de organização ganha destaque novamente. No álbum 1º Centenário de Emancipação Política do Paraná ha um artigo dedicado ao tema o já citado *Núcleos Imigratórios e Sistemas Coloniais do Paraná*, produzido por José Nicolau dos Santos[163]. Neste artigo o autor defende que o cooperativismo é a forma mais adequada para otimizar a produção, principalmente quando se trata de imigrantes, como é o caso dos suábios instalados em Entre Rios, Guarapuava.[164]:

> Tem ela a base orgânica de uma *cooperativa de produção,* ou seja, nela não predomina decisivamente nem o fator *trabalho* nem o fator capital. É um esforço conjugado de ambos. É uma cooperação desses duplos elementos de produtividade que se aliam à *natureza,* como terceiro fator, para desenhar um novo e curiosíssimo estilo em empresa colonial.[165]

Assim, o que se pode notar no decorrer desta análise é a estreita relação que o Estado busca manter com os seus "governados", agindo através do gerenciamento da produção, decidindo o que será produzido, como será e, principalmente, quem irá produzir. São elementos que moldam ações, pois o

---

[162] PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 2ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1952. p. 93

[163] SANTOS, José Nicolau dos. Núcleos Imigratórios e Sistemas Coloniais do Paraná. In: PARANÁ, Câmara de Expansão Econômica. **1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná, 1853-1953**. Edição do Governo do Estado, 1953.

[164] Cf. indiquei anteriormente um importante e aprofundado estudo sobre este assunto foi realizado em: STEIN, Marcos Nestor. **O oitavo dia**: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios – PR (segunda metade do século XX). Guarapuava: UNICENTRO, 2011.

[165] SANTOS, José Nicolau dos. op. cit. p. 99. Grifos do original.

Estado exerce um poder legitimado, que se justifica por ter como pretenso objetivo o bem de todos. Estas ações não podem ser vistas como restritas ao campo político, pois interferem diretamente na vida dos sujeitos, em aspectos diversos, conforme analisado anteriormente.

4. CAPÍTULO 3

“Todos os caminhos levam... ao PAÍS DA TERRA ROXA!”

No decorrer do mandato de Bento Munhoz da Rocha Neto foram enunciados discursos que divulgavam o Paraná como um lugar bom para se viver, bem urbanizado, civilizado, onde o desenvolvimento era pleno. Um lugar, enfim, de “muita luz, muito movimento, muito progresso.” As comemorações do centenário figuram como baliza para a construção destes discursos, pois, considerando o que nos indica Helenice Rodrigues da Silva “comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal.”[166]

Em razão da relação inevitável entre presente e passado que o primeiro centenário de emancipação política do Paraná parece evocar e visando deixar para o futuro a marca desta importante comemoração, estes discursos têm como protótipo o Centro Cívico, planejado durante o governo de Rocha Neto, mas concluído apenas anos mais tarde. Esta construção é a materialização do poder centralizado que o governo buscava, pois as estradas deveriam convergir para a Capital, mais especificamente ao Centro Cívico, onde se encontrariam concentrados os três poderes – executivo, legislativo e judiciário.

> Tendente a resolver em definitivo e eficientemente o magno problema das comunicações terrestres intra-estaduais, há elaborado grande Plano Rodoviário, concebido com elevado senso de objetividade e previsão, já em ativa fase de concretização. O Plano, que é prestigiado e prodigamente amparado pelo Govêrno Estadual, faz convergir para a Capital, em demanda aos portos do litoral, todas as rodovias-tronco, modernas e amplas, procedentes dos mais afastados e importantes pontos limítrofes do Estado. Grandes benefícios, em consequência, emanarão para Curitiba; mais um precioso fator para o crescente surto de progresso por que passa a cidade.[167]

---

166 SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/ comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 436, 2002. p. 432

167 CÂMARA DE EXPANSÃO ECONÔMICA DO PARANÁ. **1º Centenário da Emancipação Política do Paraná**. Edição do Governo do Estado, 1953. p. 67

O quadro que se apresenta a partir dos temas já discutidos – população e produção – converge agora para a afirmação de uma síntese do Paraná e deixa claro o aparato discursivo que estava sendo montado naquele momento: população e produção a serviço do progresso. Ao desenvolver o centro cívico e o plano estadual de estradas de rodagem a capital Curitiba passaria a figurar como o centro do Estado, para onde todos os caminhos convergiriam. Um lugar de riqueza e progresso, marcados pela gente que ali habita e também pelo solo – a terra roxa – sem igual no país.

a. O Plano Rodoviário e a construção do Centro Cívico

A atenção às estradas é recorrente nas fontes analisadas e tem destaque logo na primeira mensagem enviada por Rocha Neto à Assembleia, em 1951:

> O Paraná, como o Brasil, precisa de tudo. Não é possível a nenhum Govêrno atender simultaneamente, e de maneira conveniente, todos os setores. É preciso concentrar os recursos disponíveis para resolver as nossas maiores necessidades. Daí o plano de primeira urgência organizado através do Departamento de Estradas de Rodagem, para corresponder, com o máximo de brevidade, as atuais condições de nossa vida econômica.[168]

Além das menções ao Plano Rodoviário é possível verificar (Tabela 03) grandes investimentos das receitas estaduais na Secretaria de Viação e Obras Públicas, que compreende também as obras planejadas e em execução com vistas à comemoração do centenário.

Tabela 03. Gastos previstos pelo governo estadual para o ano de 1952.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO	Cr$ 15.613.048,40
PALÁCIO DO GOVERNO	Cr$ 3.715.600,00
CÂMARA DE EXPANSÃO ECONÔMICA DO ESTADO	Cr$ 2.970.460,00
DEPARTAMENTO ESTADUAL DE COMPRAS	Cr$ 4.432.650,00

[168] PARANÁ. Mensagem enviada à Assembleia Legislativa, 1951. p. 07

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO OESTE DO PARANÁ	Cr$ 9.742.810,00
DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA AOS MUNICÍPIOS	Cr$ 2.528.200,00
CONSULTORIA GERAL DO ESTADO	Cr$ 1.865.600,00
ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO PARANÁ	Cr$ 40.000.000,00
TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO	Cr$ 5.373.200,00
PODER JUDICIÁRIO E MINISTÉRIO PÚBLICO	Cr$ 24.424.280,00
SECRETARIA DO INTERIOR E JUSTIÇA	Cr$ 63.165.725,00
SECRETARIA DE FAZENDA	Cr$ 184.855.546,00
SECRETARIA DE VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS	Cr$ 589.352.920,00
SECRETARIA DE AGRICULTURA	Cr$ 80.647.216,00
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA	Cr$ 186.280.452,00
SECRETARIA DE SAÚDE	Cr$ 56.118.123,60
CHEFATURA DE POLÍCIA	Cr$ 46.750.930,00
SECRETARIA DO TRABALHO E ASSISTÊNCIA SOCIAL	Cr$ 24.713.896,00
TOTAL DA DESPESA	Cr$ 1.342.550.657,00

Fonte: Site da Casa Civil do Governo do Estado do Paraná[169][170]

O valor destinado à Secretaria de Viação e Obras Públicas é, destacadamente, o mais alto da receita, fixado em Cr$ 589.352.920,00, o que era ainda acrescido de receitas extras ao longo do ano. Os altos investimentos, recorrentes no governo de Rocha Neto, indicam a maior atenção dada às questões de integração do Estado através de rodovias, o que facilitaria o escoamento da produção e aumentaria ainda mais o progresso, além dos investimentos nas obras públicas, principalmente aquelas destinadas às comemorações do centenário.

É interessante observar com mais detalhes o Plano Rodoviário mencionado anteriormente, pois este nos dá uma ideia mais exata da

169 PARANÁ. Casa Civil do Governo do Estado. Lei 1006 - 25 de Outubro de 1952. Publicado no Diário Oficial no. 193 de 27 de Outubro de 1952. Disponível em: <http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=15460&indice=1&totalRegistros=14> Acesso em junho de 2015

170 Recorte produzido a partir do conteúdo disponibilizado em: http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=15900&indice=1&totalRegistros=48 Acesso em dezembro de 2015

materialização do discurso centralizador e de síntese do Paraná, pois sugere a conversão das estradas para a capital, Curitiba

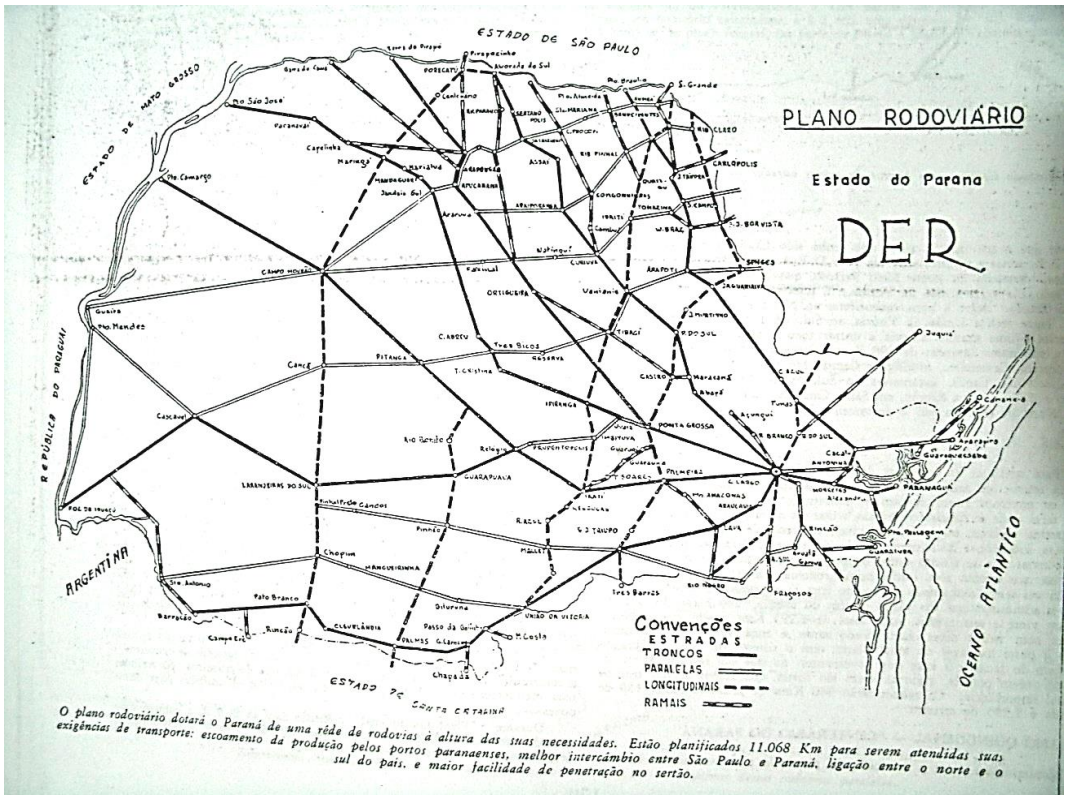


Figura 22. Mapa do Plano Rodoviário do Paraná.
Fonte: Álbum 1º Centenário de emancipação política do Paraná.[171]

Os traços contínuos e mais fortes no mapa representam as estradas troncos, que convergem para o pequeno círculo que representa Curitiba. As demais rodovias – paralelas, longitudinais e os ramais – se interseccionam com as principais, facilitando a ligação e a convergência para a capital e para o porto de Paranaguá.

Conforme analisa Aparecida da Silva Bahls, o governo tinha, desde a emancipação política, ocorrida em 1853, o objetivo de legitimar Curitiba como a capital do Estado, pois havia ainda certa resistência por muitos a considerarem pouco moderna e desenvolvida para uma capital

> Esse boom econômico [produção de café] coincidiu com um dos momentos “magnos” da história regional paranaense – a celebração de seus cem anos – envolto em clima de euforia e de prosperidade, vindo de encontro às aspirações de Munhoz

171 CÂMARA DE EXPANSÃO ECONÔMICA DO PARANÁ. **1º Centenário da Emancipação Política do Paraná**. Edição do Governo do Estado, 1953. p. 160

> da Rocha, que pretendia destacar o Paraná, como importante unidade federativa e consolidar Curitiba como sua capital. Mesmo ambicionando se modernizar nos moldes dos principais centros urbanos do país, a cidade permanecia com aspecto provinciano, observado não somente nas construções neocoloniais, mas também nos hábitos dos curitibanos, que demonstravam que a modernidade demoraria por chegar.[172]

Contribuindo também para a centralização do governo em Curitiba, houve a elaboração de um grande projeto arquitetônico para a construção do Centro Cívico, que deveria congregar os três poderes e, assim, centralizar a administração. A construção teve início logo depois que Rocha Neto assumiu (1951) e contou com grandes investimentos, conforme já demonstrado (Tabela 03). No entanto, em material produzido para o centenário (1953), fica claro que pouco havia se concretizado, pois não há imagens do andamento das construções, apenas do projeto ainda no papel. (Figura 23).

A imagem que estava sendo construída de Curitiba apresenta elementos já discutidos anteriormente, merecendo novo destaque os discursos sanitaristas, como quando Ildefonso Puppi[173], que escreve capítulo intitulado *A cidade paranaense* destaca que "Curitiba é uma cidade salubre. Comprovam-no dados estatísticos e a geral aparência robusta dos moradores do lugar."[174]Além disso, Puppi sintetiza o Paraná e suas cidades enaltecendo que

> Resumindo condições naturais privilegiadas para a fixação de aglomerados humanos, como as de um clima temperado semelhante ao do centro e sul europeu, as de um solo úbere favorável às mais variadas culturas, as de uma enorme riqueza de florestas e pastagens, as de uma água natural potável, fácil e abundante, mais as condições sociais de um regime político-administrativo liberal extremamente acolhedor, fácil é explicar a existência, no início do século fluente, no Estado, de mais de 20 cidades e outras tantas promissoras vilas.[175]

---

172 BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. A busca de valores identitários: a memória histórica paranaense. Curitiba, Dissertação (Mestrado), UFPR, 2007. p. 122

173 "Desde 1937 é catedrático por concurso da Faculdade de Engenharia da Universidade do Paraná. Rege a cadeira de Higiene Geral, Higiene Industrial e dos Edifícios, Saneamento e Traçado das Cidades. É membro do Instituto de Engenharia. Exerce sua atividade profissional em Curitiba." In: CÂMARA DE EXPANSÃO ECONÔMICA DO PARANÁ. **1º Centenário da Emancipação Política do Paraná**. Edição do Governo do Estado, 1953. p. 61

174 CÂMARA DE EXPANSÃO ECONÔMICA DO PARANÁ. **1º Centenário da Emancipação Política do Paraná**. Edição do Governo do Estado, 1953. p. 68

175 Ibidem. p. 61

Corroborando com este discurso, as imagens do livro *Paraná, Brasil* enaltecem as cidades paranaenses, principalmente Curitiba (Figura 24)

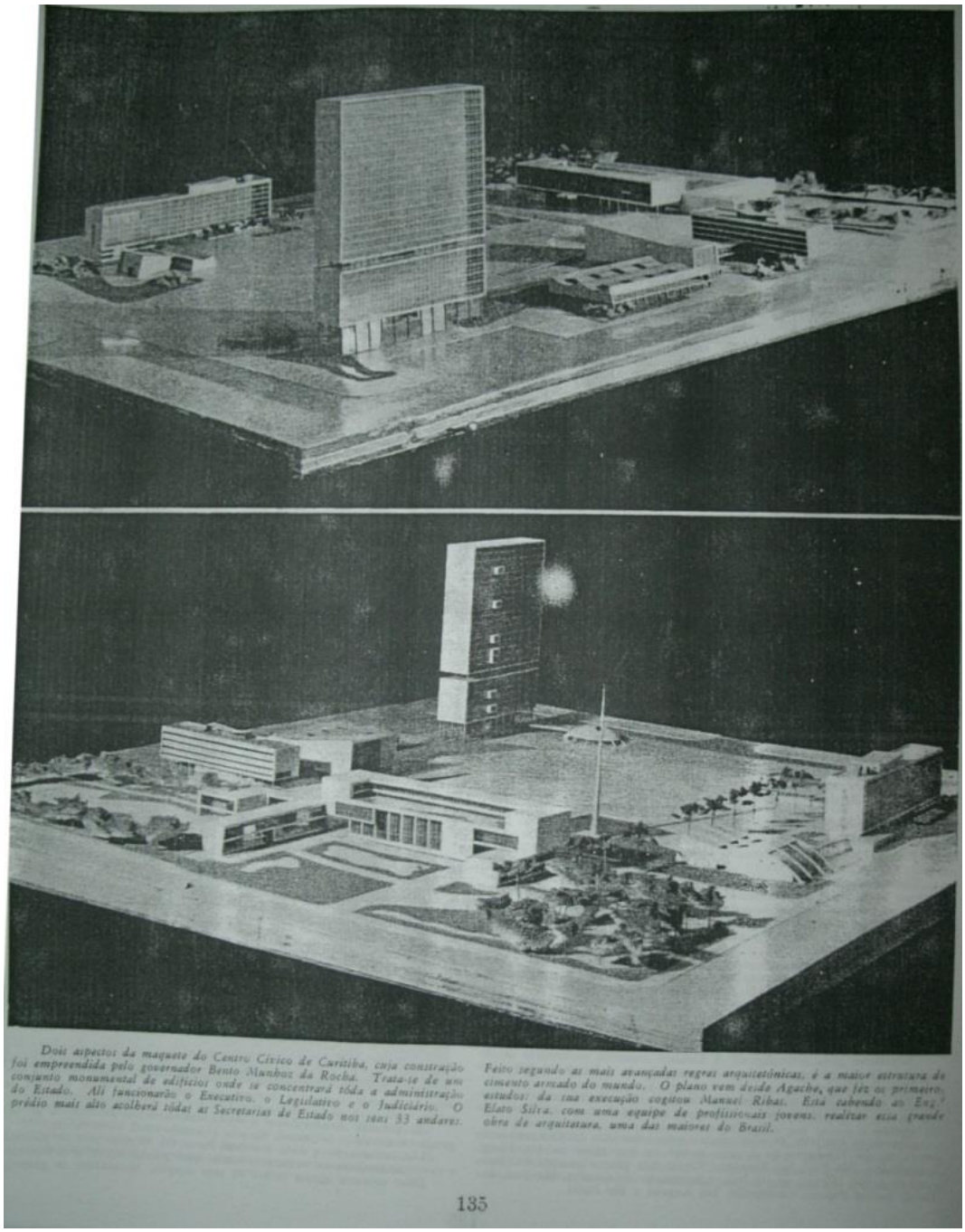


Figura 23. “Dois aspectos da maquete do Centro Cívico de Curitiba, cuja construção foi empreendida pelo governador Bento Munhoz da Rocha. Trata-se de um conjunto monumental de edifícios onde se concentrará toda a administração do Estado. Ali funcionarão o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. O prédio mais alto acolherá todas as Secretarias de Estado nos seus 33 andares.”
“Feito segundo as mais avançadas regras arquitetônicas, é a maior estrutura de cimento armado do mundo. O plano vem desde Agache, que fez os primeiros estudos: da sua execução cogitou Manoel Ribas. Está cabendo ao

Engº Elato Silva, com uma equipe de profissionais jovens, realizar essa grande obra de arquitetura, uma das maiores do Brasil.”
Fonte: Álbum 1º Centenário de emancipação política do Paraná.[176]

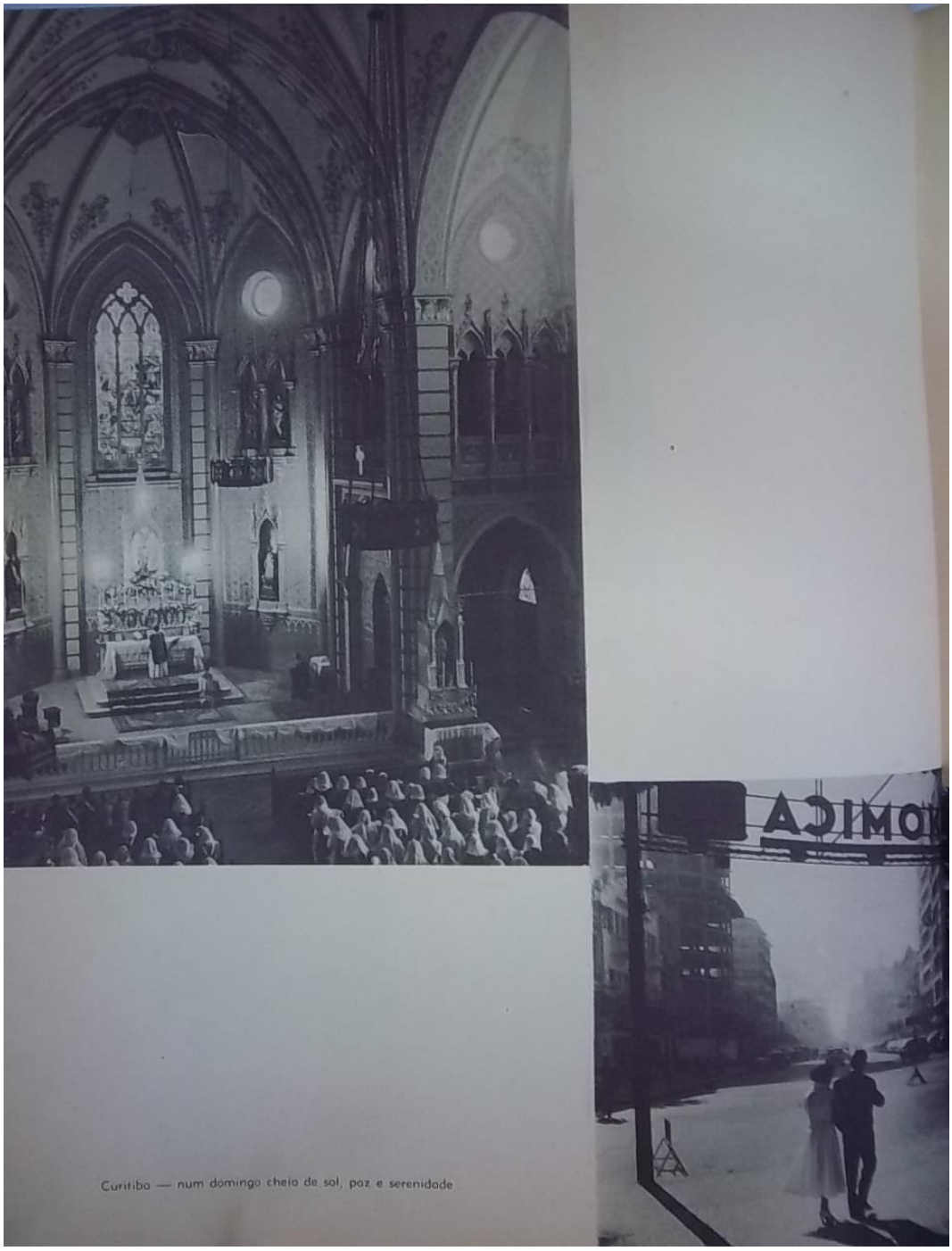


Figura 24. “Curitiba – num domingo cheio de sol, paz a serenidade.”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[177]

[176] CÂMARA DE EXPANSÃO ECONÔMICA DO PARANÁ. **1º Centenário da Emancipação Política do Paraná**. Edição do Governo do Estado, 1953. p. 135
[177] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.

Grande parte do capítulo é dedicada à capital, que é enaltecida como semelhante às capitais europeias, pelo clima, pela arquitetura, pela qualidade do povo que lá reside. Há, claramente, o investimento em elementos discursivos que criam Curitiba, principalmente para o estrangeiro, quer seja ele imigrante ou investidor.

b. Paraná – terra das sete maravilhas modernas do universo

O Paraná que o governo quer mostrar no momento de comemoração do primeiro centenário não prescinde das belezas naturais, constantemente exaltadas nos materiais produzidos em razão destas comemorações. Na tentativa de integrar o antigo e o moderno, são produzidos diversos enunciados exaltando a riqueza do solo, a beleza das araucárias, a magnitude dos rios e das quedas d'água. No álbum *Paraná, Brasil* há diversas páginas dedicadas integralmente a mostrar a natureza, sem adição de legendas, como se as imagens auto definissem seu valor e a razão de estarem expostas ali.

O desmatamento não se coloca como um problema porque há a ideia de que é necessário derrubar para fazer lavouras de café, para construir as vilas e cidades, para alimentar a indústria de papel e de beneficiamento de madeira, etc. O fim, que é o progresso, apresenta-se como justificativa para os meios. Liliane Freitag analisa esta contradição na formação das cidades do extremo-oeste paranaense

> As cidades que brotam de "derrubadas" destacam-se, por tal via discursiva, como centros irradiadores de iniciativas progressistas das empresas de colonização. Suas imagens serão comumente associadas aos "grandes ideais" de trabalho, atributos esses características de um novo tempo de nova velocidade que chegava com a modernidade.
> A noção de progresso, extensão da modernidade assume, na imagem a seguir, uma materialidade criadora e ao mesmo tempo destrutiva: a natureza sucumbe para que a cidade possa nascer. Essa contraditória sensação assume um significado positivo quando colocadas em contraposição às benesses trazidas pelo desenvolvimento. (vide fotografia 5)[178]

[178] FREITAG, Liliane da Costa. **Extremo-oeste paranaense:** história territorial, região, identidade e (re)ocupação. 2007. 209 p. Tese (Doutorado em História) – UNESP, Franca, São Paulo, 2007. p. 164

A construção da imagem que segue (Figura 25) dá centralidade ao homem a cavalo e pode sugerir o caminho que se almeja percorrer no Estado, rumo ao desenvolvimento, ao progresso, à luz. O desmatamento visível na fotografia pela presença de poucas árvores e o que parece ser uma casa ao longe, não é visto como uma contradição a este discurso, pois a preservação das riquezas naturais deve estar alinhada ao imprescindível progresso.

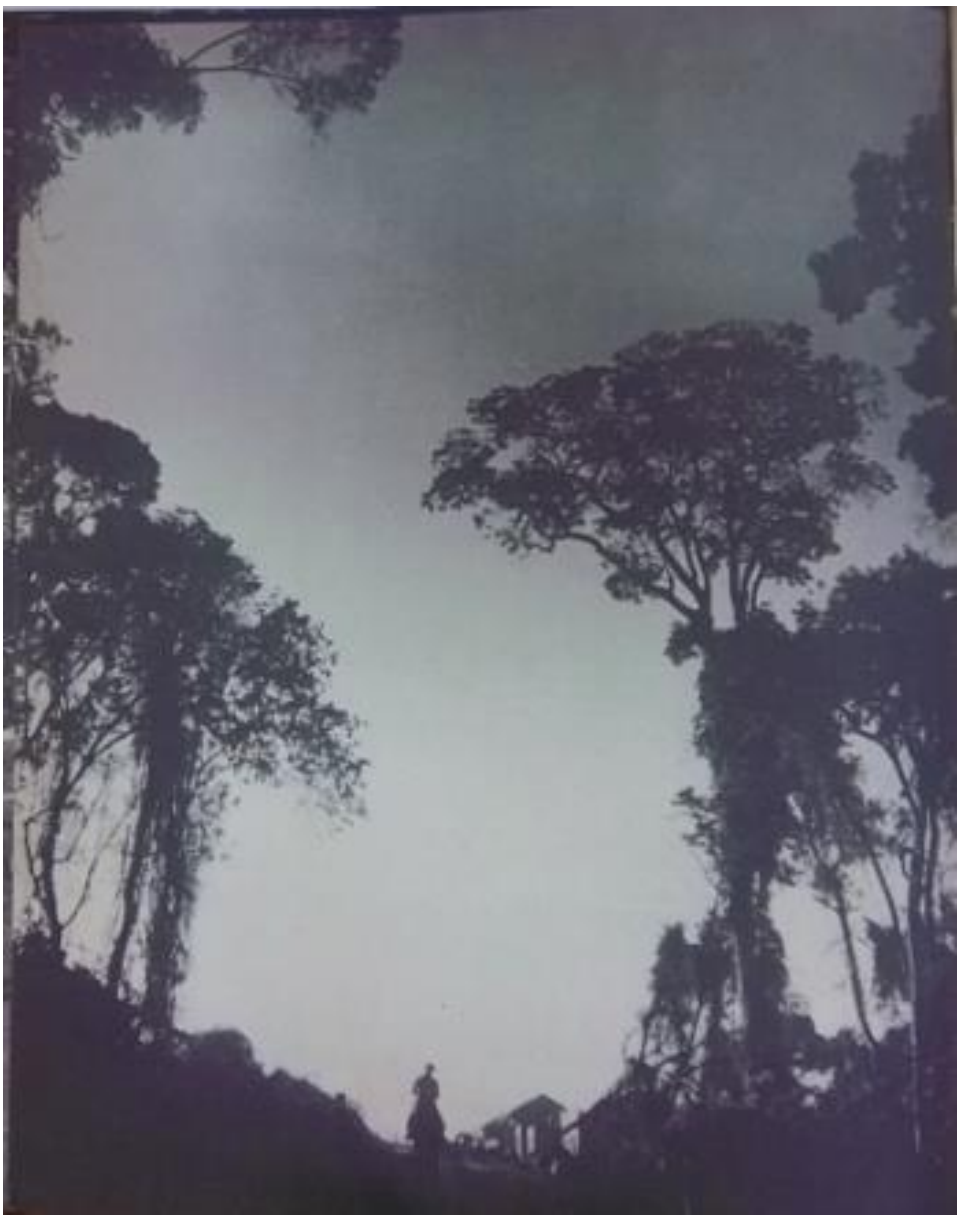


Figura 25. (Sem legenda)
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[179]

[179] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.

Figura 26. “O fogo abre clareiras que vão pontilhando de civilização os caminhos da conquista.”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[180]

Ao falar da natureza no capítulo *Aspectos Gerais e Econômicos do Paraná*, Raul Gomes destaca

[180] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N

> E para encerrar estas referências às SETE MARAVILHAS DO PARANÁ, duas palavras sobre o PAÍS DA TERRA ROXA a que dediquei monografia nesta obra. Por mais que se deseje colorir dos mais belos nuances as descrições e referências a esta região de encantamento e opulência, a materialização perfeita do EL DORADO com que sonhavam os aventureiros europeus e paulistas da época das bandeiras, nunca a execução artística seria próxima da realidade.
> E quem atravessa aquelas paragens, quase ensurdece ouvindo [*] histórias da indizível riqueza local.[181]

As referências ao *eldorado* são interessantes pois remetem a discursos já utilizados anteriormente no Estado, principalmente em propagandas da região norte, em especial Londrina,

> A noção de progresso ganhou, neste período [décadas de 1950 e 60], uma nova face: o Norte do Paraná passou a ser caracterizado como o Eldorado Cafeeiro, ideia cujo desdobramento engendrou a figura do pioneiro. Resultante de um complexo emaranhado de relações socioeconômicas e políticas, essa representação parece ser, por um lado, produto da recriação das imagens da Marcha para Oeste cunhados por Cassiano Ricardo e, por outro, da própria comparação empreendida no registro da crônica e da ciência entre a Marcha para o Oeste no Brasil e nos EUA.[182]

O autor Raul Gomes segue ressaltando a natureza paranaense, como o parque de Vila Velha, em Ponta Grossa, as Sete Quedas, em Guaíra, as Cataratas do Iguaçu, em Foz do Iguaçu, as estradas de ferro, em especial a linha Curitiba-Morretes, entre outros elementos. Contudo, merece novo destaque a atenção dada às cidades, principalmente aquelas consideradas modelo de organização e desenvolvimento, especialmente Londrina e Maringá. O norte paranaense é muito enaltecido e chamado pelo autor de “Eldorado para os antigos e país da terra roxa para os modernos”[183]. Londrina é considerada a cidade exemplar do progresso do Estado e análise dos discursos sobre esta cidade será tema do próximo tópico.

---

* Trecho ilegível na fonte.

[181] CÂMARA DE EXPANSÃO ECONÔMICA DO PARANÁ. **1º Centenário da Emancipação Política do Paraná**. Edição do Governo do Estado, 1953. p. 112

[182] ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**. Representações da política em Londrina (1930-1975). Londrina, PR: EDUEL, 2008. p. 65

[183] CÂMARA DE EXPANSÃO ECONÔMICA DO PARANÁ. op. cit.. p. 136

c. Muita luz, muito movimento, muito progresso

A oposição antigo/moderno é recorrente em diversas fontes analisadas, mas ganha especial destaque no livro de imagens *Paraná, Brasil*. As fotografias de Peter Scheier foram selecionadas e dispostas não de maneira aleatória, mas que contribuíssem para a construção de certas interpretações e determinados discursos. Logo nas primeiras páginas do álbum esta dicotomia fica clara:

Figura 27. “Um momento de descanso no trabalho intensivo da desmatação e da derrubada.” “O progresso anda depressa em Londrina.”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[184]

Como se unissem passado e presente de um mesmo espaço, as imagens sugerem que o que está retratado na primeira logo tornar-se-á o que está na segunda, graças ao trabalho incessante dos laboriosos colonos. Enquanto na primeira imagem o tempo parece ter parado, na segunda o efeito criado pelas luzes dos carros indica o movimento, o fluxo constante, como algo próprio do que é moderno. Estas oposições corroboram, de maneira sutil, a

[184] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N

ideia do progresso como algo bom, que põe a vida em movimento, que gera riqueza e desenvolvimento, ao mesmo tempo em que desvaloriza o que é do campo, pois este precisa passar pelo processo de transformação – derrubada das matas, construção de vilas – para tornar-se bom.

Outro exemplo dessa oposição apresenta-se na imagem a seguir (Figura 26), que foi escolhida para o livro por representar os interesses conflitantes naquele momento – o tradicional e o moderno –, os quais o governo buscava amenizar e fazer confluir para o progresso do Estado.

Figura 28. “Ao lado da Casa do Estudante, duas notas características o velho pinheiro e o carroção colonial que leva lenha e verduras à cidade.”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[185]

[185] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N

Até mesmo quando são mostrados elementos próprios da cidade há uma distinção entre o velho e o novo, buscando evidenciar a superação do primeiro pelo segundo, como na imagem (Figura 27) a seguir:

Figura 29. “A cidade cresce sem parar...”
“Algumas construções envelheceram precocemente, cedendo lugar a novas e arrojadas concepções arquitetônicas.”
“E o mundo que cresce em torno dele não prescinde do seu quinhão de esforço.”
Fonte: Fonte: Paraná, Brasil (1953)[186]

[186] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N

Esse envelhecimento, próprio da era moderna, é o retrato do progresso, pois não é necessário estar velho para ser considerado ultrapassado. Se houver uma concepção mais atual ela irá substituir a anterior, mesmo que não seja tão bom quanto ela, apenas por ser mais atual. O progresso necessita desse movimento constante para existir, pois ele é sempre uma meta a ser alcançada, sendo que nenhum governo dirá que determinado nível de desenvolvimento é suficiente e que, quando alcançado, as medidas adotadas para o progresso cessarão. É o que representa também a seguinte imagem:

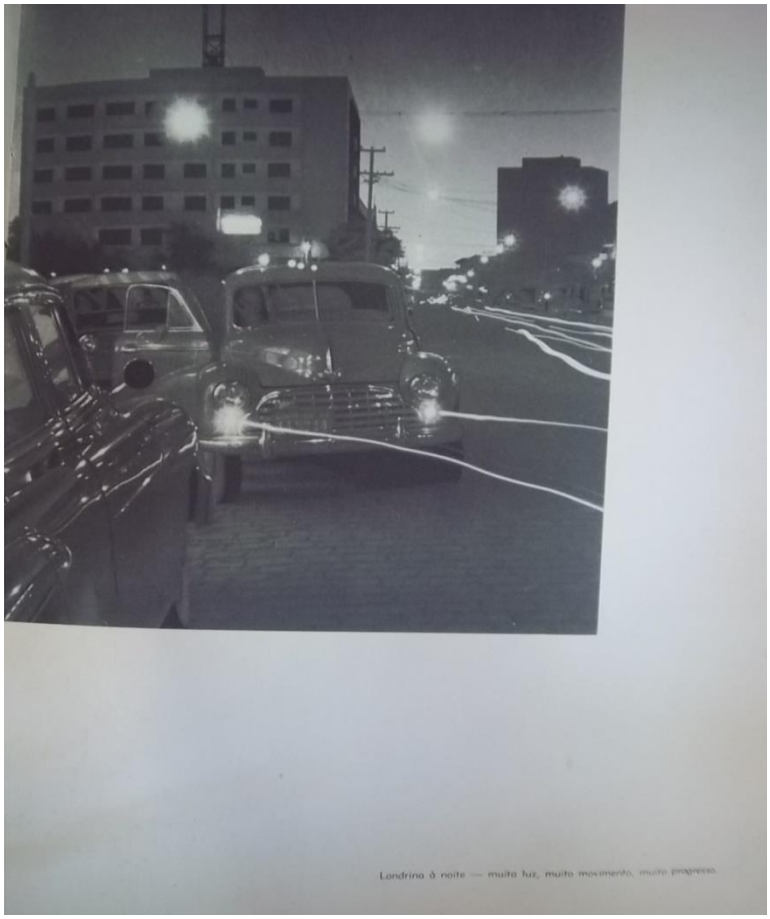


Figura 30. “Muita luz, muito movimento, muito progresso.”
Fonte: Paraná, Brasil (1953)[187]

O efeito acrescentado à imagem corrobora a ideia de luz em movimento, associadas ao progresso representado pela arquitetura de linhas retas ao fundo e pelas ruas pavimentadas, bem iluminadas e com vários carros. Mesmo que o carro em destaque na imagem esteja parado – a porta do lado direito está aberta – a legenda e o efeito de luz induzem o leitor ao discurso que está

[187] PARANÁ, Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953. S/N.

sendo construído e reafirmado neste e em outros materiais. Assim, conforme visto, a imagem do Paraná que se quer construir busca mesclar o antigo e o moderno, o velho e o novo, o segundo como uma superação inevitável do primeiro. Os interesses cosmopolitas do governo, vinculados a modernidade e ao progresso, não podem emancipar-se do arcaico, pois o poder, conforme analisa Foucault, não está restrito a uma instituição ou a um grupo, ele é maleável e permeia as mais diversas instâncias das nossas vidas. Deste modo, no momento do centenário, com as atenções de investidores, empresas colonizadoras e migrantes voltadas para o Paraná, o governo buscou investir numa imagem moderna, tentando conciliar natureza e desmatamento, estática e movimento, o velho e o novo. Contudo, como ainda dependia, mas sua interdependência com os grupos tradicionais não lhe permitia fazer uma ruptura completa, e muito do passado foi revisitado e revalorizado, como parte do caminho que se percorreu até chegar ao tão desejado progresso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito da presente pesquisa foi analisar um recorte da história paranaense, permeado por discursos vinculados às comemorações do 1º centenário de emancipação política do Estado, em 1953. Estes discursos se mostraram durante a pesquisa como continuidades históricas de outros já enunciados, como, por exemplo, quando buscaram inspiração no movimento paranista, do início do século XX. São continuidades, sim, porém não são idênticos àqueles interiores, pois há, também, uma série de rupturas e a incorporação de novos elementos. Foram estes descaminhos dos discursos que busquei analisar aqui.

Considerando que o discurso se constrói no e pelo poder, foi imprescindível a análise de fontes consideradas oficiais, produzidas ou financiadas pelo próprio governo. Contudo, isto não indica um reconhecimento do poder governamental como mais importante ou superior às diversas nuances que o poder pode assumir. O que quis demonstrar é que o governo, como detentor legitimado do poder, dispõe de estratégias e ferramentas que tornam o seu discurso mais verdadeiro que o de outros, pois tem a possibilidade de recorrer, quando convém, aos especialistas e ao discurso científico, justificando e instituindo ações.

A recorrência dos termos modernidade e progresso foi algo que chamou a atenção desde o primeiro contato com as fontes, pois são estes os fios condutores dos enunciados discursivos analisados. O que se percebeu foi que a insistência no uso destes termos visava não somente descrever projetos da época, mas, principalmente, instituir determinada visão sobre o Estado, que buscava se firmar como em pleno desenvolvimento no cenário nacional, haja vista a prospecção que a alta produção de café havia lhe conferido no período.

Na busca por evidenciar questões novas a historiografia paranaense muito contribuiu, pois iluminou os caminhos da pesquisa, mostrando um pouco do que já foi investigado e instigando para outras inúmeras possíveis questões. Com o objetivo de demonstrar, através da análise das fontes, os enunciados produzidos durante o governo de Bento Munhoz da Rocha Neto (1951-1955), o

trabalho foi dividido em três capítulos, que demonstraram os elementos proeminentes nos discursos ditos oficiais.

No capítulo um analisei a relação entre os discursos e uma identidade para a população paranaense. Foi possível perceber que o governo tinha especial interesse no controle da ocupação do Estado, dando preferência aos imigrantes estrangeiros e vendo nos migrantes nacionais um perigo ao almejado progresso. Assim, os indivíduos considerados adequados ao projeto de desenvolvimento posto em prática pelo governo são enaltecidos, quase reverenciados. Trata-se, sobremaneira, de hierarquizar os diferentes grupos que compunham a sociedade da época, classificando alguns como mais aptos ao progresso do que outros. Estes outros, ademais, deveriam ser motivo de preocupação e investimentos do governo, a fim de serem readequados e instruídos para o trabalho, o estudo, a civilização. Nas disputas de poder que classificam os discursos como verdadeiros, os enunciados oficiais, ou, neste caso, governamentais, tendem a se sobressair aos outros e imporem-se como os únicos válidos. Foi uma tentativa de desconstrução destes enunciados que procuramos fazer aqui, a fim de mostrar suas contradições e atos falhos, denunciando sua aparente lisura como forma de se sobressair de uma base de outros discursos, tão ou mais verdadeiros que os oficiais.

Ainda analisando a população, mas com mais ênfase no controle da produção agrícola, o capítulo dois demonstrou a ação do Estado no gerenciamento da produção, decidindo o que seria produzido, como seria e, principalmente, quem produziria. Agindo através de órgãos criados exatamente para este fim, o governo legitima a ação de técnicos agrícolas, profissionais da saúde, educadores, advogados, que, detentores do conhecimento necessário, guiavam as ações dos trabalhadores, indicando como deveriam realizar seu trabalho no campo. Mais do que uma preocupação com o bem estar dos agricultores, o intuito destas iniciativas era gerir mais pontualmente suas ações, de forma que contribuíssem para a consolidação do progresso no Estado.

Por fim, no capítulo três ficou evidente a intenção de criar uma imagem sobre o Paraná, reforçando as belezas naturais, enaltecendo a gente que aqui vivia e demonstrando o desenvolvimento e o progresso que o Estado havia alcançado. O Paraná, mostrado como um Estado moderno, com características do sul europeu, seria o destino ideal para aqueles que quisessem fixar moradia

ou investir em fazendas, principalmente as de café, e em indústrias, especialmente a de madeira. Algumas contradições se evidenciam neste capítulo, na medida em que valorizar a natureza e destruir a mata para construção de vilas, ou para a venda da madeira, não se mostram como um problema. São os custos do progresso, aceitáveis, dentro da lógica do bem maior. Além disso, evidenciou-se a tentativa de contornar alguns conflitos da época, investindo na mescla de antigo e moderno, velho e novo, o segundo como uma superação inevitável do primeiro, mas com seu valor reconhecido no seu tempo específico.

O objetivo deste trabalho foi, portanto, investigar algumas questões que me chamaram a atenção nas fontes analisadas. O recorte levou em consideração a atuação específica de Bento Munhoz da Rocha Neto, professor e, portanto, intelectual paranaense, que governou o Estado no início dos anos 1950. As indicações feitas não encerram a análise das fontes e muito menos do período, ao contrário, instigam para outras possíveis análises. A intenção foi, deste modo, contribuir para a compreensão de discursos do referido período e também dos dias atuais, quando muitos dos elementos são ressignificados e utilizados em novos enunciados discursivos. O progresso, por exemplo, continua a ser o horizonte inalcançável, ao qual todos os governantes se lançam, mesmo sabendo que será um movimento contínuo e eterno.

Assim, sem ilusórias pretensões, esta pesquisa não encerra nem conclui coisa alguma, apenas dá algumas indicações do que pode ter sido a história naqueles momentos. Mas, se por sorte ela levar os seus leitores a algumas inquietações e dúvidas, abrindo possibilidades para novas e mais aprofundadas pesquisas, terá alcançado seu objetivo maior, que é aguçar à curiosidade, proporcionando ao sujeito que a lê a percepção dos descaminhos do conhecimento, que pode ser escrito e reescrito, por sujeitos diversos, com perspectivas diversas, sendo este o melhor jeito de conhecer.

FONTES

PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1951.

PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 2ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1952.

PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 3ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná. Curitiba, 1953.

PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 3ª Legislatura pelo Senhor Antônio Annibelli, Governador do Paraná. Curitiba, 1955.

PARANÁ, Câmara de Expansão Econômica. 1º Centenário Da Emancipação Política Do Paraná, 1853-1953. Edição do Governo do Estado, 1953.

PARANÁ. Serviço de Imprensa. Paraná, Brasil. Edição comemorativa do 1º Centenário do Estado do Paraná. Fotos de Peter Scheier. Curitiba: Impressora Paranaense, 1953.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. Imagens do acervo: Peter Scheier. Disponível em: http://www.ims.com.br/ims/ Acesso em: junho de 2013.

GUIA GLOBO PARANÁ DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO (1953-1954). Porto Alegre: Clarim, 1953.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. A história em jogo: a atuação de Michel Foucault no campo da historiografia. In: **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: EDUSC, 2007, p.165-182.

_____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo, Cortez, 2011.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. **A busca de valores identitários: a memória histórica paranaense**. Curitiba, Dissertação (Mestrado), UFPR, 2007.

BENJAMIN, WALTER. **Obras Escolhidas**. (5 ed.) São Paulo: Brasiliense, 1993.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Fazer ver o que vemos: Michel Foucault - por uma história diagnóstica do presente. **História Unisinos**, v. 11, n.3, p.321-229, set./dez. 2007.

CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce. MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CHARTIER, Roger**. A História Cultural**: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ELFES, Albert. **Campos Gerais: Estudo de Colonização**. Curitiba: INCRA, 1973.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2ª ed. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.

FREITAG, Liliane da Costa. Extremo-oeste paranaense: história territorial, região, identidade e (re)ocupação. 2007. 209 p. Tese (Doutorado em História) – UNESP, Franca, São Paulo, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**: curso dado no College de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. A "Governamentalidade". In: **Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.281-305.

GOUVEIA, Sonia Maria Milani. **O edifício, o homem e a cidade por Peter Scheier**. Dissertação de Mestrado. USP. 2008.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. **História & Audiovisuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. P. 108

IPARDES. **O Paraná reinventado**: política e governo. 2 ed. Curitiba: 2006.

LIMA, Solange Ferraz de. CARVALHO, Vânia Carneiro de. São Paulo Antigo, uma encomenda da modernidade: as fotografias de Militão nas pinturas do Museu Paulista. Anais do Museu Paulista, Nova Série, n. 1, 1993. p. 147-179.

LINHARES, Maria Yedda. **História Geral do Brasil** (Org.). 9ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, p 11-36, 2006.

OLINTO, Beatriz A. **Pontes e Muralhas**: Diferença, Lepra e Tragédia no Paraná do Início do Século XX. Guarapuava: UNICENTRO, 2007.

OLIVEIRA, Ricardo de. SALLES, Jefferson de Oliveira. KUNHAVALIK, José Pedro. **A construção do Paraná moderno**: políticos e política no Governo do Paraná de 1930 a 1980. Curitiba, PR: SETI, 2004.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes. Paranismo: cultura e imaginário no Paraná da I República. 1996. 276 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

PINTO, Céli Regina Jardim. Elementos para uma análise de discurso político. **Barbarói**, nº 24, ano 2006/1, p. 78-109.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Editora Claraluz, 2005.

RIZZO, Deisi. **Saneamento e sertão**: discursos médicos, políticas sanitárias e colonização no Paraná. Guarapuava: Unicentro, 2012.

ROCHA NETO, Bento Munhoz da. **O Paraná, Ensaios**. Curitiba, PR: Coleção Farol do Saber, 1995.

SALTURI, Luis Afonso. Paranismo, movimento artístico do sul do Brasil no início do século XX. **Perifèria**. n 11, dez. 2009, p. 1-22

SERRA, Elpídio. Um pouco da história do cooperativismo no Paraná. **Boletim de Geografia**. UEM. Ano 13. vol. 13, n. 1 55-62 (1995)

SILVA, Marcos. Rir por último. Henfil, a ditadura militar e os contextos. **Projeto História**, São Paulo, v. 24, p. 337-357, jun. 2002.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

STEIN, Marcos Nestor. **O oitavo dia**: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios – PR (segunda metade do século XX). Guarapuava: Unicentro, 2011.

_____. Imigração, colônias agrícolas e etnicidade: uma análise sobre discursos de identificação no Paraná. **História: Debates e Tendências** – v. 14, n. 1, jan./jun. 2014, p. 108-123

WACHOWICZ, Ruy Christovam. História do Paraná. Curitiba, PR: Gráfica Vicentina, 2001.